

MARCELO PONESTKI OLIVEIRA

**PRÁTICAS CORPORAIS EM MEIO À NATUREZA: O CASO DO
PARQUE BARIGUI - CURITIBA-PR.**

Dissertação de Mestrado defendida como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

MARCELO PONESTKI OLIVEIRA

**PRÁTICAS CORPORAIS EM MEIO À NATUREZA: O CASO DO
PARQUE BARIGUI - CURITIBA-PR.**

Dissertação de Mestrado defendida como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Dra. Simone Rechia.



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Departamento de Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

MARCELO PONESTKI DE OLIVEIRA

“Práticas Corporais Realizadas em Meio a Natureza”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa Sociologia para o Esporte e o Lazer, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professora Dra. Simone A. Rechia (Orientadora)
Departamento de Educação Física / UFPR

Professor Dr. Edgard Matiello Junior

Professor Dr. Rodrigo Siqueira Reis

Curitiba, 28 de Janeiro de 2009

AGRADECIMENTOS

Após vencer mais uma importante etapa de minha vida devo reconhecer que embora tenha sido um momento de muito trabalho, nada disso seria possível se não através da ajuda de várias pessoas e que gostaria de prestar minha sincera gratidão.

Não poderia deixar de começar agradecendo á Deus, pois reconheço sua benção e sua força me guiando em todos os momentos de minha vida, o que me dá total confiança e tranqüilidade para superar as dificuldades e continuar com a missão.

Aproveito a oportunidade para homenagear as mulheres mais importantes de minha vida. Minha mãe, pessoa que jamais negou ajuda àqueles que dela um dia necessitaram e que me proporcionou educação bem como as condições para que até aqui eu chegasse. Minha companheira Sue Helen, pelo amor, paciência e apoio incondicional durante todo processo de mestrado e que além de ter me ajudado na produção deste trabalho tem sido minha companheira durante os últimos oito anos como minha melhor amiga, mas que na verdade ocupa um lugar imenso em meu coração como o único amor de minha vida.

Ao Professor Rodrigo Reis, pois foi o principal responsável, ao lodo do professor Ciro Rodriguez-Añez e todos os GPAQ'anos, pelo processo de minha iniciação no campo acadêmico/científico. Além disso, foi através dele que conheci a minha orientadora neste trabalho.

À Professora Simone Rechia, por ter apostado em mim acreditando que tudo isto seria possível, pelas orientações e pelo exemplo de humanidade, de força e da espiritualidade sempre presentes em suas expressões. Também a todo "timão" da Sí que muito me ajudou durante os debates e discussões proferidos na sala de estudos do GEPLC. Valeu meninas e meninos, continuem "geplecando" muito.

Aos Professores do programa de mestrado Wanderley Marchi Júnior, Fernando Mezzadri e Fernando Cavichioli por contribuírem para minha formação e também aos professores Edgard Matiello Junior e Lindomar Wesller Boneti pelas valiosas contribuições, fundamentais para o desenvolvimento desse estudo.

Não poderia deixar de reconhecer meus colegas e amigos mestrados e mestradas que dividiram comigo muitos momentos de produção mais também de descontração. Agradeço a todos pelo convívio sadio e pelo amadurecimento acadêmico que compartilhamos, especialmente ao Renato Valentim, Leôncio de Almeida Reis, Pedro Bevilaqua Alves, Isabel Martines, Fernanda da Costa, Flávia Vieira, Talita Santos, Felipe Gonçalves, Aline Tschoke, Fernando Borges, Saulo Prestes, Tatiana Moreira e Ricardo Rosa

À todos que contribuíram direta ou indiretamente para que essa pesquisa fosse efetivada e que não estão aqui nomeados, mas que merecem a minha gratidão.

RESUMO

Curitiba possui reconhecimento nacional e até mundial de ser uma cidade planejada, destacando-se a sua relação com a preservação ambiental. Nesse sentido, foi criado, a partir do século XX, uma grande quantidade de parques urbanos que surgiram, inicialmente, para conter os avanços demográficos, a preservação de fundos de vale, de matas ciliares e ribeirinhas e de nascentes de rio, numa alusão a “dar água à cidade” controlando as enchentes que ocorriam na cidade. Esse trabalho apresenta os processos contraditórios desse processo, bem como o fato de que, a partir de tais constatações, se abriram novas possibilidades de apropriações significativas no tempo/espço de lazer da população local, tornando os parques públicos da cidade verdadeiras “praias” dos curitibanos. Nesse sentido, escolheu-se o parque Barigui, um dos mais antigos e freqüentados da cidade, como objeto de estudo com o objetivo de reconhecer quais os significados contemporâneos das práticas corporais realizadas nesse espaço. A pesquisa é de cunho qualitativo com uma abordagem etnográfica inspirada em Geertz (1989) desenvolvida através de “descrição densa” do cotidiano do parque seguindo como referencial o modelo de análise cultural. Para tanto, foram realizadas observações sistemáticas do cotidiano do parque, bem como foram selecionados e entrevistados alguns atores sociais. Tal processo veio complementar a revisão de literatura que, além do levantamento sobre o planejamento urbano de Curitiba, buscou localizar historicamente os significados atribuídos às práticas corporais, à relação dessas com o tempo/espço de lazer, com o ambiente natural e com a saúde de seus praticantes, e ainda, os programas de políticas públicas de incentivo à prática de atividade física populacional. Os resultados desse trabalho mostram relações significativas de proximidade geográfica dos usuários do parque e, embora o Barigui seja berço de uma variedade enorme de vivências materializadas no tempo/espço de lazer, as principais práticas corporais observadas no local foram, respectivamente, a caminhada e a corrida, sendo aquela praticada em maior número por mulheres e esta por homens. Em síntese, os principais signos atribuídos a essas vivências possuem uma relação direta com a saúde de seus praticantes. Além disso, a sociabilização promovida pelos encontros durante as práticas foi entendida como positiva por todos os usuários entrevistados. O contato com a natureza foi tido como importante para muitos usuários, todavia, os “atletas amadores” que treinam no parque possuem uma visão reducionista do local, onde a natureza local passa a ser percebida apenas como “pano de fundo” de suas práticas. Para esse grupo, além da menor sensibilidade como o meio, há uma maior preocupação com as manifestações fisiológicas do exercício físico e a busca da promoção da saúde através de uma melhor aptidão física, refletindo uma cultura biologicista histórica das práticas corporais no Brasil. Por fim, acredita-se que tais descobertas poderão auxiliar a área de Educação Física, bem como as ações de políticas públicas, para atenderem às reais necessidades do sujeito em sua totalidade. Poderão, ainda, auxiliar os programas fundamentados na ocupação do tempo/espço de lazer da população, na medida em que estes levem em consideração a conquista histórica dos trabalhadores pelo seu tempo disponível e que respeitem o caráter de liberdade do lazer, sendo os parques considerados como um lugar de organização da cultura.

Palavras-chave: Parques Urbanos; Práticas Corporais; Relação Corpo/Natureza/Saúde.

ABSTRACT

Curitiba, in the South of Brazil, is recognized in local and international scale as a designed city, highlighting its relation to environmental conservation. Concerning to this, several urban parks started to be created in the 20th century. Their goals, initially, were to inhibit population movements and to conserve valley floors, river borders, waterside forests and source of river areas. The concept was “give water to the city” by controlling floods. This study presents contradictory processes and shows that from some evidences new possibilities of significant allotment of time/space of leisure for the local inhabitants appear, converting public parks into real “beaches” for the people of Curitiba. The Barigui Park was selected as object of study because it is one of the oldest and more visited parks in the city, aiming to recognize the meanings of contemporary body practices undertaken in its space. This is a qualitative research with an ethnographic approach inspired in Geertz (1989). It was developed through a “dense description” of the park daily routine, applying, as referential, the cultural analysis model. Systematic observations of the park daily routine were accomplished and some social actors were chosen and interviewed for this purpose. This process complemented the review of the literature that, besides a survey of Curitiba urban planning, investigated the history of the meanings attributed to body practices, their relations with the time/space of leisure, with the natural environment and with the amateurs’ health, and also the public policy programs of encouragement of physical activities to the population. The results of this study showed significant relation of geographical proximity among the users of the park. Although Barigui be the origin of a considerable variety of experiences in time/space of leisure, the main body practices observed *in-situ* are walking and running, practiced by women and men, respectively. Summarizing, the main signs attributed to these experiences have a direct relation with the amateurs’ health. Moreover, the socialization that occurs during the practices was agreed as being positive by all users interviewed. Contact with nature was considered important for many users but the “amateur athletes” who train running have a reductionist vision of the place. It is perceived just as a “backdrop” for their exercises. This group, which has lower sensitivity to environment, expresses greater concern about the physiological evidences of physical exercise and about health promotion strategies through improved physical fitness, reflecting a historical biological culture of the body practices in Brazil. Finally, it is believed that such findings could help the Physical Education field as well as the actions taken by public policies, paying attention to these needs of the subject in its entirety. In addition, these programs based on the occupation of time/space of leisure of the population consider the workers’ historic achievement of their time of leisure, and respect the character of freedom of leisure, assuming the parks as a place of cultural organization.

Keywords: Urban Parks; Body Practices; Body/Nature/Health Relation.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 OS PARQUES PÚBLICOS URBANOS DE CURITIBA: QUESTÕES AMBIENTAIS E VIVÊNCIAS NO ÂMBITO DO LAZER.....	10
2.1 PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA.....	10
2.2 MEIO AMBIENTE E ESPAÇOS PÚBLICOS.....	16
2.3 PRÁTICAS CORPORAIS EM MEIO À NATUREZA.....	18
2.4 O TEMPO/ESPAÇO DAS EXPERIÊNCIAS NO ÂMBITO DO LAZER.....	24
3 ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE: PARA UM ENTENDIMENTO CONCEITUAL	31
3.1 ATIVIDADE FÍSICA E PRÁTICA CORPORAL.....	35
3.2 SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA.....	36
3.3 PROGRAMAS DE INCENTIVO À PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA.....	45
3.3.1 O Programa Curitibativa.....	52
3.3.2 Novas Perspectivas.....	57
4 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	62
5 MAPEANDO OS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS, AS PRÁTICAS CORPORAIS E O PERFIL DOS USUÁRIOS DO PARQUE BARIGUI	68
5.1 AS PRÁTICAS CORPORAIS NO PARQUE BARIGUI SEGUNDO SEUS FREQUENTADORES.....	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXOS.....	101

1 INTRODUÇÃO

As práticas corporais e suas relações com a saúde são problematizadas tanto no mundo ocidental como no oriental há muitos anos. No entanto, podemos perceber que essas adquirem diferentes significados em distintos momentos históricos e por diferentes culturas. No Brasil, muitas vezes, essas relações foram compreendidas a partir de certas influências políticas, controles sociais e culturais que foram estabelecidos historicamente e que, de certa forma, existem heranças dos significados dados ao corpo e suas práticas, no mundo contemporâneo.

Neste estudo localizamos algumas perspectivas históricas de análises sobre o corpo humano e suas práticas. Há aquelas vertentes que colocam as práticas corporais, por exemplo, relacionadas à aptidão física e à saúde e outras as colocam como fundamentais na formação do sujeito, ou até mesmo no equilíbrio biológico, associado as dimensões emocionais, culturais e históricas, entre outras.

Também dentro desta possível busca de um ser humano mais uno pelas práticas corporais, Maffesoli (1996) destaca a relação corpo/natureza, muito presente na sociedade contemporânea, o que desloca as discussões das práticas corporais conectadas ao ambiente natural, compreendendo a forte relação do sujeito com o espaço onde vive. Tal afirmação é destacada por Bruhns (2007), que afirma estar havendo uma crescente busca da natureza como locais destinados às práticas no âmbito do lazer, tanto com manifestações mais esportivas como também nas experiências com características mais voltadas à contemplação.

Desta forma, percebemos o caráter polissêmico que os estudos sobre as práticas corporais podem ter e reconhecemos que o trabalho qualitativo de cunho social não deve estar embasado em hipóteses lançadas á priori. Assim, nesse estudo torna-se de vital importância uma boa fundamentação teórica que busque alicerces para o pesquisador a respeito dos principais conceitos e teorias sociais que estejam relacionadas com a problemática central do estudo, bem como com os objetivos traçados na busca de responder tal problema de pesquisa.

Sendo assim, ao buscar interpretar os significados das práticas corporais realizadas no Parque Barigui, o presente estudo se inicia com um levantamento da cidade de Curitiba, seu planejamento urbano, a criação da marca identitária da cidade e as questões ambientais envolvidas nesse processo, dentre as quais destacamos a construção dos parques urbanos, e a constituição do Parque Barigui

como um dos mais antigos e freqüentados da cidade. Sendo assim, localizamos esse parque como um espaço urbano onde podem se materializar as práticas corporais em meio à natureza estreitando a relação corpo/natureza e as experiências no âmbito do Lazer do curitibano, compreendendo este como um fenômeno de direito constitucionalizado a todos. Em seguida, buscamos localizar historicamente a origem das práticas corporais relacionadas à saúde, para tanto tivemos que problematizar os conceitos de atividade física, práticas corporais, estilo de vida, sedentarismo, saúde e qualidade de vida. Acreditamos que o entendimento de tais categorias pode ser importante para a compreensão das vivências no tempo/espaço de Lazer contemporâneo. Nesse sentido, identificamos como ocorrem e quais são os programas de políticas públicas para incentivo à prática de atividade física populacional. Por fim, a pesquisa nos mostra as análises do estudo de campo e a tentativa de relacioná-las com o referencial teórico. Para tanto, foram mapeadas as práticas corporais vivenciadas no Parque Barigui e identificado o perfil de seus usuários, além da descrição e interpretação da fala de alguns freqüentadores.

O processo de formulação desta investigação foi encarado como um grande desafio, uma vez que até então as experiências acadêmicas na graduação e especialização do pesquisador permeavam por diferentes referenciais epistemológicos, seguindo uma linha de pesquisa que buscava contemplar as relações entre atividade física, saúde e qualidade de vida. De fato ainda consideramos tal discussão completamente pertinente, principalmente no âmbito da Educação Física. Toda via, ao iniciarmos o contato com a linha de Sociologia do Esporte e Lazer no programa de Pós-Graduação da UFPR, percebemos em algumas vertentes das discussões sociológicas que as práticas corporais se estabelecem a partir da dialética entre os processos sócio-histórico-culturais. Essa forma de compreender as práticas corporais abriu possibilidades de ampliar o conhecimento galgando novos horizontes sem, com isso, desconsiderar todo conhecimento adquirido durante a graduação e especialização, pelo contrário, passamos a estudar esse fenômeno a partir da análise dialética entre o social e o biológico.

Em síntese, nossa intenção é a partir dessa articulação teórica descrever e interpretar tal fenômeno cultural, baseados na pesquisa de cunho etnográfico proposta por Geertz (1989), a fim de responder a principal questão: Quais os significados atuais das práticas corporais atribuídos pelos usuários do parque? Para

tanto faz-se necessários reconhecer também através de um mapeamento quais são essas práticas? como e por quem são realizadas? qual a importância atribuída a essas práticas realizadas em meio à natureza? Em que perspectiva está centrada a relação de tais práticas com a saúde e qualidade de vida de seus praticantes? Qual a relação social estabelecida no tempo/espaço destas vivências? Até que ponto as políticas públicas municipais, por intermédio de programas de incentivo, interferem nesse contexto?

Consideramos que as respostas a essas inquietações poderão auxiliar novos estudos na área de Educação Física voltados para as reais necessidades do sujeito em sua totalidade, promovendo diversas reflexões, às quais possam gerar novos questionamentos sobre o tema, abrindo caminhos para diferentes considerações num processo dinâmico e contínuo de busca. Nesse sentido, ainda auxiliar na elaboração e manutenção de programas e políticas públicas efetivas que venham a possibilitar às pessoas vivenciarem a cultural corporal do movimento humano, respeitando, incentivando e oportunizando as práticas de lazer.

Após breve apresentação do referencial, da problemática, da justificativa, dos objetivos e da proposta metodológica desta pesquisa, buscaremos a seguir potencializar a discussão dessa temática a partir de algumas conceituações e referenciais que têm como finalidade nortear um futuro suporte teórico para o campo empírico.

2 OS PARQUES PÚBLICOS URBANOS DE CURITIBA: QUESTÕES AMBIENTAIS E VIVÊNCIAS NO ÂMBITO DO LAZER

2.1 PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

Embora os parques públicos representem apenas um dos espaços construídos em meio urbano nessa mescla entre o natural e o criado, podem representar um lugar dotado de múltiplas práticas sociais dinâmicas de diversas dimensões que mesclam pode ser m de parques presentes na cidade de Curitiba como espaços de lazer dotados de múltiplas práticas sociais. No entanto faz-se necessário compreender o seu reconhecimento nacional e até mesmo internacional, muitas vezes alavancados através dos apelos midiáticos, o qual a considera modelo urbanístico a ser seguido. Dentre os projetos arquitetônicos da cidade podemos destacar seu sistema diferenciado de transporte coletivo e sua relação ambiental, que a colocam como capital ecológica. A beleza arquitetônica da capital paranaense reúne modernos e ousados projetos e instalações urbanas buscando uma aproximação com o meio natural, privilegiando os espaços destinados a experiências no tempo e espaço do lazer, esporte e cultura. Para Rechia (2003), existe uma possível marca identitária¹ conferida à cidade.

“A cidade, como paisagem artificial criada pelo homem, é um mundo de ruas, casas, edifícios, parques, praças, avenidas, num misto entre espaço natural e criado, formada por objetos e imagens, movimentada pela dinâmica entre a vida pública e privada, onde se articulam tempo/espaço, política, trabalho, cultura, consumo, lazer, entre outras dimensões. Portanto, o cotidiano das sociedades urbanas giram em torno de objetos fixos, naturais ou criados, aos quais se aplica o trabalho, cruzado por fluxos de pessoas, produtos, mercadorias e idéias, diversos em volume, intensidade, ritmo, duração e sentido. Desta forma, as grandes cidades contemporâneas constituem-se em múltiplas práticas sociais” (RECHIA, 2003, p.01)

As palavras da Professora Simone Rechia (2003) ensejam a apreensão das cidades como construções humanas onde se articulam os objetos fixos e os fluxos. Nesse sentido, buscamos reconhecer a Cidade de Curitiba, seu planejamento urbano, seu cotidiano citadino e dialético entre os objetos fixos e fluxos, as múltiplas práticas sociais no âmbito, político, cultural, do lazer, do trabalho, do consumo entre

¹ Segundo Rechia (2003), os gestores públicos responsáveis pelo planejamento e execução arquitetônica de Curitiba em ações conjuntas com a mídia, deixaram transparecer os objetivos de criar uma marca que identifique a cidade dentro de algumas perspectivas, como por exemplo a de “capital ecológica”. Para melhor compreender essa relação da mídia, do poder público e da população com a “marca identitária” da cidade ver Rechia (2003).

outras dimensões que identificam esta Cidade e que a diferencia ou a assemelha de outras grandes metrópoles.

Para tanto, entendemos ser importante analisar o contexto histórico do planejamento urbano de Curitiba, desde a emancipação política do estado do Paraná no final de 1853 e início de 1854, elevando a cidade a capital, originando algumas reformas na infra-estrutura local. Somente em 1940 foi proposta a construção de uma planta para a nova cidade sendo contratada, pela prefeitura, uma empresa de engenharia com o objetivo de conceber um plano diretor para Curitiba. O Plano Agache, como ficou conhecido posteriormente, foi implementado em 1943, estabeleceu alguns Códigos de Postura² e foi responsável pela primeira tentativa de organização da cidade compreendida em seu conjunto (COUTO, 2002; OLIVEIRA, 2001).

O plano teve alguns pontos norteadores e, em termos gerais, focou-se em três grandes áreas:

- 1) saneamento, com a drenagem dos banhados, canalização dos rios e ribeirões e construção da rede de abastecimento de água e coletora de esgotos; arborização de ruas e avenidas, criação de parques nos extremos da cidade e criação de um horto municipal;
- 2) circulação: descongestionamento do centro da cidade e criação das perimetrais externas (0, 1, 2 e 3);
- 3) órgãos funcionais: construção de um centro destinado às atividades administrativas, criação de um centro comercial, de um centro militar e de uma cidade universitária na periferia da cidade (OLIVEIRA, 2001 p. 97).

Somente em meados da década de 50 o discurso de embelezamento, oriundo dos imigrantes europeus, passou a ser vinculado ao paradigma da modernização³, gerando a construção de alguns prédios e a reconstrução de outros mais antigos da cidade, dentre os quais se destaca o Teatro Guaira. Foram também estabelecidos novos Códigos de Posturas para garantir a formatação de beleza na região central e que contribuiu com o avanço da legislação municipal sobre o meio ambiente, colocando em pauta, por exemplo, a criação de logradouros públicos arborizados

² Segundo Couto (2002), o Governo Municipal estabeleceu alguns códigos de postura, sob o formato de Lei, que tinham como missão, num primeiro momento, controlar o que deveria e o que não deveria ser realizado na Cidade dentro das perspectivas do poder público, “criando uma grande estrutura técnica para a municipalidade acompanhando o crescimento da cidade” (COUTO, 2002 p.232)

³ O período modernista surge em meados do século XX no Brasil e tem como marca principal a busca pelo moderno e inovador. O conjunto de movimentos culturais, podem ser percebidos tanto na literatura, pintura, escultura e manifestações artísticas, na arquitetura, design, e até mesmo dentro da política. No que diz respeito ao urbanismo modernista, muito embora este tenha uma ideologia de luta pela retomada do espaço urbano pelo poder público contra o caos gerado, principalmente, pelo capitalismo, para Sousa (2001), é possível perceber suas contradições práticas capazes de aumentar a desigualdade social entre outras citadas pelo autor.

(COUTO, 2002; OLIVEIRA, 2001). Nesse misto do meio natural aliado a projetos arquitetônicos europeus, França (2007) destaca a construção do Passeio Público como cópia fiel da arquitetura européia modernista e que contempla a preservação da natureza.

Entretanto, a década de 60 parece ter sido fundamental no processo de planejamento e urbanização da cidade. Apoiada no planejamento urbano “modernista”, a prefeitura institucionalizou órgãos, criou leis, comissões técnicas e seminários, com o objetivo de rever o plano Agache. Datam desta época, por exemplo, o IPPUC (Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana de Curitiba) e a URBS (Companhia de Urbanização de Curitiba). As ações de planejamento, gerenciamento e supervisão do novo plano diretor tinham como características centrais:

- 1) crescimento linear de um centro servido por vias tangenciais de circulação rápida;
- 2) hierarquia de vias;
- 3) desenvolvimento preferencial da cidade no sentido Nordeste-Sudoeste;
- 4) policentrismo e adensamento;
- 5) extensão e adequação das áreas verdes;
- 6) caracterização das áreas de domínio de pedestres;
- 7) criação de uma paisagem urbana própria (OLIVEIRA, 2001 p. 98-99)

Todo esse planejamento foi colocado em prática na década de 60 e continuou sendo base para a estruturação da cidade durante as duas décadas seguintes. Segundo Oliveira (2001), o fato de a cidade ter sido construída com base em um Planejamento Urbanístico, deu possibilidades aos investimentos observados em setores como os da cultura, esporte, lazer, educação, meios de transporte e abastecimento, além de grandes investimentos, dos gestores, a fim de criar uma imagem positiva da cidade e elevá-la ao *status* de modelo de urbanismo (OLIVEIRA 2001, RECHIA, 2003).

Apesar de algumas ações ditas ambientalistas terem sido tomadas na década de 60 e 70, como por exemplo, a inauguração dos dois primeiros grandes parques públicos (Barigui e São Lourenço) e a década seguinte ter sido marcada por uma série de mecanismos legais para conservação de áreas verdes, foi somente em meados dos anos 90 que surgiram as primeiras ações com preocupações realmente ambientais (HILDEBRAND et al, 2001; OLIVEIRA 2001).

Segundo Hildebrand, “em 1993 Curitiba avançou em termos de legislação ao aprovar a lei 8353/93, um verdadeiro código de áreas verdes, fato inédito em

qualquer cidade brasileira” (TRINDADE, 1995 apud HILDEBRAND et al, 2001 p. 123). Tal ação foi capaz de manter e aumentar as áreas verdes, além de colocar em pauta a preservação ambiental através de termos legislativos, implementando projetos como: câmbio verde, lixo que não é lixo, a criação da Universidade livre do meio ambiente, dentre vários outros que geraram alguns prêmios nacionais e internacionais pelas ações ecológicas, bem como despertou a atenção da mídia em todo o mundo.

Nesse sentido, os governantes de Curitiba seguiram fielmente o projeto de modernidade urbana. No entanto, na década de 90 a prefeitura buscou alicerçar-se nas recentes tendências mundiais de ecologismo⁴, lançando uma filosofia ambientalista e investindo em ações que buscavam criar, segundo Rechia (2003), uma identidade cultural da cidade como capital ecológica, conforme fica patente no trecho de um texto elaborado pelos profissionais da prefeitura, com o objetivo de difundir a idéia de que Curitiba é a Capital Ecológica, o qual segue abaixo:

“(…) Reconhecida nacional e internacionalmente por soluções urbanas inovadoras, a cidade tem o mais eficiente sistema de transporte coletivo do país e ostenta o índice de 55m² de área verde por habitante, o que a faz ser considerada Capital Ecológica do Brasil” (KRUCHELSKI E RAUCHBACH, 2005 P. 29).

Essa grande quantidade de áreas de proteção ambiental, sob o índice de 55 m² de área verde/habitante, pode ser observada no crescente número de parques, bosques e praças auxiliando na imagem de capital ecológica. Entretanto, segundo Oliveira (2001), a criação das maiores áreas de proteção ambiental surge nas décadas de 70 e 80, e não apresentava como principal meta as finalidades ecológicas da filosofia ambientalista vigente à partir de 1990, quando, de fato, houve um avanço na legislação de preservação e proteção ambiental. Sendo assim, “não se pode creditar o incremento das áreas verdes ocorrido nos anos 70 a um discurso ambiental que somente seria formulado nos anos 90”.

“(…) A função desses parques, no momento em que foram idealizados, uniu de um lado a antiga idéia “de dar água à cidade” ... e, de outro, uma solução técnica encontrada para combater enchentes na cidade surgida quando da grande enchente que vitimou a antiga usina de curtume do São Lourenço no começo dos anos 70 ... Vingou nesse momento a idéia de dar água à cidade emoldurando essa “água” com áreas verdes, através de obras de saneamento e infra-estrutura urbana que evitassem ao máximo possível o

⁴ Sobre tais tendências de naturalização do mundo atual, nos remetemos a Maffesoli, (1996). Em seu livro *No Fundo das Aparências*, o autor cita uma possível “naturalização da cultura” presente no mundo atual.

problema das enchentes. Nascia assim a política de criação de grandes parques (com grandes lagos-reservatório em seu interior), de bitaria de circunstâncias pontuais e não necessariamente ecológicas (OLIVEIRA 2001, p. 101-102).

Para este autor, não seria o discurso de ecologização que orientava a prática, uma vez que grandes partes das áreas verdes da cidade foram criadas antes dessas tendências, ou seja, a partir do discurso ambiental que surgiu em meados da década de 90 do século XX, a própria história da cidade adquiria um novo sentido.

Tal posicionamento do autor nos remete a um olhar mais crítico para o epíteto de Capital ecológica atribuído à cidade, como faz, por exemplo, Ganz (2003)⁵. A autora destaca alguns problemas de cunho ecológicos facilmente observados, dentre os quais se destaca a ineficiência sanitária presente não somente nas ocupações ilegais, mas também em grande parte da cidade, inclusive na região central, habitada por pessoas de maior poder aquisitivo. Ganz também atenta para a grande quantidade de lixo produzido, cerca de 1,3 mil toneladas por dia, o que se deve, em parte, ao fato de 70% da população curitibana não realizar a separação do lixo. Assim, fica patente uma série de fenômenos que não honrariam em nada o título de “capital ecológica”.

Nesse sentido, Jacobs (1996) assinala que para a compreensão da relação existente entre as cidades e seus parques, é importante acabar com a confusão entre os usos “reais” e os “fantasiosos”. Para ela, o fato de ter uma grande área verde não garante que essa realize a purificação do ar poluído gerado pela população local, sendo um grande equívoco pensarmos os parques como “os pulmões” da cidade. Conforme comenta a autora:

“São necessárias cerca de doze mil metros quadrados de árvores para absorver a quantidade de dióxido de carbono que quatro pessoas geram ao respirar, cozinhar e aquecer a casa. São as correntes de ar que circulam à nossa volta, e não os parques que evitam que as cidades sufoquem” (JACOBS, 1996 p. 99).

Sendo assim, tão importante quanto proporcionar grandes áreas verdes para fornecimento de ar fresco, é gerar “corredores” com espaços entre as edificações ou ruas que permitam a passagem do ar. No entanto, não podemos negar que Curitiba possui um diferencial ao oferecer um grande número de áreas verdes com acesso

⁵ Este trabalho foi apresentado na Semana de Tecnologia, organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia - PPGTE do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná - CEFET/PR, sendo realizada em novembro de 2003 e disponível no endereço: <http://www.ppgte.cefetpr.br/semanatecnologia/>

público, o que pode ser observado nos mais variados setores da sociedade. Segundo França (2007):

“Do ponto de vista ambiental, puderam-se assegurar vários aspectos: a preservação de alguns fundos de vale; contenção de assoreamento e poluição dos rios; proteção de mata ciliar; além da preservação da ocupação irregular desses locais. Do ponto de vista social puderam ser ofertados à população espaços destinados a proporcionar uma relação diferenciada entre as pessoas e o meio ambiente no contexto urbano, além da possibilidade de vivências no âmbito do lazer e do esporte: os parques. E do ponto de econômico e político-ideológico, esta iniciativa pôde, entre outras coisas, potencializar o turismo na cidade e impulsionar a mesma com o *slogan* de **Capital Ecológica**” (p.17, grifos originais).

No entanto, a qualificação de cidade ambientalmente correta não foi a única atribuída à cidade. As constantes mobilizações do poder público aliado aos apelos da mídia criaram outras possibilidades para Curitiba, que passa a ser percebida como a “[...] melhor e mais inovadora cidade do país. Uma cidade onde ônibus funcionam, ruas são limpas, funcionários públicos são educados e freqüenta-se parques e bosques nos fins de semana” (A CAPITAL DE UM PAÍS VIÁVEL, 1993, p. 68 apud OLIVEIRA, 2001 p. 99). Nas palavras de Rechia (2005):

“(...) percebe-se a construção e a apreciação estética da paisagem urbana como uma das marcas identitárias possíveis da cidade de Curitiba. Especificamente destaca-se a estratégia urbanística de agregar paisagens naturais, modelos arquitetônicos modernos e projetos culturais em diversos espaços públicos destinados às práticas corporais e de lazer como marca da cidade. Observa-se certa coerência de linguagem arquitetônica desses ambientes criados ou preservados, constituindo-se em premissa básica para o alcance da unidade de significados necessária à imagem sintética da ‘cidade que deu certo’.” (RECHIA, 2005 p. 59).

Para esta autora, criou-se na cidade de Curitiba uma espécie marca identitária, através das ações do poder local em conjunto com apelos da mídia, onde a população local identifica-se com os espaços públicos, no caso os parques, e passa a adotá-los para as mais variadas manifestações.

Buscaremos então identificar os parques públicos de Curitiba, mais especificamente o parque Barigui, como importante espaço público para as práticas corporais capazes de gerar, além de encontros sociais, um contato mais íntimo consigo mesmo e com o meio ambiente.

2.2 MEIO AMBIENTE E ESPAÇOS PÚBLICOS

Os parques de bairro ou similares são comumente considerados uma dívida conferida à população carente das cidades. Vamos virar esse raciocínio do avesso e imaginar os parques urbanos como locais carentes que precisem da dívida da vida e da aprovação conferida a eles. Isso está mais de acordo com a realidade, pois as pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso (JACOBS, 1996, p. 97).

Os parques de proteção ambiental de Curitiba são potencializadores culturais no tempo/espço de lazer (FRANÇA, 2007; CAGNATO, 2007; RECHIA, 2003; REIS 2001). Segundo pesquisa realizada pelo IPPUC (2008), a cidade conta com 18 parques, 15 bosques que somados as praças, jardinetes, largos, núcleos ambientais, eixos de animação, jardins ambientais e centros esportivos oferecem á população curitibana diversificadas áreas de lazer, sendo que algumas possuem equipamentos de esporte ou para a prática de exercícios físicos e outras oferecem a oportunidade para simples contemplação do meio ambiente alheio a ação humana. Em pesquisa realizada por Rechia (2005) foi observada esta tendência da população em apropriar-se destes espaços:

“Os parques, as praças e os bosques viraram ‘praias’ dos curitibanos...Neles circulam, em média, 150 mil pessoas por semana. Segundo observação de campo deste estudo, das pessoas que aliam caminhadas, corridas e exercícios com pontos de encontros, principalmente nos fins de semana, ás famílias de diferentes camadas ‘sociais’ que buscam espaços para as mais diversas vivências no âmbito do lazer” (p.60).

Realmente, grande parte da população apropria-se destes espaços para as mais variadas vivências, como nos mostra a professora Simone Rechia (2003). Em sua pesquisa, a autora identificou que os parques da cidade são muito freqüentados por sua população, com especial destaque para o parque Barigui, onde observou, dentre várias outras, a realização de algumas práticas corporais como caminhadas e corridas, bem como atividades contemplativas capazes de gerar encontros sociais e familiares entre sujeitos vindos de diferentes partes da cidade.

Situado na Região central da cidade, o parque de 1.400.000 m², possui seu nome na origem indígena (que significa “rio do fruto espinhoso”, uma alusão às pinhas das araucárias nativas). Foi criado em 1972 pelo então prefeito Jaime Lerner e é formado por bosques que trazem um misto de mata nativa primária e secundária que margeiam seu enorme lago de 230.000 m². Além disso, o parque apresenta

fauna e flora também nativas e migratórias, que se mesclam a uma estrutura de antigas construções locais readequadas (como é o caso do bistrô e da academia de ginástica), além dos equipamentos propícios às práticas corporais e exercícios físicos como: academia pública de ginástica, pista de bicicros, canchas esportivas, pista de *cooper*, ciclovias, trilhas ecológicas, pista de patinação, equipamentos de ginásticas entre outros (Curitiba, 2008).

Além dos equipamentos já citados, o local serve como sede para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e oferece também outras opções de vivências no tempo/espaço de lazer, como, por exemplo, o museu do automóvel, restaurante, salão de atos, churrasqueiras e lanchonetes.

Segundo Jacobs (1996), esta “multifuncionalidade” do parque pode ser um fator positivo para o que a autora chama de “dar vida ao parque”. Se o parque oferece, por exemplo, apenas as áreas para os fins contemplativos ou encontros sociais e familiares, como nos usos das churrasqueiras, ele estaria fadado a apenas algumas vivências. No entanto, o fato de conter equipamentos para as práticas de exercícios físicos oportuniza a utilização do parque com outros intentos e finalidades nos interstícios do tempo de trabalho para tais práticas.

Segundo a mesma autora, o objetivo de um parque urbano é atrair o maior número de pessoas, com os mais variados horários, interesses e propósitos, sendo que o projeto do parque deve promover essa utilização e acrescenta que “os parques de pouco uso e seus equipamentos são alvo de vandalismo, o que é bem diferente do desgaste por uso” (JACOBS, 1996, p.103). Isto se dá pelo fato de os parques povoados estarem sendo “vigiados” por muitos olhos, os olhos de seus usuários, e, no caso específico do parque Barigui, pelos olhos da vizinhança de seu entorno. Neste sentido, a diversidade de sua vizinhança é um fator preponderante para sua utilização:

“A variação arquitetônica superficial pode parecer diversidade, mas só uma conjuntura genuína de diversidade econômica e social, que resulta em pessoas com horários diferentes, faz sentido para um parque e tem o poder de conceder-lhe a dádiva da vida”. (JACOBS, 1996, p.111).

Para esta autora, se o parque for bem localizado pode tirar proveito de seus trunfos, como é o caso do Parque Barigui. Localizado na região central da cidade, ele recebe a visita de pessoas de várias partes da cidade, servindo tanto para as já mencionadas práticas no âmbito de esporte e lazer, como também por escolares e

trabalhadores da região que o atravessam para ir a seus locais cumprir com seus compromissos. Há, ainda, os que ali estão para viver o seu tempo de trabalho, como os funcionários da Secretaria do Meio Ambiente ou os próprios funcionários responsáveis pela manutenção e segurança do parque. Por fim, existem também os que residem no entorno do parque e que o fazem como uma extensão de seus quintais ajudando a torná-lo diversificado de atividades. Para Jacobs (1996), a variedade de um parque pode ser importante para que este seja freqüentado:

Um parque de bairro genérico, que esteja preso a qualquer tipo de inércia funcional de seu entorno fica inexoravelmente vazio por boa parte do dia". E aí se estabelece um círculo vicioso. Mesmo que o vazio não seja atingido por várias espécies de praga, ele exerce pouca atração devido ao número restrito de freqüentadores potenciais. Chega a entediá-los terrivelmente, porque a agonia é enfadonha. Nas cidades, a animação e a variedade atraem mais animação; a apatia e a monotonia repelem a vida. "E este é um princípio crucial não apenas para o desempenho social das cidades, mas também para seu desempenho econômico (JACOBS, 1996, p.110).

Talvez este seja um dos fatores que levem cada vez mais pessoas a freqüentarem o Parque Barigui. O fato de ser o parque mais visitado da cidade provavelmente atrai ainda mais freqüentadores, que o utilizam para as mais variadas práticas, dentre as quais destacamos as práticas corporais

2.3 PRÁTICAS CORPORAIS EM MEIO À NATUREZA

Uma grande parcela da população curitibana utiliza os parques públicos para a realização de práticas corporais, em especial, a caminhada e a corrida (FRANÇA, 2007; CAGNATO, 2007; RECHIA, 2003; REIS 2001). No entanto, as observações destas pesquisas nos mostram que os parques, praças e bosques de Curitiba podem ser potencializadores de outras experiências no âmbito do Lazer. Independente do tipo de utilização, o que podemos perceber é uma possível reaproximação do sujeito que vive no meio urbano com a natureza.

A relação do homem com o ambiente natural parece ter diferenças significativas nas análises históricas, sociais e culturais. Em determinados momentos históricos, por exemplo, essa "parceria" homem/natureza pode ser observada de uma forma muito mais patente e harmoniosa do que no atual processo de urbanização e industrialização acelerada que sofrem os grandes centros urbanos. Para Maffesoli (1996, p.237), o pensamento racional que prevaleceu como absoluto

na ciência ocidental moderna, a partir da filosofia iluminista, permitiu a dicotomia onde “a natureza só existe em cavidade e tem como única vocação ser dominada”.

O pensamento dualista presente em várias vertentes separa não só o homem em corpo/mente, corpo/espírito, mas também o distancia do seu ambiente natural e estabelece a cisão entre corpo/natureza, natureza/ sociedade, entendendo-se, de forma não racional, a exploração natural, proporcionando a escassez e até mesmo o fim de grande parte das reservas naturais em todo planeta.

Para Suassuna et al. (2005, p.28), no seu desenvolver natural, o homem sempre buscou uma dominação da natureza, procurando aperfeiçoar técnicas e máquinas com o fim de promoção do desenvolvimento.

“As categorias corpo e natureza são apresentadas sob uma tensão, o que sugere não apenas a existência de uma dualidade, mas emerge a ponto de assumir um caráter de conflito. Corpo significando o material, e natureza sendo reportada a algo que está além do corpóreo, portanto, está relacionada ao imaterial, voltando-se, mais uma vez à relação natural-cultural.”

Essa tensão que nos remete a autora pode ser responsável em agravar as conseqüências desta busca frenética do ser humano pela dominação da natureza: “domínio da natureza, de si, da sociedade” (Maffesoli, 1996 p. 237). Sob o discurso do progresso é que tudo se constrói – ou será se destrói? – mas certamente a maior destruição visível neste processo é a quebra da parceria, da união, do equilíbrio natural entre o sujeito e seu ambiente natural, sendo, desta forma, ignoradas todas as teias de interdependências que existem nesta relação.

Entretanto, podemos perceber que este debate parece estar em seu ápice, afinal a relação homem/natureza nunca foi tão debatida como hoje. Para Dias (2004), vivemos uma crise ambiental que demarca os limites da racionalidade moderna e emerge como pauta fundamental a ser discutida pelas políticas públicas. Tais contestações fortaleceram o movimento ambientalista, e temas como: educação ambiental e pensamento ecológico ganharam destaque em todo mundo a ponto de extrapolar os limites técnicos, acadêmicos, políticos, atingindo esferas no âmbito do esporte, lazer, urbanismo, turismo, entre outros.

“... do discurso ambientalista com sotaques tecnocráticos ao jardineiro de domingo cultivando e falando com amor de seu canteiro de legumes, passando pelo descritivo poético dessa paisagem “a ver”, proposto pelo “guia turístico”, o campo da relação com a natureza é muito amplo.” (MAFFESOLI, 1996 p. 242).

Sobre a citada crise ambiental, ou como coloca Ladislau (1999), a crise ecológica, brota uma possível artificialização da sociedade atual e conseqüente afastamento desta com relação à natureza, alavancada pelo sistema capitalista. Para o autor, tal fato é potencializado por um antropocentrismo enraizado na sociedade e que permite ao sujeito usufruir bens naturais para satisfação pessoal, sem perceber que ele também pertence e depende da natureza, agindo de forma desarmônica e causando um grande desequilíbrio. Entendendo a natureza como a principal prejudicada neste processo hedonista do ser humano, o autor destaca alguns indicadores que surgem na contramão dessas ações e fazem nascer uma possível sensibilização ecológica. Ladislau cita, como exemplo, a recente preocupação quanto a sustentabilidade ambiental ou ainda o crescente desenvolvimento das práticas corporais realizadas em meio à natureza e do ecoturismo.

Estas últimas são destacadas por Dias (2007), através da ampla difusão das modalidades esportivas e também de lazer, praticadas em ambientes naturais, bem como um aumento considerável de praticantes destas modalidades. O autor ressalta a chamada popularização destes esportes.

“A expansão no número de adeptos em todas as modalidades esportivas simbolicamente ligadas à aventura e à natureza demonstra que esse crescimento não serve apenas ao desenvolvimento econômico, mas também vai atraindo novos adeptos que buscam nesses esportes um suporte para suas vivências de lazer, cujo crescimento do número de praticantes chega a atingir mais de 20% ao ano. Em 2000 a estimativa era de que esses esportes totalizavam 500 mil praticantes em todo o país. Em 2005 essa estimativa atingiu o número de dois milhões. Nesse contexto, de explosão nacional no número de praticantes e de crescente incorporação destas modalidades nos costumes esportivos no Brasil, o destaque social atribuído a estas modalidades é importante e deve ser mais equacionado.” (DIAS, 2007, P.3).

O que nos chama a atenção na recente busca pela natureza – no caso dos esportes praticados nos ambientes naturais, tanto no âmbito competitivo quanto no lazer – é que o próprio ingresso dos praticantes nos locais de prática pode, por si só, causar desequilíbrios ambientais. Na visão de Bruhns (2001, p.94), neste caso, podemos perceber a “redução da natureza a um pano de fundo, um cenário teatral no qual os protagonistas se utilizam para as suas atividades de aventura”. Sendo assim, o conhecimento do meio ambiente ou a proteção ambiental correm o risco de tornarem-se banais, retomando a idéia de dominação da natureza em busca do prazer. A mesma autora cita que esses “novos turismos” geralmente não são

inspirados no “ecologismo” ou apoiados em reflexões ambientalistas, nem tão pouco estão comprometidos com algum tipo de vínculo educativo, e quando raramente percebe-se tal pretensão ecológica, esta é manifestada de forma reducionista: “... restringem-se a fatores físico-bióticos do meio ambiente, relegando a planos de menor importância os aspectos socioculturais e político-econômicos característicos das populações locais.” (BRUHNS, 1999 p. 729).

A fim de tentar compreender o que Maffesoli (1996, p.234) chamou de “ecologização do mundo social”, buscamos nas elucubrações desse autor alguns indícios que possam corroborar com a temática, uma vez que o mesmo coloca a natureza sob aspectos poéticos, românticos, éticos e estéticos, considerando os sentimentos, as emoções e as experiências coletivas. De acordo com Maffesoli, ulteriormente ao reinado absolutista de um ideal progressista, está a se presenciar o ressurgir de notáveis e significativos valores, considerados arcaicos, mas que, na hodierna conjuntura da pós-modernidade, são necessários, pois mantêm a sociedade num conjunto global, enfatizando as influências naturais, em nada desconsideráveis.

O autor destaca algumas características do natural na vida social, como por exemplo, a paisagem. Percebe-se uma espécie de simpatia, colocada pelo autor como um sentimento de participar de um cosmo comum, uma forma de harmonia entre os diversos elementos desse universo, uma lógica realmente comum, onde a natureza permite-se tocar na paisagem, lembrando “que a vida social repousa sobre a taticidade”, ele ainda acentua que a paisagem:

“... desempenha um papel importante na arte stricto sensu, mas a encontramos tanto nas motivações turísticas, quanto na escolha de um local tendo em vista uma construção. Ela está sempre nas origens das grandes cidades contemporâneas, e não unicamente os especialistas,... mas as massas arregimentadas pelos guias turísticos.” (Maffesoli, 1996 p.246).

Outra característica social observada pelo autor seria o gosto pelo natural, que pode ser observado tanto na utilização da madeira em diferentes formas e armações, na moda que vai desde um corte justo revelando toda naturalidade corporal, perpassando pela crescente comercialização de produtos ditos naturais e atingindo também a confecção de roupas feitas com lã ou de couro que, segundo Maffesoli (1996, p247), “estão aí para lembrar o que a pele social deve à pele natural”. Em ambos os casos, presencia-se a criação de uma tendência que integra e evidencia a naturalidade das coisas como um pensamento corrente que

demonstra, em muitas situações do cotidiano, uma ausência de consciência ou mesmo de fundo ideológico.

Neste caso, novamente as inter-relações existentes parecem distantes da consciência das pessoas. Entretanto, Maffesoli (1996, p. 243) citando Chileno (1978), procura exprimir, através do dinamismo romântico da filosofia da natureza, – presentes no século XIX – a chave para compreender a atual expansão do naturalismo contemporâneo, definindo a natureza como: “...essa força cósmica primitiva, sagrada, eternamente criadora, que produz e cria toda as coisas por sua própria atividade”. Desta forma, a natureza não seria um objeto inerte, estático, o qual o sujeito pode utilizar a seu bel prazer, pois ela possui uma força intrínseca capaz de despertar emoções, sentimentos e, como conseqüência, um encontro pessoal, social, uma harmonia e uma possível reconciliação do natural com o cultural.

Como destacamos anteriormente, o “reencontro” com a natureza pode ser observado no tempo e espaço do lazer através de práticas esportivas, ou em simples visitas à natureza para caminhadas ou mesmo para contemplá-la. Podemos enfatizar como alguns elementos destas práticas o desafio, o prazer, a alegria, a espontaneidade, uma sensação de conexão e laços afetivos do ser humano com o meio ambiente natural, que são, segundo Marinho (2007, p. 4-5), capazes de despertar, sutilmente, a percepção da natureza,

“...pode-se observar a manifestação do lúdico em sua essência e, por conseqüência, observadas positivas mudanças de atitudes e comportamentos referentes ao estar na e com a natureza. É estabelecida uma forte cumplicidade do praticante com o seu corpo, com seus parceiros e com a natureza, momento no qual se alcança uma genuína experiência lúdica. O ato de compartilhar, portanto, também delinea as características de uma atividade lúdica.”

Neste sentido, o trabalho de Bruhns (2007) ressalta a importância do caminhar em ambientes naturais, como potencial de ampliar a reflexão sobre a vida e de desenvolvimento da capacidade poética e lúdica, recuperando a imaginação, aguçando os sentidos e estimulando “uma relação sensual com os fenômenos a nossa volta”, além de possibilitar “um diálogo estabelecido entre o caminhante consigo próprio, e com os outros, provocando uma reflexão sobre o espaço social” (BRUHNS, 2007, p. 06).

A caminhada pode ser considerada uma das muitas práticas corporais realizadas em meio à natureza, gerando movimentos interessantes de relação, até mesmo nos espaços urbanos, através da busca por parques, bosques e similares. No caso das grandes metrópoles, podemos perceber com facilidade a coexistência entre os meios urbano e natural, bem como a procura exacerbada por este que, segundo Bruhns (2007), acontece não somente pela crise ecológica, colocada anteriormente, mas também pelo sentimento de perda que ocorre nas cidades, onde “o cimento prevaleceu” juntamente com os problemas de trânsito, a poluição sonora, visual e do ar, entre outros.

“Somos sujeitos urbanos exercendo uma atividade no meio natural, no caso a caminhada, a qual poderia ser desenvolvida na cidade, porém, uma série de circunstâncias já expostas, desprestigiou a promoção do encontro humano, em função de um planejamento urbano com objetivos mais urgentes de transformar as ruas e avenidas em locais de passagem, permitindo um fluxo rápido do trânsito de carros, ônibus e outros. Na abordagem sociológica, a cidade já mereceu enfoque como terreno de aventura, onde o lúdico e o onírico possuíam um lugar especial. Aventura expressando modos diversos de experiências e de suscitar encontros. Embora às características urbanas tenham mudado, a prática da caminhada urbana não desapareceu, mas ganhou novos contornos e significados, expressos na utilização dos parques públicos multiplicando-se anualmente nos grandes centros, para a execução dessas práticas” (BRUHNS,2007, p. 12).

A autora constata que essa é uma realidade presente nas cidades, a proliferação das chamadas áreas verdes em meio a centros urbanos tem potencializado o encontro do indivíduo consigo mesmo, com a natureza, com o outro, além de gerar novas possibilidades de tais encontros ocorrerem principalmente no tempo/espço de lazer. Apesar de reconhecermos que a realização de tais práticas pode se dar também no âmbito do alto rendimento e profissionalismo, conforme Bruhns (1999), as práticas corporais em meio à natureza materializadas no lazer, possuem uma maior capacidade de oportunizar aos seus praticantes os, já citados como importantes, encontros. Para a autora, o treinamento de alto nível parece não ser compatível com os “ideais” do lazer, o que nos leva a analisar quais seriam os ideais de entretenimento almejados pelos usuários do parque Barigui ao realizarem determinadas práticas corporais.

2.4 O TEMPO/ESPAÇO DAS EXPERIÊNCIAS NO ÂMBITO DO LAZER

Ao discutirmos as práticas corporais no tempo e espaço de lazer, devemos tomar cuidado com a difícil missão de compreender esse fenômeno percebendo que o mesmo perpassa por muitas dimensões da sociedade, o que lhe dá um caráter transdisciplinar. Desta forma, definir lazer é uma questão complexa por seu caráter polissêmico e por sua compreensão ideológica.

Segundo Valquíria Padilha (2006), esse fenômeno passou a fazer parte dos estudos sociológicos no mundo por volta de 1960. A autora ressalta que durante as primeiras reflexões sobre o fenômeno no Brasil, destacam-se estudos de seguidores do Sociólogo Jofre Dumazedier. Contemporaneamente, tal trabalho é ensejado por autores que vêm apontando outras possibilidades de compreender o lazer, sendo apontados pela autora os seguidores do materialismo histórico-dialético, referenciado nas reflexões marxistas⁶.

Dumazedier foi um sociólogo francês que teve muitas de suas obras traduzidas no Brasil durante o século XX, tornando-se a principal referência dos autores brasileiros que discutiam o lazer naquele momento. Para este autor, as discussões sobre a sociologia do lazer surgiram em meados do século XX. Através de observações empíricas, Dumazedier (1979) coloca o tempo como categoria central e relaciona o surgimento do lazer com o aumento das horas liberadas do trabalho. No entanto, o autor ressalta que a histórica luta da sociedade industrial pela diminuição no tempo de trabalho, nem sempre pôde ser considerada como libertadora, podendo ser ilusória para muitos, conforme palavras do autor:

“De um lado, a sociedade pós-industrial ou científico-técnica, apesar do aumento de possibilidades de tempo livre, não será para todos uma sociedade marcada pelo tempo livre. Uma parte dos trabalhadores, seja porque o trabalho é para eles fonte de criação cultural ou de responsabilidade social, seja porque as necessidades de consumo são as mais fortes, seja por desinteresse para com as atividades do tempo livre, assumirão jornada, semanas, longos anos de trabalho como na sociedade anterior” (DUMAZEDIER, 1979 p. 35).

⁶ Para Padilha (2006) o pensamento marxista traz uma ampla reflexão sobre o capitalismo e apesar de não ter focado suas reflexões no fenômeno do lazer, Karl Marx busca compreender a sociedade em movimento “descobrir” o materialismo histórico-dialético que “é o método marxista de investigar, analisar, interpretar o mundo e seus movimentos”, sendo utilizado por vários autores brasileiros na tentativa de interpretar o lazer numa sociedade desarmônica caracterizada pelas contradições, conflitos, lutas e relações hegemônicas. (PADILHA, 2006, p. 12-13)

As inspirações do autor para tais previsões advêm da sociologia empírica do lazer, vista sob a ótica da “sociedade de massa” marcada pelo consumo, cultura e lazer de massa. O autor destaca que, ao colocar o trabalho como primeira necessidade, o sujeito torna-se incapaz de dominar o tempo livre e o lazer passa a ser reduzido cada vez mais a uma espécie de ócio, que se vai tornando tedioso. No entanto, o fenômeno do lazer é anunciado pelo autor como futuro substituto do trabalho alienado, capaz da mais livre expressão de si ou pura manipulação e repressão.

É importante observar que para este sociólogo, o “lazer não suprime o trabalho, o pressupõe”. Destarte, o lazer corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho sob fortes influências das culturas de massa (Dumazedier, 1979 p.28). Além do tempo/espço de Lazer, Dumazedier (1979) destaca outras possibilidades no tempo/espço liberado do trabalho. Reconhecidas pelo autor como obrigações não técnico-científicas, as obrigações sócio-espírituais, sócio-políticas ou familiares, também podem ser potencializadas com o aumento do tempo liberado do trabalho.

Para Dumazedier (1979), somente dentro do tempo liberado de tais obrigações é possível ser vivenciado o verdadeiro lazer. Nesse sentido o autor realça a importância do lazer não estar submetido a um fim lucrativo, como no trabalho profissional, ou com fins utilitários, como nas obrigações domésticas ou deveres políticos, pois se isso ocorrer, ele torna-se parcial, sendo denominado pelo autor como “semi-lazer”

De fato o tempo, para este autor, é limitante nos estudos do fenômeno lazer. Contudo, os resultados das manifestações sociais pela liberação de trabalho são importantes, bem como a regressão do controle social por parte das instituições básicas da sociedade, como por exemplo a igreja ou a família. Para Dumazedier (1979), tais acontecimentos permitiram à grande maioria dos trabalhadores ocupar seu tempo liberado, principalmente, com atividades de livre vontade, seja para repousar ou divertir-se com fins de desenvolver sua formação desinteressada, ou seja, seu lazer.

O lazer é considerado, pelo autor, um tempo de realização pessoal, “uma nova necessidade social do indivíduo a dispor de si para si mesmo” (Dumazedier, 1979 p.57). Tal concepção pode ser considerada como hedonista, materializada no âmbito individual das atividades recreativas para diversão e entretenimento. No

entanto, essa definição, com características mais psicológicas, parece ser superada pelo autor quando o mesmo assume que o fenômeno do lazer não corresponde apenas às necessidades autênticas das pessoas. O tempo de liberdade dificilmente deixará de sofrer influência dos condicionantes sociais, nem tão pouco pode ser confundido com liberdade absoluta. Nesse sentido o sociólogo francês comenta:

“... a observação sociológica revela que o lazer não corresponde apenas às necessidades autênticas da pessoa. Tais necessidades estão evidentemente em interação permanente com as condições subjetivas e objetivas que as favorecem ou as contrariam. São as do mercado econômico que as padronizam, tradições éticas que as censuram ou as canalizam, políticas que tentam manipulá-las, em função de objetivos muitas vezes estranhos às aspirações de livre expressão e comunicação da personalidade. Estas observações contradizem, portanto as representações simplificadas, caricaturais, nas quais o lazer ou é confundido com a liberdade absoluta, ou é anulado sob o peso dos determinismos sociais. É evidente que o lazer não possui a miraculosa propriedade de anular os condicionamentos sociais, nem de instaurar o reinado da liberdade absoluta, mas a liberdade de escolha dentro do tempo de lazer é uma realidade, mesmo que limitada e em parte ilusória.” (Dumazedier, 1979 p. 58).

Desta forma, o fenômeno do lazer, para Dumazedier, é compreendido em sua amplitude, considerando as influências sociais, históricas e culturais que possam intervir na vida das pessoas, incluindo o tempo/espço de lazer caracterizado pela liberdade de escolha, mas ao mesmo tempo limitado pelo contexto social que o afasta da liberdade absoluta. Em seu entendimento, a respeito da conceituação do fenômeno estudado, o autor acrescenta que as manifestações do lazer são materializadas, prioritariamente, rumo à realização pessoal.

Com respeito a tal afirmação, Dumazedier (1979) alerta que existem variadas óticas voltadas para o lazer e, a título de exemplo, ressalta que o lazer pode ser visto, por alguns, como um estilo de comportamento, ou seja, presente dentro de qualquer manifestação que traga satisfação pessoal. Tal pensamento é criticado pelo autor por relacionar o “lazer à origem de um estilo de vida e que seus modelos contribuem para mudar a qualidade de vida” (Dumazedier 1979, p. 88). Esta definição parece reducionista, de caráter apenas psicológico e biológico, pois ao pensar desta forma, o sujeito é levado a agir, por exemplo, em função das culturas de massa e pode confundir lazer e prazer, de forma individualizante, o que pode favorecer uma visão simplista do lazer como mercadoria, criada para preencher o tempo livre do trabalhador.

Nas definições do pensador francês, a materialização do lazer pode manifestar-se sob diversas e plurívocas possibilidades dentro do tempo livre dizendo respeito a:

“um conjunto mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados: lazeres físicos, artísticos, intelectuais, sociais, dentro dos limites do condicionamento econômico, social, político e cultural de cada sociedade” (Dumazedier, 1979, p. 92).

Nesse contexto do lazer manifestado no corpo, o autor acredita ser mais seguro tomar um caminho objetivo, uma vez que a apreciação subjetiva dos indivíduos pode ser por demais incerta, principalmente do ponto de vista e do caráter intrínseco de cada grupo de interesses. Desta forma, Dumazedier afirma que uma determinada vivência realizada no tempo/espço de lazer, pode ser capaz de suscitar interesses diferenciados tanto no âmbito físico ou mental, estético ou cognitivo. No entanto, o pensador chama a atenção da propriedade dominante das atividades e cita, como exemplo, a corrida ou passeio no parque; por mais que o sujeito perceba nessas práticas um caráter contemplativo ou poético elas se distinguem da leitura de um poema, por exemplo (Dumazedier, 1979).

Devido a tais manifestações sobre a temática debatida, o conceito de lazer de Dumazedier mais aceito e referenciado no meio acadêmico é o seguinte:

“[...] o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das ocupações profissionais, familiares e sociais” (DUMAZEDIER 1973, p.34).

Dentre os teóricos do lazer no Brasil que mais se identificam com tal definição, destaca-se o trabalho de Nelson Carvalho Marcellino (1987). Para este autor, o lazer pode ser considerado como o estado de espírito em que o ser humano se coloca, instintivamente, dentro do seu tempo livre, em busca do lúdico. Em sua obra Marcellino destaca o caráter desinteressado dessas vivências, ou seja, não se busca outra recompensa, além da satisfação provocada pela própria participação, que deve ser de livre e espontânea vontade, uma atividade que busca tão-somente o lúdico⁷. O tempo livre do trabalho que tais vivências ensejam (o qual Marcellino

⁷ Nossa concepção sobre a ludicidade vai ao encontro da compreensão trabalhada por Marinho (2007). A autora trata da dimensão lúdica além dos aspectos diversão e entretenimento, porém sem desprezá-los, ela atribui à

(1987) prefere tratar de tempo disponível, uma vez que tempo algum é livre de coação ou normas de conduta social) ainda conservam determinadas atividades que o caracterizam como “obrigação”, seja no espaço do trabalho, no âmbito familiar ou mesmo na esfera social, e assim, esse tempo livre não pode ser entendido como uma forma de lazer.

Desta forma, torna-se perceptível a aproximação de Marcellino com os conceitos de Dumazedier, destacando duas condições necessárias para que o lazer possa ser vivenciado: tempo e atitude. No que diz respeito ao tempo, para Marcellino (1987), o lazer não deve ser associado com experiências individuais, ou seja, o que é lazer para um pode ser trabalho para outro, o mesmo ocorrendo com a atitude individual em busca da ludicidade. Cumpre destacar que este autor refere-se ao lazer como um tempo/espço que proporciona vivências de valores capazes de contribuir para o questionamento das relações sociais vigentes, além de promoverem o desenvolvimento social e pessoal.

Este pensamento, inspirado nas teorias de Jofre Dumazedier, compreende o lazer como uma manifestação de interesses culturais materializados durante o tempo liberado do trabalho. Entretanto, como citado anteriormente, o fenômeno do lazer vai ter sua concepção definida conforme a ótica de quem o analisa, sendo importante, nesse momento, comentarmos sobre a visão do materialismo-histórico-dialético comentado por Padilha (2006).

Para o grupo de teóricos em questão, as fontes inspiradoras para analisar o lazer são os pensamentos de Karl Marx. Para o filósofo alemão, o sistema capitalista se apropriou de todas as manifestações humanas e o lazer seria uma alienação, uma ilusão de livre satisfação das necessidades do indivíduo, sendo estas necessidades criadas, manipuladas pelas forças econômicas de produção e do consumo de massa, retirando-se do indivíduo até mesmo suas subjetividades.

Para compreendermos melhor a idéia do lazer como uma mercadoria a serviço do capital, faremos uma análise da concepção sobre lazer elaborada por Fernando Mascarenhas. Para este autor, o lazer pode ser compreendido como “um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização

ludicidade valores capazes de rompimento, podendo ser uma manifestação de mera reprodução de práticas e imagens alienantes, bem como, facilitador de expressões críticas, criativas e prazerosas.

da cultura, perpassado por relações de hegemonia” (Mascarenhas e Marcassa, 2005 p. 256 apud Mascarenhas, 2003 p. 97).

Fernando Mascarenhas pode ser considerado um dos estudiosos brasileiros do lazer que seguem a linha do materialismo histórico-dialético com base nos ideais marxistas. Tal ideologia fica explícita em sua definição. Ao compreender o lazer como fenômeno tipicamente moderno, devido ao seu surgimento decorrente dos efeitos da revolução industrial, Mascarenhas elenca importantes reflexões a respeito das tensões entre capital e trabalho, ou seja, a luta da classe trabalhadora pelo aumento do tempo livre conquistado⁸ e conseqüente diminuição na jornada de trabalho. Seguindo esse raciocínio, o autor procura avançar da dicotomia trabalho/lazer, entendendo que no mundo capitalista um existe em função do outro e ambos possuem teias de interdependências, sendo complementares, uma vez que “o lazer, como fenômeno isolado, revela-se incapaz de tornar o homem mais feliz, mais livre ou mais satisfeito se o trabalho, de igual forma, não lhe proporcionar alegria, oportunidade de criação e realização” (Mascarenhas e Marcassa, 2005 p.256).

O autor também ressalta que as vivências lúdicas (entendendo a ludicidade para além da animação e entretenimento, como já citado anteriormente) materializam o tempo/espço de lazer, sendo considerado um lugar de organização da cultura, pois é nesse tempo/espço que o sujeito tem a oportunidade de vivenciar elementos da cultura ou até mesmo dar outros significados a essas vivências. Nesse sentido, o autor acredita ser importante “mesmo ante as dificuldades e injustiças do dia-a-dia, vivenciarmos o lúdico, produzirmos cultura e construirmos a história” (Mascarenhas e Marcassa, 2005 p. 258).

Finalmente, em sua definição, Mascarenhas coloca que o lazer perpassa por relações de hegemonia dentro da sociedade, ou seja, torna-se palco de disputa entre as classes sociais, inibindo ações políticas e pedagógicas do lazer numa perspectiva mais crítica e criativa, permitindo uma penetração massiva da indústria cultural, tratando o lazer como mercadoria, ou como o autor gosta de tratar, o “mercolazer”.

Ao compreender a Educação Física como articuladora das práticas corporais, Mascarenhas (2005) reconhece esta “como prática pedagógica e campo de

⁸ A categoria de Tempo Livre Conquistado é a utilizada por Mascarenhas como o tempo/espço em que se materializa o lazer.

conhecimento,(...), que é influenciada não só pela escola e a escolarização da cultura corporal, mas igualmente, pelo processo de institucionalização do lazer” (Mascarenhas Marcassa, 2005 p. 255).

Uma vez que o nosso objeto de estudo se configura nas práticas corporais realizadas no parque Barigui, parece-nos de fundamental importância reconhecer as forças hegemônicas que sempre influenciaram as práticas corporais no Brasil e, que de uma forma ou outra, podem ainda estar relacionadas com essas vivências no âmbito do lazer. Desta forma, devemos reconhecer quais os signos atribuídos a essas práticas e ao ambiente natural que estão sendo vivenciadas, a fim de que o tempo livre conquistado pelos trabalhadores, que hoje é hegemonicamente dominado pela lógica capitalista, seja compreendido como um tempo/espço de liberdade fundamental, permitindo a estes o acesso aos saberes, técnicas e bens culturais necessários a sua saúde e melhor qualidade de vida (Mascarenhas Marcassa, 2005, p. 258).

Seguindo as reflexões dos autores supracitados, parece haver uma lógica historicamente dominante, que busca apropriar-se do tempo/espço de Lazer da população, excluindo assim o caráter de liberdade destas vivências, com atividades ditas como saudáveis. Tal fenômeno enxerga a imprescindibilidade de promover as práticas corporais aumentando o nível de atividade física populacional e incentivando o Lazer ativo⁹. Para Mendes (2007), a lógica utilizada para promoção da saúde através das práticas corporais possui uma relação histórica, como veremos nos próximos parágrafos.

⁹ As ações de combate ao sedentarismo populacional buscam incentivar as pessoas a aumentarem o nível de atividade física diária seja no tempo de lazer, nas atividades domésticas ou nas formas de locomoção.

CAPÍTULO III

3 ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE: PARA UM ENTENDIMENTO CONCEITUAL

Embora a dialética entre as práticas corporais e a saúde, seja um assunto muito vigente na contemporaneidade, possui referências que a situam historicamente. A Máxima de Juvenal: *Mens Sana in Corpore Sano* parece ser um bom exemplo da preocupação com as práticas corporais desde a civilização greco-romana. Passados muitos séculos desde a declaração de Juvenal, ainda hoje é possível percebermos algumas re-significações da mesma expressão.

A esse respeito, Mendes (2007) resgata a origem da expressão clássica dessa civilização greco-romana. A autora ressalta o caráter crítico e ideológico da expressão, pois surge como uma denúncia às ações militares da época, onde prevalecia o adestramento corporal dos guerreiros, sendo que a educação mental e até mesmo espiritual era um privilégio de alguns nobres. Pelo contrário, para Mendes (2007) o autor acreditava que a verdadeira formação só era possível de forma íntegra e plena, onde um corpo sã só é permitido em uma mente sã, pois ambos são indissociáveis. Dessa forma a educação deveria promover um conhecimento de si tendo como ideal de educação a Paidéia¹⁰ da Grécia antiga (MENDES, 2007).

Para essa autora, embora a Máxima de Juvenal tenha surgido sob aqueles ideais, ela vem sendo re-apropriada e, conseqüentemente, vem sofrendo re-significações em determinados momentos históricos e por diferentes culturas. Mendes (2007) aponta para a pedagogia das práticas corporais à partir do processo de cientificação que ocorreu principalmente na Europa no final do século XIX e início do século XX, como um marco das re-significações das práticas corporais e sua relação com a saúde do mundo ocidental. Para Mendes (2007), é importante ressaltar que o processo se deu sob total hegemonia das ciências médicas, portanto com enfoque excessivo nas ações bio-mecânicas e fisiológicas.

Essa mesma autora nos remete sobre a influência dessa hegemonia no campo epistemológico da educação física. Segundo Mendes (2007), naquele momento, os saberes sobre as práticas corporais fundamentavam-se nos

¹⁰ Paidéia refere-se às atividades educativas na Grécia antiga, onde idealizava-se a formação do cidadão político, levando em consideração a vida em comunidade, o processo de construção consciente, criativo, buscando a formação de um elevado tipo de ser humano (MENDES, 2007)

conhecimentos das ciências biomédicas e a teorização da prática pedagógica era realizada por intelectuais da medicina ou ainda militares e cientistas políticos (MENDES, 2007).

No Brasil, segundo Matiello Junior (1999, p.868) “a medicina também teve papel fundamental na determinação das relações entre corpo e sociedade, influenciando sobremaneira a educação física e suas concepções”. Mendes (2007) ainda destaca que a passagem marcante de cunho pedagógico e científico da educação física ocorre em meados dos anos 60 do século XX, com a formação de profissionais civis de educação física em nível acadêmico. Para essa autora, a educação física surge como um campo em construção sob domínio das ciências biológicas e tinha como guia a melhoria da performance ou do rendimento.

Com objetivo de investir na produção científica da área, o Governo Federal aumenta os investimentos em pós-graduações e laboratórios de fisiologia. Nesse contexto, Mendes, (2007) destaca a fundação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), no final dos anos 70 do século XX. A instituição foi presidida até meados da próxima década por profissionais da área médica (MENDES 2007). Para essa autora, o CBCE surge como principal responsável pela produção científica da época. Em um levantamento sobre a produção do conhecimento publicada na Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE) durante esse período, Mendes (2007) ressalta que os conceitos de corpo, saúde e educação estão pautados nos mesmos ideais do final do século XIX e começo do século XX, como nas palavras da autora:

Nesse cenário epistemológico em que a filosofia dualista prevalece, a Máxima de Juvenal: *Mens sana in Corpore Sano*, continua incorporando uma visão dicotômica como no final do século XIX e início do XX, e a produção do conhecimento permanece sendo exequível, priorizando o corpo fracionado, medido por partes e exposto a quantificações, condição principal para a obtenção do conhecimento científico. Nesse sentido percebemos que a produção de conhecimento, nos artigos analisados, concebe o corpo humano de forma fracionada, dando ênfase aos conhecimento biológico... (MENDES, 2007, p. 75)

E na seqüência:

Os textos reforçam a relação linear de causa e efeito entre o exercício físico e a saúde. A atividade física era vista como forma de promover a saúde, sendo enfatizada por ser capaz de provocar somente adaptações benéficas nos principais sistemas orgânicos, como pulmonar, o cardiovascular e o muscular. Como também por provocar bem-estar, reconhecido pelo aumento de produção de hormônios. Todavia, já se ressaltava que o

exercício não é vacina, e quando o treinamento é interrompido, as alterações provocadas tendem a regredir... (MENDES, 2007 p. 87).

Para Mendes (2007) as publicações analisadas, no geral, possuem uma concepção fragmentada de corpo com supervalorização às aptidões físicas na promoção de saúde. Tal fenômeno é apontado pela autora como uma ruptura entre o biológico e o cultural e apesar de considerar a relação existente entre o organismo e o ambiente, estava pautada nos determinismos, ou seja: “Regulado pelo interior ou pelo exterior, o corpo humano permanece com sua capacidade criativa ignorada” (MENDES, 2007, p.76).

Além dos investimentos direcionados para os cursos de pós-graduações e laboratórios de fisiologia que buscavam os estudos da performance humana, segundo Mendes (2007), nas décadas 60 e 70 do século XX, outros investimentos do Governo Federal se pautavam na mesma lógica tanto para o esporte competitivo como fora dele. Através de programas como Esporte para Todos e Mexa-se, o governo brasileiro tinha como fundamentação aumentar o nível de atividade física populacional ocupando o tempo livre dos trabalhadores com atividades físicas e desportivas para promoção da saúde.

Mendes (2007) ainda nos atenta para as influências do Colégio Americano de Medicina Desportiva (ACMS) na formação desse pensamento e o processo de esportivização da educação física que colocava o esporte bem como a prática de exercícios físicos e em conseqüência a educação física, como disciplinadora dos corpos e promotora de saúde. Segundo Mendes (2007) o esporte era visto como a solução dos problemas no Brasil e foram instituídos objetivos da educação física. O aperfeiçoamento da aptidão física passa a ser difundido como sinônimo de saúde para a população em geral, com ênfase no método criado pelo americano Keneth Cooper para aprimorar a aptidão cardio-respiratória (MENDES, 2007).

Para Mendes (2001), embora essa concepção já tivesse sido problematizada em meados dos anos 80 do século XX, quando o CBCE passa a ser presidido por profissionais de educação física, ela possui forte influência nos professores formados sob tal hegemonia das ciências biológicas e se estende durante as próximas décadas bem como para além da comunidade acadêmica. A mecanização das práticas corporais, criadas por Cooper para promover saúde, tornam-se referência, pois fundamentam-se na ciência, são defendidas pelos líderes e divulgadas pela mídia em geral.

Para Matiello Junior (2001) a elaboração teórica da matriz de sustentação que predominou nos estudos sobre a aptidão física e saúde no Brasil, está sustentada em três pilares de referências internacionais.

A primeira delas, *Medicina Esportiva*, é baseada na atuação médica, identificada por seu caráter assistencial; visa o máximo de eficiência motora no treinamento de alto rendimento, atuando na prevenção em todos os níveis, utilizando a atividade física com fins terapêuticos. Outra corrente é representada pelas áreas *Biomecânica*, *Cinesiologia* e *Fisiologia*, fundamentadas em conceitos de bases biológicas. As primeiras lançam mão de conhecimentos da Física e estruturas e funções músculo-esqueléticas para melhorar a eficiência do movimento humano, enquanto a última estuda as adaptações orgânicas frente a prática do exercício. Há também a gerada nos *Centros para Controle das Doenças* (CDC – EUA), em que o processo saúde-doença está centrado nos hábitos de vida do indivíduo, em sua natureza comportamental (MATIELLO JUNIOR, 2001, p.).

O autor destaca alguns reflexos da influência médica hegemônica no cotidiano da educação física. O homem passa a ser considerado apenas em suas dimensões biológicas, a atuação profissional visa instrumentalização de atletas/praticantes para otimização do uso de técnicas e estímulo para manter-se fisicamente ativos. Desta forma, para Matiello Junior (2001), são privilegiadas as intervenções sobre os indivíduos e suas dimensões sociais e sua historicidade são praticamente desconsiderados. Para Mendes (2007), as concepções de uma vida saudável sustentadas sob esse paradigma, parecem desconsiderar outros fatores relacionados à saúde, como as “desigualdades econômicas, a insalubridade das cidades, as condições desfavoráveis de habitação, dentre outros”. Assim, a Máxima de Juvenal re-surge no final do século XX, em um campo epistemológico biologicista, onde a promoção da aptidão física através do esporte ou de atividade física passa a ser considerada como sinônimo de promoção à saúde.

Na tentativa de corroborar com o apontamento histórico, para a professora Yara Maria de Carvalho (2004), criou-se o “mito” da atividade física e saúde, onde se superestima o papel de determinação da atividade física em relação à saúde.

“Para entender a relação atividade física como saúde, como “mito”, é preciso esclarecer que os conceitos *atividade física* e *saúde* são tratados com base em um referencia das ciências humanas. Cabe ressaltar que grande parte dos trabalhos desenvolvidos na área que têm como objeto, ou como tema, essa questão se fundamenta em uma perspectiva biologicista para a qual a saúde, na maioria das vezes, restringe-se a ausência de doença; atividade física é entendida como execução de práticas físicas por meio de modalidades esportivas” (CARVALHO 2004, p.32).

Para Carvalho (2004), o “mito” da atividade física como saúde transcende o meio acadêmico e atinge o imaginário social. A autora ressalta que a hegemonia das ciências biomédicas construiu historicamente as relações entre as práticas corporais e a saúde, onde a adoção de um estilo de vida ativo é fundamental para uma vida saudável.

Entendemos que a compreensão dos paradigmas fundadores da educação física no Brasil, suas influências internacionais e sua construção histórica são fundamentais para compreendermos a relação práticas corporais e a saúde na atualidade. As políticas públicas, a produção acadêmica, bem como outras influências sociais e históricas contribuíram para o entendimento e para a constituição das práticas corporais realizadas neste país. Portanto, torna-se mister analisar e problematizar quais os princípios conceituais entre alguns termos elencados como importantes para esse estudo e que serão apresentados a seguir:

2.1 ATIVIDADE FÍSICA E PRÁTICA CORPORAL

As diferentes formas de compreender a importância das práticas corporais para o desenvolvimento humano nos remete a compreender melhor alguns conceitos relatados a fim de localizarmos a concepção epistemológica dos autores em questão. Para Caspersen (1985), que é o mais referenciado entre os autores que discutem atividade e aptidão física e saúde sob aspectos comportamentais biológicos, a atividade física pode ser compreendida como qualquer movimento corporal realizado pelos músculos esqueléticos que gere um gasto calórico acima dos níveis de repouso. Sendo assim, quando essas atividades passam a ser realizadas de forma sistemática, repetitiva, organizada, planejada, com a finalidade de manter ou melhorar a aptidão física, o mesmo autor a reconhece sob o nome de exercício físico. Já a aptidão física é definida por Caspersen (1985) como a capacidade de realizar trabalho muscular de forma satisfatória sem fadiga excessiva.

Se pensarmos o ser humano e seu corpo para além dos movimentos biomecânicos que este é capaz de realizar, podemos aderir a um conceito mais amplo como o das práticas corporais. Nesse sentido, Carvalho (2007) traz uma interessante definição sobre as práticas corporais:

“... as práticas corporais, compreendidas como manifestações da cultura corporal de determinado grupo, carregam os significados que as pessoas

lhes atribuem. Contemplam as vivências lúdicas e de organização cultural e operam de acordo com a lógica do acolhimento,... Aqui há uma contraposição à idéia de atividade física à medida que a atividade física homogeneiza o coletivo porque é impessoal, padroniza e nivela o corpo, com base na racionalidade biomédica, ao mesmo tempo em que o desqualifica ao destituir o humano do movimento”(CARVALHO, 2007, p. 65).

Este conceito parece tentar compreender não somente a atividade que o corpo físico pode realizar, mas também a relação que possa existir, a partir destas práticas, do sujeito consigo mesmo, com o ambiente que o cinge, com o outro, enfim, buscar um desvelamento sobre os reais sentidos e significados das variadas formas de colocar o corpo em movimento. Nesse sentido, o gesto motriz possui importância na definição do corpo em movimento, do mesmo modo que as relações, sentimentos e ‘emoções estabelecidas dentro das manifestações culturalmente construídas em diferentes contextos históricos, e que podem ser manifestadas através da dança, do jogo, das lutas, dos exercícios e ginásticas, dos esportes. Tais atividades podem ser potencializadas tanto no âmbito competitivo quanto no lazer, sendo que este último é capaz de materializar também outras práticas corporais que vão além das atividades físicas e exercícios, como por exemplo, um simples passeio ou ainda a possibilidade de contemplação que coloca o corpo em contato com o espaço à sua volta, em um determinado tempo.

No entanto, observa-se a influência da lógica dominante marcada pela produtividade e por um modelo instrumental de atividade física, reduzindo-se o corpo a uma máquina disciplinada e submissa. A Máxima de Juvenal apontada para o mito da atividade física e saúde através da melhora na aptidão física busca disciplinar os corpos como forma de legitimar educação física higienista e responsável pela promoção do estilo de vida ativo. Para tanto, iremos problematizar melhor o conceito de saúde durante a próxima seção.

2.2 SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA

Durante muito tempo o conceito de saúde foi considerado como antônimo de doença, sendo somente em meados do século XX que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como “o estado de mais completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de enfermidade” (OURIQUES, 2006).

A definição citada nos estudos de Ouriques (2006), reflete o pensamento de uma importante instituição internacional que carece de maiores esclarecimentos. Segundo a autora a Organização Mundial da Saúde surgiu como instituição atrelada à Organização das Nações Unidas (ONU) em 1946 após ser aprovada pela Conferência Internacional de Saúde, em Nova York. No entanto, só viria a ter sua constituição em vigor no Brasil e nos outros 60 países que inicialmente integravam a instituição, no dia sete de abril de 1948, data que passou a ser celebrado o dia mundial da saúde.

Ainda para Ouriques (2006), embora a OMS sempre estivesse permeável a interesses de estados e mercados, sua mobilização surge inicialmente com a missão de combater as enfermidades, promover a saúde e somar a outros esforços da ONU para melhorar as condições de vida e bem-estar da população, em especial as mais debastadas. A mesma autora comenta que durante as várias gestões, a instituição parece ter lutado por sua missão com certa influência nos direcionamentos das políticas sociais, enfatizando valores como direito à saúde, participação social e equidade no acesso aos recursos. No entanto várias razões, em especial as pressões políticas e econômicas dos países que mantinham (e mantêm) a hegemonia mundial e que historicamente se mostram muito mais interessados em suas necessidades econômicas e financeiras tal quanto desinteressados com os ideais sugeridos pela OMS, sendo assim, esta passa a ter, por muitas vezes, seus projetos comprometidos (OURIQUES, 2006).

Através de análise documental, Ouriques (2006, p.33) relata que o termo “promoção da saúde” passou a ser utilizado em 1946 mas , segundo essa autora, as ações de promoção da saúde sempre foram mundialmente definidas “em termos de ausência de doenças em consequência do acúmulo e do avanço de uma referência paradigmática biotecnológica” e, de certa forma, hegemônica na área da saúde. No entanto, para a autora, a carta de Ottawa sobre promoção da saúde, apresentada no Canadá durante a primeira conferência internacional sobre promoção da saúde em 1986, foi um dos documentos fundadores do movimento atual da promoção da saúde onde o termo está relacionado a uma responsabilização múltipla com um conjunto de valores indissociáveis, tais como: vida, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação, parceria, qualidade de vida, entre outros. Para tanto, esse novo paradigma adota como fundamental para promoção da saúde pública ações conjuntas de políticas públicas, bem como da

comunidade, dos indivíduos, do sistema de saúde, das instituições não governamentais, ou seja, da sociedade como um todo (OURIQUES, 2006).

Toda via, para Ouriques (2006), a complexidade do tema colabora para as confusões conceituais, principalmente entre os termos “Promoção da Saúde” e “Prevenção da Saúde” e nesse sentido esclarece:

O termo ‘prevenir’ tem o significado de ‘preparar; chegar antes de; dispor de maneira que evite (dano, mal); impedir que se realize’. A base do discurso preventivo é o conhecimento epidemiológico moderno; seu objetivo é o controle de transmissão de doenças infecciosas e a redução do risco de doenças degenerativas ou outros agravos específicos. Os projetos de prevenção e de educação em saúde estruturam-se mediante a divulgação de informação científica e de recomendações normativas de mudanças de hábitos (OURIQUES, 2006, p.40).

E continua:

‘Promover’ tem o significado de dar impulso a; fomentar; originar; gerar. Promoção da Saúde define-se, pois, de maneira bem mais ampla que prevenção, pois se refere a medidas que ‘não se dirigem a uma determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem-estar gerais’. As estratégias de promoção enfatizam a transformação das condições de vida e de trabalho que conformam a estrutura subjacente aos problemas de saúde, demandando uma abordagem intersetorial (OURIQUES, 2006, p.40).

A autora ainda ressalta que os projetos de promoção da saúde valem-se igualmente dos conceitos clássicos que orientam a produção do conhecimento específico em saúde – doença, transmissão e risco – cuja racionalidade é a mesma do discurso preventivo e raramente a diferença entre a prevenção e promoção é afirmada e/ou exercida de modo explícito, gerando, muitas vezes, confusão e até mesmo indiferenciação entre as práticas (OURIQUES, 2006).

Embora a concepção inicial em torno do conceito apresentado na carta de Ottawa esteja fundamentado em ideais que busquem compreender a promoção da saúde em toda sua plenitude, surgiram, pelo menos, duas correntes que a interpretaram de formas diferentes, cada qual privilegiando uma dimensão da promoção da saúde. Para Ouriques, (2006), uma delas teve origem nos Estados Unidos e suas atividades foram dirigidas às mudanças de comportamento e ao estilo de vida dos indivíduos, focando as suas intervenções nos componentes educativos buscando conscientizar as pessoas sobre os malefícios na adoção de comportamentos de risco para saúde. Uma segunda vertente, com origem européia, buscou interpretar o conceito de promoção da saúde como um produto multifatorial,

relacionada à qualidade de vida e que só pode ser contemplada com ações sociais e políticas que considerem os contextos históricos e culturais de cada sociedade (OURIQUES, 2006).

Para Palma (2005) a interpretação da carta de Ottawa colocada por Ouriques (2006) como originária dos Estados Unidos pouco reflete sobre quais são as condições proporcionadas para que este sujeito consiga obter uma mudança de comportamento, colocando-o na “condição de senhor de suas escolhas” (PALMA, 2005, p. 180). Conforme nos relata o autor:

“A noção de comportamento de risco, contudo, tem um caráter reducionista, por não considerar cada contexto socioeconômico-cultural singular, no qual as pessoas vivem. Além disso imputa ao indivíduo a total responsabilidade por sua doença, transformando-o de vítima em culpado” (PALMA, 2005, p. 180).

As ações para promoção da saúde que refletem essa tendência, em geral buscam identificar os comportamentos de risco e conscientizar as pessoas sobre a importância de adotarem estilos saudáveis de vida. Para o autor supra citado, tal pensamento coloca o sujeito como o principal responsável em promover sua saúde. Em carta resposta publicada na Revista de Saúde Pública, Castiel (2007) citando Edwards (2007), relaciona de forma irônica algumas propostas para uma vida saudável no contexto dos países economicamente avançados sob duas perspectivas: Estilo de Vida e Determinantes sociais da saúde. Vejamos algumas:

Estilo de Vida:

- Não fume. Se puder, pare. Se não puder reduza.
- Siga uma dieta equilibrada e suficiente em frutas e vegetais.
- Mantenha-se fisicamente ativo.
- Administre o estresse, por exemplo, conversando sobre o que lhe afligi e buscando tempo para relaxar.
- Se ingerir álcool, faça-o com moderação.
- Proteja-se e às crianças das queimaduras do sol.
- Pratique sexo seguro.

Determinantes sociais da saúde:

- Não seja pobre. Se puder pare. Se não puder tente não ficar pobre por muito tempo.
 - Não tenha pais pobres.
 - Seja proprietário de veículo.
 - Não trabalhe em atividades estressantes e mal pagas.
 - Não resida em moradias úmidas, de baixa qualidade.
 - Tenha condições econômicas para sair de férias e tomar banhos de sol.
 - Pratique não perder seu emprego e ficar desempregado.
- (EDWARDS, 2007 apud CASTIEL, 2007, p.863).

Nesse sentido, Rocha e Centurião (2007) destacam que a lógica reducionista e hegemônica das ciências da saúde, ainda contemplavam o sujeito considerando-o apenas como biológico, gerando uma padronização dos seres humanos e desrespeitando o individual e suas influências sociais, históricas e culturais:

“A lógica da formação profissional e da atenção centradas na doença conduzem a uma noção de saúde relativa apenas aos aspectos orgânicos, analisados por suas especificidades anatomofisiológicas, tratados de acordo com os sinais e sintomas manifestados” (ROCHA E CENTURIÃO, 2007, p. 20).

Os autores destacam que a condição saudável somente através dos aspectos individuais pode nos trazer uma série de conclusões equivocadas. Podemos perceber que essa visão reducionista pode levar ao entendimento de um estado saudável de forma individualizada levando a uma “culpabilização” do sujeito por sua saúde, uma vez que o processo saúde-doença está centrado nos hábitos de vida do indivíduo e em sua natureza comportamental, ou seja, não considerando que a forma de ser das pessoas é constituída sócio-histórica-culturalmente, em interação com o ambiente, a sociedade e que as tomadas de decisão não dependem apenas da racionalidade e força de vontade.

No âmbito das práticas corporais, para Matiello Junior e Gonçalves, (2001), ao se apropriar do conceito estilo de vida ativo, a educação física pode estar transferido a responsabilidade de adesão aos exercícios diretamente ao indivíduo, independentemente da existência de condições objetivas que possibilitem a prática inicial e sua continuidade. Portanto, o estilo de vida, para esse autor, deve ser compreendido à partir das escolhas de vida do sujeito levando em consideração quais as condições de vida que este possua.

Considerar as condições de vida e não apenas o estilo de vida individual, parece ter sido a segunda concepção da carta de Ottawa descrita por Ouriques (2006) como originária da Europa. As ações para promoção á saúde sob essa influência buscaram compreende-la como um produto multifatorial. Para Devís e Valert (2005, p. 348) a promoção da saúde “consiste em atuar sobre as determinantes da saúde que provocam debilidade nas pessoas e em capacitá-las para aumentar o controle sobre sua própria saúde e condições de vida”. Dentre as citadas determinantes, os autores destacam os fatores sociais, econômicos, políticos, e ambientais, promovidos através de reforma social, ambiental e capacitação. Nesse sentido os autores destacam a necessidade de:

“...entre outras coisas, criar ambientes saudáveis, elaborar políticas sociais de saúde, desenvolver habilidades pessoais, comprometer-se com a redução das desigualdades sociais, fortalecer a participação comunitária e, também, oferecer serviços sanitários...” (DEVÍS e VALERT 2005, p. 348).

Portanto, o movimento de Promoção da Saúde deveria estar associado a um conjunto de valores como: vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação, parceria, entre outros que exigem uma conscientização bem como uma atuação conjunta de variados setores da sociedade (OURIQUES, 2006). A autora refere-se a uma combinação de estratégias e defende a idéia de responsabilização múltipla com ações de políticas públicas saudáveis por parte do Estado, mas também um reforço da ação comunitária e dos indivíduos no desenvolvimento de habilidades pessoais, além de uma reorientação do sistema de saúde e de parcerias intersetoriais fundamentais neste processo.

Minayo (1999) chama a atenção para algumas características a serem observadas ao pensar o complexo saúde/doença num contexto social/cultural:

“...o conceito sociológico de Saúde retém ao mesmo tempo suas dimensões estruturais e políticas e contém os aspectos histórico-culturais de sua realização. Como qualquer tema abrangente do cultural, a saúde só pode ser entendida dentro de uma sociologia de classe. Porém dentro de uma sociologia de classe que: (a) possua instrumentos para perceber o caráter de abrangência das visões dominantes (pois as classes se encontram entre si, no seio de uma sociedade em relação e com problemas de aculturação recíproca); (b) perceba também a especificidade dos sistemas culturais e de subculturas dominadas em suas relações contraditórias com a dominação; (c) defina a origem e a historicidade das classes na estrutura do modo de produção; (d) conceba sua realização tanto nos espaços formais da economia e da política como nas matrizes essenciais da cultura como a família, a vizinhança, os grupos etários, os grupos de lazer etc., considerando como espaços inclusivos de conflitos, contradições, subordinação e resistência tanto as unidades de trabalho como o bairro, o sindicato como a casa, a consciência como o sexo, a política como a religião. Introduzindo a cultura na definição do conceito de Saúde demarcase um espaçamento radical: ela amplia e contém as articulações da realidade social. Pensada assim, cultura não é um lugar subjetivo, ela abrange uma objetividade com a espessura que tem a vida, por onde passa o econômico, o político, o religioso, o simbólico e o imaginário. Ela é o lócus onde se articulam os conflitos e as concessões, as tradições e as mudanças e onde tudo ganha sentido, ou sentidos, uma vez que nunca há apenas um significado” (MINAYO, 1999, p. 15).

Portanto, para essa autora, considerar a saúde como condição humana determinada através de um processo socialmente construído, parece ser um avanço para além das causas orgânicas, pois se constitui em uma problemática compartilhada por todos os segmentos sociais tirando o foco do individual para o

coletivo, levando em consideração as condições de vida, moradia, trabalho, lazer, enfim o contexto no qual estamos inseridos. Essa ampliação do comprometimento, consciência e responsabilidade dos diversos setores da sociedade poderia mobilizar as ações de políticas públicas para promoção de saúde, deixando de apontar uma visão estreita de saúde com uso de estratégias individualizantes.

De fato não é tarefa das mais fáceis a conceituação de uma condição humana que não pode ser mensurada objetivamente e que perpassa por muitas dimensões. No entanto, uma visão mais ampla e uma tentativa de não fragmentação do físico, mental e social, pode nos levar a pensar melhor na expressão que define saúde como “completo bem-estar” e que segundo Rocha e Centurião (2007), pode ser traduzida:

“...enquanto qualidade de vida que depende não apenas de questões biológicas, mas também do que está disponibilizado ao sujeito para estabelecer seu estilo de vida, ou seja, saúde como direito universal e socialmente construído, devendo estar ao alcance de todas as pessoas indistintamente” (ROCHA E CENTURIÃO, 2007, p. 23).

Compreender qualidade de vida, saúde e estilo de vida no campo social convém a uma linha paradigmática onde os determinantes e condicionantes, biológicos, históricos culturais e sociais, são tidos como indissociáveis e importantes, é uma tentativa que pode ser observada nos trabalhos de Seidl e Zannon (2004). Esses autores assumem que a qualidade de vida é um dos principais campos na promoção da saúde e prevenção de doenças, portanto pertencente à grande área de saúde¹¹.

No entanto, Seidl e Zannon (2004) relatam que o termo qualidade de vida tem sido utilizado em duas vertentes: na linguagem cotidiana, utilizada por pessoas da população em geral, jornalistas, políticos, entre outros; e também na linguagem científica, com grande ênfase nas especialidades da saúde.

Embora não haja um consenso a respeito do conceito de qualidade de vida, é possível percebermos seu caráter polissêmico e, portanto, complexo (Gonçalves, 2005). Quando analisada sob domínio da área de saúde, tem como principal referência a Organização Mundial da Saúde. Essa instituição, na tentativa de

¹¹Segundo Rocha e Centurião (2007), ao citar o Conselho Nacional de Saúde são 14 as profissões diretamente envolvidas com a saúde. Através da Resolução nº 287, os profissionais da educação física juntamente com os da biomedicina, ciências biológicas, enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, medicina veterinária, nutrição, odontologia, psicologia, serviço social e terapia ocupacional, são os profissionais tecnicamente habilitados em saúde no Brasil. (BRASIL, 1998 apud ROCHA E CENTURIÃO, 2007).

generalizar a compreensão do termo criou a “World Health Organization Quality Of Life Assessment” (WHOQOL), que definiu qualidade de vida como “a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL, 1995, p.1405 apud Seidl & Zannon, 2004, p.583).

Assim, percebemos que para esta instituição, a qualidade de vida é uma construção subjetiva, pois se concentra na percepção do sujeito, de muitas dimensões e com aspectos positivos e negativos sobre o grau de satisfação do cidadão. Para Minayo (2000) as literaturas que tem como base essa instituição, abordam a qualidade de vida de forma “essencialmente medicalizada, adotando uma visão bioestatística e economicista da saúde”, sendo os estudos realizados de forma “funcionalistas e focalizados no custo-efetividade”, os quais não consideram o contexto em que o sujeito está inserido (Hubert, 1997, Durand et al, 1997 apud Minayo, 2000, p. 13).

No entanto, a qualidade de vida pode ser considerada sob outros aspectos, analisando as subjetividades, como comentado acima, mas também percebendo os aspectos objetivos que possam expressar alguma dimensão de qualidade de vida. Os de natureza subjetiva respondem a como as pessoas sentem ou o que pensam das suas vidas, bem como o valor que atribuem aos componentes materiais, emocionais ou sentimentais da vida. Já os considerados objetivos estão relacionados, por exemplo, à renda, emprego/desemprego, diferenças sociais, consumo alimentar, água potável, saneamento básico, coleta de lixo, acesso ao transporte, educação, lazer, entre outros (Minayo, 2000).

Através da WHOQOL a OMS criou um instrumento com a finalidade de avaliar a qualidade de vida individual da população, este já foi traduzido e validado para estudos no Brasil. Além do citado questionário da Organização Mundial da Saúde, foram elaborados também instrumentos nacionais na tentativa de avaliar a qualidade de vida no âmbito individual e subjetivo (Minayo, 2000; Gonçalves, 2005; Gordia, 2008). Entretanto, para analisar a qualidade de vida sob os aspectos objetivos o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNDU) elaborou o índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que surgiu com a intenção de ampliar o debate sobre o desenvolvimento das cidades do plano apenas econômico, considerando os aspectos de natureza social e cultural. O IDH considera que renda, saúde e educação são elementos fundamentais da qualidade de vida e de forma simplificada

procura sintetizar estes três atributos para gerar escores nas análises populacionais (MINAYO, 2000). Segundo esta autora, as técnicas criadas para avaliar a qualidade de vida tanto no âmbito individual das subjetividades, quanto na coletividade e objetividade, desconsideram o “contexto cultural, social, de história de vida e do processo dos indivíduos cuja qualidade de vida se pretende medir” (MINAYO, 2000, p. 8).

Percebe-se o caráter polissêmico do conceito em questão, bem como as dificuldades em defini-lo. Se analisarmos, por exemplo, os apelos midiáticos que divulgam através de propagandas de produtos e serviços que prometem promovê-la, identifica-se que o termo pode estar sendo empregado com impropriedade. Nesta perspectiva, os que têm poder de consumir os variados produtos, desde moradias, carros, peças de roupa, produtos alimentícios, entre outros, estariam através do consumismo desses bens, garantindo sua qualidade de vida. Trata-se do que já foi comentado acima: a individualização, sendo que uma vida de qualidade só é permitida para os que podem comprá-la (Gonçalves, 2007).

Tanto o conceito de saúde como o de qualidade de vida são de difícil compreensão. Minayo (2000) enfatiza que a análise do conceito de saúde e de suas relações mais próximas da qualidade de vida, já se mostram como um bom começo de manifestação contra o reducionismo biomédico e o dualismo saúde/doença. Segundo a autora, o conceito de promoção constitui a estratégia chave da discussão sobre saúde e qualidade de vida, sendo necessário para isso considerar que:

“...o estado de saúde de indivíduos e coletividades, assim como o sistema de saúde, influenciam e são influenciados pelo ambiente global, há que se reconhecer que nem todos os aspectos da vida humana são, necessariamente, uma questão médica ou sanitária. A ação governamental ou comunitária sobre os mesmos está compartimentalizada em setores econômicos e sociais e distribuída entre diferentes grupos de interesse e organizações” (MINAYO, 2000, p. 16).

Sendo assim, as questões que envolvem a promoção da saúde e qualidade de vida devem ser pensadas, respeitadas e mobilizadas dentro dos diferentes setores da sociedade, com responsabilidades tanto no âmbito individual quanto no coletivo dentro das comunidades, em parceria com instituições e através de um conjunto de ações necessárias por parte das políticas públicas.

Embora seja primordial compreender a amplitude que envolve a promoção de saúde coletiva, não podemos perder o cerne que sustenta nossos estudos, a

Educação Física. Nesse sentido, Ferreira e Najjar (2005) ressaltam que as práticas corporais são foco principal dos programas de políticas públicas para o combate ao sedentarismo da população e são apontadas como importantes na área de promoção da saúde pública. Desta forma, buscaremos compreender sob qual perspectiva se originaram tais propostas no Brasil, tanto as influências do Governo Federal, como as de alguns Estados e Municípios (em particular em Curitiba), o que nos leva a fazer uma análise dessas propostas, na próxima seção.

2.3 PROGRAMAS DE INCENTIVO À PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA

O combate ao sedentarismo da população tem sido apontado como importante na área de saúde pública e assumido posição de destaque nas pautas de políticas públicas em todo mundo (Ferreira & Najjar, 2005), com a criação de Programas de Incentivo à prática de Atividade Física. Como comentado em seção anterior (MENDES, 2001; MATIELLO JUNIOR, 2001) as políticas de promoção das atividades físicas e do esporte no Brasil tiveram origem nas décadas de 1960 até meados de 1980. Com os programas Esporte para Todos e Mexa-se, o governo brasileiro tinha como objetivo difundir o esporte e aumentar o nível de atividade física populacional ocupando o tempo livre dos trabalhadores com atividades físicas e desportivas para promoção da saúde.

Em 1986 o Governo Federal criou o Programa de Educação e Saúde, através da Atividade Física e do Esporte, por intermédio do Ministério da Saúde e do então Ministério da Educação e do Desporto¹². O projeto tinha como escopo a capacitação de profissionais das áreas de Educação em Exercício Físico e Saúde; a implementação, junto às Universidades Federais e Estaduais, de equipes locais para o fomento de programas de atividades física e saúde junto à população; a produção de material para a população em geral e para os profissionais das áreas de Educação e Saúde sobre a importância da prática da atividade física como fator de promoção e recuperação da saúde, prevenção das doenças, melhoria do bem-estar social e da qualidade de vida.

Ficam expostas as reais perspectivas do Governo Federal ao criar as primeiras ações de políticas públicas para promoção à atividade física da população

¹² Este programa surgiu sob coordenação do EAD-UNICAMP e tais informações foram encontradas no site da Universidade: http://www.ead.unicamp.br/feef/programa/o_programa.html, acessado em fevereiro de 2008.

nacional em 1986. A idéia de capacitar profissionais, atuar nas instituições de ensino superior, informar a população sobre a importância da atividade física para promoção à saúde ou fomentar tais práticas na população, nos parece um tanto limitada, uma vez que não encontra-se uma maior preocupação em compreender as reais necessidades da população brasileira. Assim, aparenta-se não haver quaisquer perspectivas, por exemplo, de se criar espaços públicos para as comunidades mais necessitadas, nem tão pouco discutir sobre o tempo de trabalho e não-trabalho da população, a fim de perceber qual seria a disponibilidade desses para a realização das práticas. Essas atitudes mostram-se insuficientes, portanto, para o desiderato de efetivar a promessa de promover ou recuperar a saúde, muito menos melhorar o bem estar social e qualidade de vida da população.

Em documento produzido pelo Ministério da Saúde¹³ (BRASIL, 2002), o Governo Nacional torna explícito os ideais do Programa Nacional de Promoção da Atividade Física, pela proposição de aumentar o conhecimento da população sobre os benefícios da atividade física, enfatizando a importância destas práticas na proteção à saúde, a principal mensagem do Agita Brasil preconizava que:

Todo cidadão deve realizar pelo menos 30 minutos de atividade física, na maior parte dos dias da semana (se possível, todos), de intensidade moderada (ou leve), de forma contínua ou acumulada.
O princípio da inclusão tem sido exaustivamente procurado, e as estratégias privilegiam a adoção de uma cidadania mais ativa, no sentido de “agitar” o cotidiano em três momentos básicos:

- nas atividades domésticas;
- no transporte (ao trabalho ou à escola);
- no lazer.

E segue:

(MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002 p.13).
A proposta é elevar o nível de atividade física de cada pessoa, de modo que:

- indivíduos sedentários passem a ser um pouco ativos;
- indivíduos pouco ativos se tornem regularmente ativos;
- indivíduos regularmente ativos passem a ser muito ativos;
- indivíduos muito ativos mantenham este nível de atividade física.

Os públicos priorizados pelo Agita Brasil são os escolares (crianças e adolescentes), os trabalhadores, os idosos e os portadores de doenças crônicas não transmissíveis (BRASIL, 2002, p. 7).

¹³ Documento intitulado Agita Brasil: Programa Nacional de Promoção da Atividade Física / Coordenação de Promoção da Saúde e disponível no site:
<http://iah.iec.pa.gov.br/iah/fulltext/pc/monografias/ms/pnpaf/agitabrazil2002.pdf> , acessado em março de 2008.

Ao refletirmos sobre o referido programa nacional, podemos perceber a semelhança com projetos que foram implementados no Brasil em décadas anteriores, o Mexa-se e o Esporte para Todos. Percebe-se que a origem das ações de políticas públicas no Brasil estavam restritas a atuações que compreendem o indivíduo apenas com perspectivas comportamentais. Dessa maneira, coloca-se a carga de promoção a uma vida saudável sob responsabilidade do cidadão que, freqüentemente, encontra-se com a saúde fragilizada pelos mais diversos e variados motivos: sociais, políticos e, porque não dizer, individuais, como os comportamentos de risco, dentre os quais foi destacado o sedentarismo. Todavia, parece não haver maiores preocupações, por parte desses programas, em elencar e atuar nos reais motivos geradores dos altos índices de sedentarismo. Os agentes geradores do sedentarismo se mostram das mais diversas formas, como por exemplo, o concorrido e exploratório mercado de trabalho que consome grande parte da vida do trabalhador, ou ainda o difícil acesso às práticas corporais, principalmente da população que mora na região mais periférica da cidade, a fim de ofertar um transporte adequado e com preços justos, ou até mesmo ampliar o acesso a espaços públicos com equipamentos em condições apropriadas, com segurança e orientação profissional para a realização concreta de tais práticas.

Embora reconheçamos que o Governo Federal foi pioneiro na idealização e implementação do programa, para que os mesmo tivessem uma repercussão em âmbito nacional foram necessárias as parcerias e ações conjuntas com as secretarias Estaduais e Municipais de saúde, esporte, lazer, instituições privadas e outros, contribuindo para a formulação da Política Nacional atual que incentiva a prática de atividades físicas da população nacional.

Uma das maiores influências destas ações de políticas públicas no Brasil pode ser percebida nos programas realizados pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul¹⁴. O Celafiscs, que em solicitação da Secretaria do estado de São Paulo, criou em 1996 o Programa “Agita São Paulo” com o objetivo de combater o sedentarismo em tal Estado, aumentando o nível de atividade física e o conhecimento sobre os benefícios para a saúde de um estilo de vida ativo. Através de parcerias com instituições governamentais, não

¹⁴ O Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS) é responsável pela coordenação do programa “Agita São Paulo” e por grande parte dos estudos que relacionam atividade física e saúde no Brasil. Falaremos mais adiante sobre essa instituição e sua importante influência a nível nacional e internacional.

governamentais e empresas privadas, bem como com profissionais e centros em todo Brasil e no exterior, o “Agita São Paulo” busca:

“...estimular a alteração dos hábitos de vida das pessoas com a incorporação da prática regular de, pelo menos 30 minutos de atividade física, na maior parte dos dias da semana – se possível, diariamente –, de intensidade moderada, como estratégia para redução de risco de doença crônica não transmissível e para qualidade de vida.” (CELAFISCS, 1998).

Foi com estes ideais que surgiu a maioria dos programas de incentivo a um estilo de vida ativo, de franco combate ao sedentarismo, tendo como carro-chefe os programas realizados pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, os quais, através do “Agita São Paulo”.

As ações buscam motivar o sujeito a acumular 30 minutos de atividade física diárias, sem levar em consideração uma população que tenta sobreviver em meio a uma realidade com muitos problemas de ordem econômica, desigualdade social, falta de planejamento urbano, poluição intensa, violência extrema, entre outros caos que terminam por confranger os grandes centros urbanos.

O programa *Agita São Paulo* teve muita repercussão no âmbito nacional e internacional e passou a difundir-se para outros estados, embasados em uma mesma ideologia e desenvolvendo uma rede brasileira que foi reforçada com a solicitação do Ministério da Saúde para que o CELAFISCS organizasse o “Agita Brasil”, no período entre 2000 e 2002. As ações de políticas públicas no Brasil inspiraram a OMS na temática do evento comemorativo do Dia Mundial da Saúde em 2002, buscando enfatizar a importância da atividade física para uma vida saudável. O objetivo da Organização Mundial de Saúde (OMS) é chamar atenção das autoridades e da sociedade civil sobre a importância da prática de exercícios e outras ações, como a alimentação mais saudável, para prevenção de uma série de problemas da saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Em sua maioria, essas propostas seguem as recomendações do ACSM/ CDC (College of Sports Medicine/ Center for Control Disease) que preconizam um estilo de vida saudável, onde “todo indivíduo deve acumular ao menos 30 minutos de atividade física, na maioria dos dias da semana, em intensidade moderada, de forma contínua ou acumulada” (Matsudo, 2002). Essas definições serviram como referência para muitas pesquisas epidemiológicas que buscavam traçar um perfil sobre o nível de atividade física populacional e como consequência tornaram-se

recomendações que sustentavam os programas de combate ao sedentarismo da população brasileira e mundial.

Segundo Matsudo, 2002, as definições de classificação do sujeito como sedentário ou não, foram adotadas através de um consenso realizado entre o CELAFISCS e o CDC, considerando os critérios de frequência e duração da atividade física realizada e que classifica as pessoas em cinco categorias:

1. MUITO ATIVO: aquele que cumpriu as recomendações de:
 - a) VIGOROSA: ≥ 5 dias/sem e ≥ 30 minutos por sessão e/ou
 - b) VIGOROSA: ≥ 3 dias/sem e ≥ 20 minutos por sessão + MODERADA e/ou CAMINHADA: ≥ 5 dias/sem e ≥ 30 minutos por sessão.
2. ATIVO:aquele que cumpriu as recomendações de:
 - a) VIGOROSA: ≥ 3 dias/sem e ≥ 20 minutos por sessão; e/ou
 - b) MODERADA ou CAMINHADA: ≥ 5 dias/sem e ≥ 30 minutos por sessão; e/ou
 - c) Qualquer atividade somada: ≥ 5 dias/sem e ≥ 150 minutos/sem (caminhada + moderada + vigorosa).
3. IRREGULARMENTE ATIVO: aquele que realiza atividade física, porém insuficiente para ser classificado como ativo, pois não cumpre as recomendações quanto à frequência ou duração. Para realizar essa classificação soma-se a frequência e a duração dos diferentes tipos de atividades (caminhada + moderada + vigorosa). Este grupo foi dividido em dois subgrupos de acordo com o cumprimento ou não de alguns dos critérios de recomendação.

IRREGULARMENTE ATIVO A: aquele que atinge pelo menos um dos critérios da recomendação quanto à frequência ou quanto à duração da atividade:

 - a) Frequência: 5 dias /semana ou
 - b) Duração: 150 minutos / semana

IRREGULARMENTE ATIVO B: aquele que não atingiu nenhum dos critérios da recomendação quanto à frequência nem quanto à duração.
4. SEDENTÁRIO: aquele que não realizou nenhuma atividade física por pelo menos 10 minutos contínuos durante a semana (MATSUDO, 2002. p.43).

Como pudemos observar, a identificação das práticas sedentárias no Brasil segue a mesma lógica de importação de modelos e protocolos de pesquisa. Grande parte dos estudos populacionais que relatam o sedentarismo no Brasil possuem como referencia o I-PAQ (traduzido em português como Questionário Internacional de Atividade Física). O instrumento é um questionário recordatório sobre os sete últimos dias e avalia frequência e tempo das atividades. A ferramenta foi desenvolvida pela OMS em uma tentativa de determinar o nível de atividade física mundial, sendo traduzido e validado no Brasil (PARDINE et al, 2001). O instrumento busca avaliar o tempo que o sujeito gasta fazendo atividade física diariamente no tempo de trabalho, como formas de deslocamento e no tempo livre do trabalho,

classificado-as em três categorias; as caminhadas, as atividades moderadas e as atividades vigorosas (PARDINE et al, 2001).

Para Matiello Junior e Gonçalves, (2001), a associação mecânica da aptidão física e seus benefícios para a saúde, pode levar as pessoas a permanecerem fascinadas e iludidas pela facilidade destas e seus resultados. No entanto, tais impressões podem dificultar algumas interpretações da realidade, como nos relata o autor:

No contexto bastante conflitivo que é o da realidade brasileira na atualidade, nos animamos a ressaltar que o exercício não irá causar efeitos sempre previsíveis e benéficos, bem como as pessoas guardam singularidades que as diferenciam das outras, sendo, portanto, exagerada a noção de que sua execução proporciona aptidão física indistintamente. Vale destacar, quando se cria a noção de saúde pela via da aptidão física no imaginário social – no senso comum - sustentado com ares de cientificidade por especialistas e governos via comunicação de massa, pode-se estar gerando pseudo-sensação de segurança na população praticante, o que favorece a desmobilização das pessoas para outros aspectos da vida social (MATIELLO JUNIOR E GONÇALVES, 2001. p.3)

Além da crítica quanto a mecanização das práticas corporais, o mesmo autor comenta sobre dinâmica de importação de modelos de programas ou de sistemas de práticas corporais. . Tais propostas não dão conta de responder às necessidades locais e possuem pouca disposição para enfrentamento de problemas particulares. Matiello Junior e Gonçalves, (2001), destacam que o pensamento hegemônico da educação física higienista no final do século XX, importou o combate ao sedentarismo e a prevenção de doenças crônico-degenerativas de outros centros, o que limitava a atuação política e científica da educação física, na medida que se estabeleceu prioridades de forma descontextualizada sobre a saúde de nossa população e estimulou relações verticalizadas da academia sobre o conhecimento popular e sobreposição da atuação técnica em detrimento da educativa em perspectiva crítica (MATIELLO JUNIOR E GONÇALVES, 2001).

Tendo em vista as necessidades humanas de realização de movimentos, não podemos negar as importantes alterações de cunho biológico observadas nas pessoas que praticam regularmente atividade física sob a forma de exercícios físicos sistemáticos e repetitivos, mas, como nos remete Carvalho (2007), nada é puramente natural no ser humano, inclusive suas funções fisiológicas como sono, alimentação, entre outros, sofrem influência cultural, sendo fundamental pensar a

noção de cultura dos povos, para compreendermos a diversidade das sociedades, inclusive nos termos biológicos.

É mister, pois, ao discutirmos a saúde da população, levarmos em consideração em primeiro lugar a integridade indissolúvel do sujeito, bem como as relações existentes no campo da expressão social marcada pelos setores econômicos, políticos, culturais e etc.; inclusive no combate ao sedentarismo e promoção das práticas corporais da comunidade, sem desconsiderarmos, por exemplo, a real importância do profissional de educação nesse processo, conforme nos coloca Luz (2007):

“Além de uma ‘consciência sanitária’, é muito importante que os profissionais da educação física presentes e futuros no campo da saúde tenham em mente uma diferença fundamental de funções quando se trata da saúde coletiva, pois não se trata de ‘treinar’ (caso do desporto) ou ‘adestrar’ (caso da maioria das ginásticas), talvez nem mesmo de ‘habilitar’ (caso da educação escolar) o corpo dos praticantes para o desempenho de atividades físicas, mas, na maioria das vezes, simplesmente, através da atividade, colocar em contato com seu próprio corpo pessoas que jamais se detiveram para ‘senti-lo’ ou ‘ouvi-lo’ como ‘sua casa’...” (LUZ, 2007, p. 15).

Portanto promover ações que busquem proporcionar as práticas corporais no tempo/espço de Lazer vai muito além de apenas conscientizar a população sobre a necessidade de adoção de um estilo de vida ativo, parece ser uma tarefa transdisciplinar passando inclusive pelo processo de formação dos professores de educação física, como naquela citação de Luz (2007). A visão reducionista, cartesiana, que reinou como berço da ciência ocidental durante muito tempo, divide o sujeito e o separa da sociedade e de suas expressões culturais, sendo muitas vezes incapaz de perceber as influências destas últimas na vida individual. Podemos perceber uma preocupação em aumentar o nível de atividade física da população ocupando seu tempo livre do trabalho com atividades de alto gasto calórico. Contudo, se pensarmos na promoção da saúde, este tempo pode ser também um tempo/espço para novas vivências potencializando encontros sociais, reflexões políticas, formação do caráter e valores ou até mesmo de liberdade, contemplação e descanso, tão importantes para promoção da saúde quanto um estilo de vida ativo.

Entretanto devemos manter o equilíbrio, principalmente nas ações de políticas coletivas. Não se pode associar o estilo de vida ativo com enfoque na excessiva responsabilização individual, mas sim colocar em pauta as reais necessidades de cada contexto social e se acreditarem que de fato é importante o aumento no nível

de atividade física de determinada comunidade, proporcionar reais condições para que todos possam desfrutar a oportunidade de vivenciar a cultura corporal do movimento com todos os seus sentidos e significados locais.

Portanto, tentaremos elucidar, na próxima seção, quais as perspectivas apontadas pelo programa público municipal de Curitiba para o incentivo á prática regular de atividade física para promoção da saúde.

2.3.1 O Programa Curitibativa

Embora Curitiba não estivesse relacionada nas cidades parceiras dos programas descritos á cima, a cidade também aderiu às tendências nacionais e mundiais de combate ao sedentarismo. Foi nesse contexto que se implementaram os primeiros programas e ações com o objetivo de oportunizar a prática de atividade física da população curitibana e dentre os quais podemos destacar:

”...o Centro de Aprimoramento de Talentos Esportivos - CATES, Maratona Ecológica, Animação Comunitária, Dança Curitiba, Curitibativa, que se somaram às Corridas de Rua, Jogos Escolares, Festas Comemorativas e Linha do Lazer, já existentes. As atividades sistemáticas oferecidas nas Regionais (Ginástica, Ginástica para Terceira Idade e iniciação esportiva), passaram a ser consideradas parte integrante do Programa Curitibativa e CATES, por ter objetivos semelhantes” (Kruchelski, 2005. p. 57).

Dentre os vários projetos citados, em fevereiro de 1998, encetou-se o planejamento do Programa Curitibativa, que se destaca em nossas análises por ter como idéia central proporcionar a saúde da população Curitibana por meio da atividade física. Esse projeto seria lançado em um evento organizado pela PMC no Parque Barigui em maio do mesmo ano, com o “objetivo de criar uma rede de atenção à população curitibana através da informação, sensibilização, incentivo e oferta da prática da atividade física”, buscando atingir os diferentes segmentos sociais, bem como as diferentes faixas etárias (Kruchelski, 2005. p. 58).

Nessa perspectiva a PMC buscou algumas estratégias de ações com a finalidade de atingir os diferentes segmentos da população. Sendo assim, foram distribuídos folders nos mais variados espaços da cidade, além da criação e distribuição de panfletos informativos voltados ao interesse da comunidade, com o objetivo de informá-la, de forma clara e acessível, sobre “os benefícios que a prática

regular e sistemática da atividade física promovem ao ser humano” (Kruchelski, 2005. p. 59).

O material impresso foi uma das principais ações iniciais do Curitibativa. Foram criados painéis (1,80 x 1,00m) e panfletos com cinco temáticas e objetivos diferentes, que tinham por tenção a apresentação das séries de exercícios e benefícios em praticá-los, buscando criar um padrão de comunicação e chamar a atenção das pessoas para a ação. A montagem das temáticas seguiu a seguinte prioridade:

1) MEXER: (Quer mudar...? Comece já a se MEXER) - Esse panfleto orienta o cidadão em relação à importância da prática da atividade física, aponta as conseqüências da ausência dessa prática, mostra como o cidadão pode realizar caminhadas seguras e aborda os seguintes itens:

- Conseqüências da vida sedentária.
- Benefícios da atividade física.
- Andar ou correr.
- Cuidados com a postura.
- Velocidade, ritmo e intensidade da atividade.
- Técnica da caminhada.
- Controle da freqüência cardíaca.
- Cuidados com a pressão arterial.

2) ALONGAR (Não endureça, comece já a se ALONGAR) - Alerta sobre a importância da consciência corporal através de exercícios de alongamento no dia-a-dia. São abordados:

- Complicações articulares devido ao encurtamento muscular.
- Série de exercícios de alongamento.
- Importância da correta execução dos exercícios.

3) EMAGRECER (Quer emagrecer...? comece já) - Esclarece sobre os problemas da obesidade na vida das pessoas, como combatê-la através da adoção de hábitos saudáveis e apresenta:

- Doenças causadas pela obesidade.
- Epidemia mundial (aumento da população obesa).
- Diagnóstico (Índice de Massa Corpórea).
- Como evitar a obesidade.
- Atividade física regular.
- Quadro de gasto calórico.
- Série de exercícios localizados.

4) FORÇA (Não deixe cair... Faça FORÇA) - Enfoca a necessidade da realização de exercícios de força, ou seja, com o uso estratégico do princípio da sobrecarga, com o objetivo de prevenir dores e lesões e manter as condições físicas para a realização das tarefas diárias. Aborda, os seguintes temas:

- O que é força.
- Porque aumentar a força.
- Principais músculos dos movimentos corporais.
- Quem deve exercitar-se.
- Como se exercitar de forma correta.
- Série de exercícios de resistidos utilizando borracha extensora.

5) ASMA (Não bobeie, drible a asma) - Propõe a prática diária de exercícios para melhorar as capacidades ventilatória e cardiorrespiratória, com o

objetivo de minimizar o desconforto nas crises asmáticas, bem como a diminuição da ingestão de medicamentos, melhorando consideravelmente a qualidade de vida dos portadores, com os seguintes assuntos:

- O que é asma.
- O que pode provocar as crises.
- A importância de consultar o médico.
- O asmático e a atividade física.
- Procedimentos durante as crises.
- Série de exercícios respiratórios.

(Kruchelski, 2005. p. 60-61)

Ao analisarmos as principais ações do projeto criado na capital do Paraná, logo se evidencia o principal objetivo de informar, sensibilizar, incentivar a população à adoção de um estilo de vida ativo, tido pelos mesmos como importante para promoção da saúde populacional. O texto produzido pelos profissionais da prefeitura envolvidos nesse projeto destaca como uma das principais ações a veiculação de material impresso contendo cinco temáticas com objetivos de apresentar séries de exercícios e os benefícios em praticá-los: “Comece já a se mexer”, “não endureça”, “emagreça já”, “faça força”, “cure a asma”, foram as cinco temáticas que, a princípio, não parecem ser tão diferentes entre si, uma vez que tratam apenas dos fatores biológicos, colocando a atividade física como suficiente na promoção da saúde.

Entendemos aqui a importância de informar a população sobre os benefícios da prática regular de exercícios físicos, entretanto, essas informações nos parecem reduzidas, a começar pela forma adotada para democratizar o conhecimento que não o torna acessível, por exemplo, á analfabetos ou deficientes visuais. Além disso, as temáticas debatidas nos panfletos enfatizam somente os fatores biomecânicos sem respeitar as necessidades individuais do cidadão que, por exemplo, já passa o dia inteiro fazendo força no seu tempo de trabalho e ao ter acesso a tais informações passa a ser motivado a fazer mais força (para ficarmos só por aqui). Parece-nos ser tão importante quanto o fato de motivá-los para que se mexam a qualquer custo, levá-los à compreensão das necessidades locais de uma comunidade quanto ao acesso de todos, possíveis dificuldades, problemas de obesidade ou doenças respiratórias.

Para corroborar com essa reflexão, concordamos com o pensamento de Carvalho (2004), ao afirmar a importância na lógica de preservação da saúde e nos princípios da medicina preventiva, mas que é preciso ficar claro que isto é um movimento amplo, que perpassa por questões básicas de melhoria da saúde,

educação, habitação, trabalho e lazer visando gerar situações mínimas de dignidade à sociedade. Segundo a autora:

“Sem negar as diferenças presentes nas concepções de atividade física e sua relação com a saúde, nos vários momentos históricos, esses discursos fundamentam-se em uma falsa consciência – a necessidade de atividade física para se conquistar saúde, imputando ao indivíduo essa responsabilidade, uma vez que a estrutura governamental continua não comprometida com o que interessa, a saúde...” (CARVALHO, 2004, P.88).

Porém, o que percebemos nos programas analisados é a ação principal de informar a comunidade sobre os benefícios das práticas de atividade física, incentivando-as em três situações: “em casa, como meio de transporte e lazer” (Matsudo, 2002 p. 42). Dito assim parece que a informação populacional seria primordial e suficiente para mobilizar toda uma sociedade e assim atrair o maior número de pessoas a adotarem um estilo de vida ativo.

Fiel aos ideais de informar a população, houve a preocupação da SMEL em verificar a abrangência da disseminação das informações contidas nos folders, sendo então realizada, de outubro a novembro de 1999, uma pesquisa quantitativa de opinião nos Parques Barigui e Bacacheri, e também nas feiras do Conjunto Habitacional Solar. A entrevista foi realizada com 1.161 pessoas de ambos os sexos, sendo que aproximadamente 18% já haviam tomado conhecimento do programa e desses, 33,5% declararam ter mudado de hábitos, sendo que as principais mudanças relatadas foram o fato de as pessoas passarem a caminhar mais, fazer mais exercícios físicos e alongamentos, bem como a ocorrência de uma maior preocupação e consulta com um médico (Kruchelski, 2005). Se pensarmos essa pesquisa como uma espécie de avaliação do programa, podemos perceber que o mesmo não conseguiu atingir a proposta de informar grande parte a população. Por outro lado, respeitando as limitações da pesquisa, é consideravelmente positiva a mudança de comportamento de aproximadamente 1/3 da população que assumiu conhecer o programa da prefeitura.

Desse modo, concordamos com Ferreira e Najjar (2005), que dizem não haver evidências que sustentem o fato de que apenas o maior conhecimento sobre a prática de exercícios possa levar as pessoas a adotarem um estilo de vida ativo. Para esses autores, o fenômeno da adesão populacional em tais propostas nos remete a compreendê-la como um processo e para que tais programas consigam alterar os hábitos das pessoas, parece ser importante considerar também as demais

variáveis presentes no processo de adesão, como por exemplo, o acesso, o tempo livre do trabalhador, a segurança, as condições ambientais e entre outras respeitar o contexto social e as reais necessidades específicas de cada comunidade, são tão importantes quanto informar a população sobre a importância dessas práticas.

O trabalho de Reis (2001) parece importante para analisarmos a questão das necessidades específicas da comunidade. O autor estudou o Jardim Botânico de Curitiba-Pr e identificou que as ações político-normativas como programas públicos para a prática de atividade física realizadas no parque, ou o fato de conter cartazes e quadros informativos no mesmo, não exercem qualquer influência sobre as práticas lá realizadas. No entanto, algumas variáveis são determinantes para a prática de atividades físicas naquele local e dentre as quais podemos destacar a percepção do ambiente. Em meio aos fatores que estimulam a adesão dos praticantes, Reis (2001) realça os equipamentos disponíveis: bancos, espaldares, barras para exercícios, pista de caminhada/corrida, colocados, pelo autor, como variáveis tecnológicas e arquitetônicas; a beleza do local também apresentou forte relação, além das variáveis relacionadas a valores e atitudes como é o caso dos comportamentos gerais dos usuários do parque ou ainda o apoio e incentivo de amigos, bem como o valor atribuído ao parque pela comunidade.

Essa pesquisa nos mostra a especificidade de um determinado contexto social, onde o espaço e o convívio social possuem fortes influências e são determinantes para as realizações destas práticas bem como sobre as formas de apropriação do local. Reis (2001) classificou as práticas corporais realizadas no parque em três categorias: 1- Ativas, que compreendem a caminhada, corrida e jogos; 2- Passivas, como leituras e descanso e 3- Outras que não se enquadrem nas classificações. Entre as três categorias, as ativas somaram 89,3% do total, sendo que deste total a caminhada (83,0%) foi a mais freqüente entre os entrevistados, seguida da corrida (7,7%) (REIS, 2001, p.48).

Desta forma, espaço, sujeito e sociedade passam a ser compreendidos dentro de uma teia de interdependência na qual o espaço pode influenciar nas ações de seus freqüentadores, seja nas formas de apropriação, no perfil de seus usuários, nas práticas realizadas nos mesmos bem como no tipo de relação estabelecida no local. Por exemplo, um parque que priorize em seu projeto arquitetônico espaços e equipamentos para as práticas de exercícios, de certa forma busca direcionar as ações de seus freqüentadores. No entanto, a pesquisa do professor Rodrigo Reis

(2001) nos mostrou que existem outras formas de apropriação destes espaços e que, entre outras, a contemplação e o encontro com a beleza do local são também importantes.

Nesse sentido o trabalho de Rechia (2003) mostra as formas que algumas pessoas encontram para “fugir” das formas ditas tradicionais ou de certa forma delimitadas pelo espaço e pela lógica hegemônica. Dentre essas a autora destaca outras formas de vivenciar o corpo no espaço, permitindo experiências mais sensíveis como “oxigenação à rotina do mundo do trabalho, aproveitando de maneira intensa o espaço para meditar, contemplar a natureza, ouvir os pássaros, ver o pôr-do-sol, exercer um certo ócio e entrar em sintonia com o corpo” (RECHIA, 2003, p. 141).

Essa autora destaca a importância dessas ações percebidas nos cotidianos dos parques e que podem ser importantes na promoção da saúde populacional por gerar encontros sociais, bem como o equilíbrio emocional, o reencontro do sujeito com a natureza e que, de certa forma, fogem da lógica da produção de performance e desempenho corporal ou aptidão física incentivadas através dos programas de combate ao sedentarismo.

Portanto, o distanciamento das práticas corporais (entendidas para além das atividades físicas) no mundo atual pode e deve ser analisado além dos malefícios biológicos acima descritos pelo ACMS (2000), pois a própria definição da OMS sobre saúde nos remete a pensar para além desses, ou seja, compreendermos o sujeito em sua plenitude social, cultural e até mesmo espiritual. Buscar através das práticas corporais um maior equilíbrio emocional, uma verdadeira identidade, um “reencontro” com seu “eu”, bem como explorar um sentimento perdido de pertencimento a um determinado grupo ou lugar e vivenciar importantes laços sociais.

Nesse sentido, parece que as ações de políticas públicas no Brasil evoluíram em suas considerações a respeito da promoção de atividade física populacional, como veremos na próxima seção:

2.3.2 Novas Perspectivas

Em documento sobre a Política Nacional de Promoção da Saúde, publicado pelo Ministério da Saúde em 2006 (SECRETÁRIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE,

2006), o Governo Federal legitima as práticas corporais como essenciais para a promoção da saúde coletiva. Entre os desafios da Promoção da Saúde através do Programa do Governo Federal destaca-se a indução de atividade física - práticas corporais, reconhecido fator de proteção contra os riscos que ameaçam a saúde. No entanto, o texto deixa claro que nos últimos 20 anos do Sistema Único de Saúde (SUS), “o cotidiano dos serviços revelou a importância dos determinantes sociais na condução das necessidades de saúde das comunidades; e a promoção da saúde, o caminho para a resposta a seus desafios” (MALTA E COLS., 2009 p. 80).

Nesse sentido, esses autores atentam para a integridade dos serviços, uma das diretrizes do SUS na abordagem do novo cenário epidemiológico brasileiro, onde a polarização entre atenção clínica e promoção de saúde não contribui para melhoria da qualidade de vida da população tampouco para a ampliação da resolubilidade das ações sanitárias em curso. Para tanto, o documento prevê as ações de promoção da prática corporal/ atividade física centradas em quatro perspectivas:

I – Ações na rede básica de saúde e na comunidade:

- a) Mapear e apoiar as ações de práticas corporais/ atividade física existentes nos serviços de atenção básica e na Estratégia de Saúde da Família, e inserir naqueles em que não há ações;
- b) Ofertar práticas corporais/ atividade física como caminhadas, prescrição de exercícios, práticas lúdicas, esportivas e de lazer, na rede básica de saúde, voltadas tanto para a comunidade como para grupos vulneráveis;
- c) Capacitar os trabalhadores de saúde em conteúdos de promoção à saúde e práticas corporais/ atividade física na lógica da educação permanente, incluindo avaliação como parte do processo;
- d) Estimular a inclusão de pessoas com deficiência em projetos de práticas corporais/ atividade física;
- e) Pactuar com os gestores do SUS e outros setores nos três níveis de gestão a importância de ações voltadas para melhorias ambientais com o objetivo de aumentar os níveis populacionais de atividade física;
- f) Construir mecanismos de sustentabilidade e continuidade das ações do “Pratique Saúde no SUS” (área física adequada e equipamentos, equipe capacitada, articulação com a rede de atenção);
- g) Incentivar articulações interestaduais para melhoria das condições dos espaços públicos para a realização de práticas corporais/ atividade física (urbanização dos espaços públicos, criação de ciclovias e pistas de caminhadas, segurança, outros).

II - Ações de aconselhamento/divulgação:

- a) organizar os serviços de saúde de forma a desenvolver ações de aconselhamento junto à população, sobre os benefícios de estilos de vida saudáveis;
- b) desenvolver campanhas de divulgação, estimulando modos de viver saudáveis e objetivando reduzir fatores de risco para doenças não transmissíveis.

III – Ações de intersetorialidade e mobilização de parceiros:

- a) pactuar com os gestores do SUS e outros setores nos três níveis de gestão a importância de desenvolver ações voltadas para estilo de vida saudáveis, mobilizando recursos existentes.
- b) Estimular a formação de redes horizontais de troca de experiências entre municípios;
- c) Resgatar as práticas corporais/ atividade física de forma regular nas escolas, universidades e demais espaços públicos;
- d) articular parcerias estimulando práticas corporais/ atividade física no ambiente de trabalho.

IV – Ações de monitoramento e avaliação:

- a) desenvolver estudo e formular metodologias capazes de produzir evidências e comprovar a efetividade de estratégias de práticas corporais/ atividade física no controle e prevenção de doenças crônicas não transmissíveis;
- b) estimular a articulação com instituições de ensino e pesquisa para monitoramento e avaliação das ações no campo das práticas corporais/ atividade física;
- c) consolidar a Pesquisa de Saúde dos Educadores (AVA/MS) como forma de monitoramento de práticas corporais/ atividade física de adolescentes.

(SECRETÁRIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE, 2006)

Nesse cenário, para Malta e cols. (2009) muitos são os desafios à construção dessa rotina no cotidiano. O incentivo às práticas corporais deve privilegiar estratégias que garantam a existência de espaços prazerosos e adequados (pistas de caminhadas, ciclovias, praças públicas, espaços para a prática de esporte e lazer, por exemplo), segurança, arborização e transporte público, e outras. Trata-se de investir no debate sobre o planejamento urbano, a mobilidade urbana e as desigualdades e iniquidades no acesso a espaços públicos saudáveis (MALTA E COLS. p. 80).

No sentido de superação, segundo Malta e cols. (2009), o julgamento e a responsabilização individual pelo adoecimento, como se a todos fosse dada a possibilidade de escolha entre adoecer ou não, entre possuir esse ou aquele modo de vida, parece não ser mais a análise mais adequada ou fiel à realidade. Os autores ressaltam que para a promoção da saúde, é fundamental estabelecer parcerias com todos os setores da administração pública (Educação, Meio Ambiente, Agricultura, Trabalho, Indústria e Comércio, Transporte, Direitos Humanos e outros), empresas, organizações não governamentais (ONG), para induzir mudanças sociais, econômicas e ambientais que favoreçam políticas públicas vinculadas à garantia de direitos de cidadania e à autonomia de sujeitos e coletividades. (MALTA E COLS., 2009).

Portanto, nesse novo paradigma a promoção da saúde não deve ser compreendida apenas como um conjunto de procedimentos que informam e capacitam indivíduos e organizações, ou que buscam controlar determinantes das

condições de saúde em grupos populacionais específicos. Sua maior importância reside na diversidade de ações possíveis para preservar e aumentar o potencial individual e social de eleição entre diversas formas de vida mais saudáveis. Para tanto, segundo Malta e cols.(2009), à partir de 2006, o Ministério da Saúde também se empenhou no desenvolvimento de estratégias de incremento estrutural do Sistema Único de Saúde, focadas nos serviços de saúde e na produção de conhecimento. No que tange à estruturação de ações nos serviços oferecidos pelo SUS, destacam-se três medidas:

1. Investimentos da Secretaria de Vigilância em Saúde no fomento de experiências realizadas por Estados e Municípios. Recursos são destinados ao financiamento – fundo a fundo – de ações de vigilância e prevenção de doenças e agravos não transmissíveis (DANT), com ênfase naquelas relacionadas a atividade física-práticas corporais: a) no ano de 2005, para as 27 capitais dos Estados, pela Portaria no 2608/2005; b) em 2006, para 132 Municípios, pelo Edital no 2, de 11 de setembro de 2006; e c) em 2007, para 210 Municípios, pelo Edital no 2, de 16 de setembro de 2007. Saliente-se, aqui, a significativa ampliação de recursos financeiros destinados aos projetos de práticas corporais: R\$4,6 milhões em 2005; R\$5,3 milhões em 2006; e R\$16,8 milhões em 2007.19-21

2. Criação do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf) pela Secretaria de Atenção à Saúde. Segundo a Portaria GM/MS no 154, de 25 de janeiro de 2008, os Nasf reunirão profissionais das mais variadas áreas da Saúde, como médicos (ginecologistas, pediatras e psiquiatras), professores de educação física, nutricionistas, acupunturistas, homeopatas, farmacêuticos, assistentes sociais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais. Eles atuarão em parceria com as equipes da Saúde da Família em inúmeras atividades: desenvolvimento de atividade física-práticas corporais; educação permanente em nutrição; ampliação e valorização do uso dos espaços públicos de convivência; implementação de ações em homeopatia e acupuntura, para a melhoria da qualidade de vida; promoção de ações multiprofissionais de reabilitação, para reduzir a incapacidade e deficiências e permitir a inclusão social de pessoas nessas condições; atendimento a usuários e familiares em situação de risco psicossocial ou doença mental; elaboração de estratégias de resposta a problemas relacionados à violência e ao abuso de álcool; e apoio às equipes da Saúde da Família na abordagem e atenção adequadas aos agravos severos ou persistentes na saúde de crianças e mulheres, entre outras ações.

3. Estratégias de cooperação técnica com os Estados e Municípios. A efetividade dos recursos repassados, assim como as iniciativas propostas envolve, para além dos recursos financeiros, a qualificação dos profissionais envolvidos. Em 2006, foi realizado o 'I Seminário Nacional sobre Atividade Física', que reuniu representantes dos Municípios financiados pelo Edital no 2/2006; e em 2007, um curso de atualização em avaliação de programas de atividade física, destinado aos gestores e coordenadores de projetos financiados. Em ambos os foros, a discussão das experiências locais, e seus resultados serviu de subsídio à análise da implementação da agenda da PNPS, dos desafios à vigilância de DANT e sua efetivação nos Estados e Municípios, da complexidade da estruturação de políticas públicas intersetoriais no campo da atividade física e lazer, e da necessidade de estratégias de avaliação.

(MALTA E COLS., 2009, p. 83)

Os autores ainda destacam que quanto à produção de conhecimento, as ações principais foram marcadas pela centralidade das estratégias de avaliação, visando produzir evidências de efetividade da promoção da saúde no Brasil. A avaliação de programas e/ou propostas de ação mereceu destaque, haja vista seu potencial de influência sobre os tomadores de decisão, tanto na escolha de melhores alternativas como na alocação do financiamento. Ela também é capaz de estimular e até ampliar a adesão da comunidade ao projeto, como parte de um movimento por mudanças e aperfeiçoamento das práticas corporais.

Partindo dessa visão ampliada de saúde, buscamos compreender quais as práticas corporais realizadas pelos usuários do parque Barigui, quais seus sentidos e significados. Para tanto, analisaremos até que ponto as políticas públicas locais estão inseridas nesse contexto, atuando em conjunto com os professores de Educação Física, os quais fazem parte integrante do sistema. Buscar-se-á compreender, também, se os usuários percebem somente os benefícios biológicos, citados anteriormente, proporcionados através da idéia de atividade física; ou se além da consciência sanitária, capaz de reduzir o sujeito a uma máquina treinada, habilitada, instruída, verificando que essas práticas corporais podem proporcionar a oportunidade de entrar em contato com seu próprio corpo, sentindo e reconhecendo suas capacidades e limitações.

Nesse sentido, procuramos encontrar no campo empírico atores sociais capazes de nos ajudar a responder algumas das inquietações anteriormente denunciadas. Para tanto, buscaremos nas próximas seções esclarecer algumas questões metodológicas acerca da pesquisa de campo.

CAPITULO IV

4 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Desenvolvemos essa pesquisa inspirados em Geertz (1989), o qual propõe que a interpretação de uma determinada cultura faz-se a partir de uma descrição “densa do campo empírico”. Para esse autor a cultura pode ser compreendida como:

“sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.” (GEERTZ, 1989, p.24).

O autor supra citado defende que o conceito de cultura é essencialmente semiótico, uma construção humana tecida em um emaranhado de significados que podem ser interpretados através da prática etnográfica. Para Geertz (1989), os estudos antropológicos e sociais devem estar embasados na prática da etnografia, ou seja, o pesquisador observa, registra e analisa. O mesmo autor nos coloca que em análises de cunho cultural o pesquisador deve estar atento em buscar esclarecer o que realmente acontece em tais lugares evitando descrições superficiais, por conseguinte, a descrição densa e detalhada da realidade observada é o objeto da etnografia.

Uma vez que o comportamento humano é visto como uma ação simbólica, Geertz (1989) ressalta que a cultura está localizada na mente e no coração dos homens e se expressa de várias maneiras no cotidiano das pessoas. Portanto, no estudo da cultura, os significantes são atos simbólicos ou conjunto de atos simbólicos e o objetivo é a análise do discurso social. Para o mesmo autor, uma análise cultural não visa apenas descobrir o “Continente do Significado” ou o mapeamento da sua paisagem incorpórea, mas sim interpretar os significados, avaliar as conjeturas, traçar conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas. Para Geertz (1989), o objetivo de tal processo é tirar grandes conclusões a partir de pequenos fatos, mas densamente entrelaçados e capazes de apoiar as afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva.

Nesse sentido, uma das principais características da pesquisa de cunho qualitativo, a partir da análise interpretativa, é que o pesquisador não deve prever resultados. Ele deve ir a campo o mais “aberto” possível para diferentes

possibilidades, buscando o que se revela importante para a realidade, ou seja, para os sujeitos estudados. É justamente esse fato – a busca do que é significativo para a realidade dos sujeitos pesquisados, e não o que é importante para o pesquisador ou para as teorias que orientam seu trabalho – que faz da pesquisa interpretativa um espaço de riqueza inigualável para a área de ciências humanas e sociais. Para Minayo (1999):

“(...) as *Metodologias de Pesquisa Qualitativa* – são entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do *Significado* e da *Intencionalidade* como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significantes.” (MINAYO, 1999, p).

Em síntese para que o presente estudo possa compreender qual o significado das práticas corporais realizadas no Parque Barigui, busca no campo empírico seguir os pressupostos da prática etnológica destacados por Geertz (1989), os quais indicam que devemos estabelecer relações, selecionar informantes e, quando necessário, analisar documentos, transcrever textos, levantar genealogias, mapear os campos e manter um diário de campo. Portanto, buscando garantir a qualidade dos resultados da pesquisa, foram adotados todos esses procedimentos através de observações sistemáticas e assistemáticas, entrevistas semi-estruturadas, análises interpretativas, análises de documentos, enfim, diferentes fontes auxiliares a fim de conectar dados (TRIVIÑOS, 1987).

Seguindo o planejamento da estrutura metodológica do estudo, após certo aprofundamento teórico acerca dos conceitos já aqui expostos e focados em buscar as respostas para as inquietações motivadoras deste trabalho, decidimos que era o momento de se iniciar a pesquisa de campo. No decorrer dessa segunda fase da pesquisa, acessamos as informações disponíveis no sítio da Prefeitura Municipal de Curitiba, no qual especifica os espaços e equipamentos de esporte e lazer disponíveis no parque Barigui. A partir dessas informações preliminares, o segundo momento dessa nova fase se constituiu em aplicar um roteiro de observação (anexo) criado e validado pelo grupo GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Espaço e Cidade da Universidade Federal do Paraná)¹⁵, cujo objetivo foi localizar *in loco* os dados divulgados pelo poder público nos meios de comunicação. Para complementar tais procedimentos partimos para o terceiro momento da pesquisa de

¹⁵ Grupo coordenado pela profa. Dra, Simone Rechia. Ver Tese de doutorado, Rechia (2003).

campo, na qual se materializou em observações sistemáticas registradas em diário de campo. A meta dessas observações foi buscar reconhecer como se dão cotidianamente as apropriações dos espaços e equipamentos do parque por seus usuários.

O Parque Barigui é cortado por uma importante e movimentada avenida de Curitiba que dificulta o acesso de uma parte à outra. Portanto, delimitamos como alvo de nossa observação o lado do parque onde está instalada a maioria dos equipamentos de lazer do parque ao redor do lago e excluímos da pesquisa de campo as trilhas ecológicas, algumas quadras e canchas desportivas, um parquinho de diversões (playground) público, algumas churrasqueiras e a academia.

Outra determinação para não estudarmos a academia de ginástica pública localizada no interior do parque, é porque esta se localiza em um ambiente fechado, o que retira, de certa forma, a relação entre corpo/natureza anunciada em nosso referencial teórico.

Sendo assim, o foco dos nossos procedimentos foram os equipamentos de ginástica destinados à alongamentos e outros exercícios localizados próximo ao Bistrô do parque, as pistas de Cooper/caminhada, bicicleta e afins com roda, além de locais, por que não dizer, não convencionais para a realização das práticas corporais, conforme descreveremos adiante.

Durante aproximadamente três meses (março, abril e maio de 2007) foram realizadas visitas periódicas ao parque. As observações ocorreram vários dias da semana e em pelo menos três períodos do dia (antes das oito da manhã, próximo ao meio dia e no fim da tarde, próximo às dezoito horas), a fim de reconhecer quais os espaços e equipamentos são, de alguma forma, apropriados pelos usuários do parque durante suas práticas corporais. Para Minayo (2003), as observações são necessárias até que se observe o fenômeno repetidamente. Conseqüentemente, resolvemos passar para um novo estágio da pesquisa no momento em que percebemos uma repetição de fatos cotidianos. Após descrição e interpretação das observações, os usuários foram classificados em categorias de análise de acordo com a relação estabelecida entre os espaços e equipamentos e as práticas corporais realizadas. As observações serviram de base para o segundo momento da pesquisa de campo.

A próxima fase dos estudos do campo empírico foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas (anexo). A seleção dos participantes foi não

probabilística, de forma intencional e por tipicidade (LAKATOS E MARCONI, 2001). Segundo Lakatos e Marconi (2001), a seleção não probabilística feita por tipicidade busca identificar um subgrupo que seja típico em relação à população estudada buscando através de observações e análises generalizar os resultados para o total daquela população estudada.

Sabemos que o tipo não probabilístico de escolha dos sujeitos, adotado nessa pesquisa, não necessita de nenhum cálculo amostral identificando o número ideal de sujeitos a serem entrevistados. No entanto, em pesquisas que envolvem análise cultural, parece ser importante estabelecer um número inicial aproximado de sujeitos, devendo o pesquisador estar atento e na medida em que o trabalho for desenvolvido, novos participantes podem, e às vezes devem, ser incluídos no estudo para que se consiga responder, com propriedade, o problema de pesquisa (GEERTZ, 1989).

Nessa perspectiva, durante a fase de observação identificamos em torno de 30 pessoas que freqüentavam o parque regularmente para as práticas de corrida e/ou caminhada. Contudo, conforme fomos verificando a repetição do fenômeno, no que tange às respostas dos entrevistados, resolvemos delimitar o número de participantes em 20 sujeitos, sendo 10 homens e 10 mulheres. Além disso, só participaram das entrevistas adultos com idade superior a 18 anos que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Informado (anexo) e que declararam serem freqüentadores do mesmo ao menos uma vez por semana por pelo menos um ano. Assim, para Minayo (2003), através das entrevistas, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais que possam contribuir para a compreensão do fenômeno estudado.

Portanto, com intuito de não causar constrangimentos e para não atrapalhar as práticas corporais dos freqüentadores do parque, os participantes da pesquisa foram abordados pelo pesquisador quando já haviam vivenciado suas práticas corporais e estavam em processo de saída do parque. No entanto devido às dificuldades em fazer as entrevistas no local, alguns usuários foram entrevistados em seu local de trabalho ou residência conforme pré-agendamento com o pesquisador.

Com o intuito de garantir a veracidade e o rigor das falas dos atores sociais, as entrevistas foram gravadas e transcritas *verbatim*, buscando preservar os possíveis sentidos e as idéias apresentadas pelo entrevistado. Os participantes

foram esclarecidos sobre os objetivos do estudo, a importância da participação, bem como sobre as condições apresentadas no Termo de Consentimento Livre e Informado. Também foi viabilizada pela assinatura desse documento, a autorização para entrevistar, filmar, fotografar e publicar os dados – em forma de trabalhos acadêmicos.

Por considerarmos algumas variáveis que podem dificultar a realização da entrevista semi-estruturada, como por exemplo, a complexidade das perguntas, o tempo de execução, a falta de experiência do pesquisador, entre muitos outros, bem como na busca de aperfeiçoar o instrumento de pesquisa escolhido, foi realizado um estudo piloto. Assim, entrevistamos duas pessoas, sendo uma mulher e um homem ambos usuários frequentes do parque. Para tanto, foi utilizado um roteiro inicial de entrevista baseado nos objetivos do estudo e após descrição e análise das mesmas, foram realizadas algumas alterações nas ordens das questões, bem como na formulação de algumas perguntas.

As entrevistas foram importantes para estabelecermos uma interlocução entre a discussão teórica e o campo empírico. O processo de análise dos dados ocorreu paralelamente ao processo de coleta, a fim de encontrarmos cada vez mais o foco adequado para a pesquisa, acrescido de uma maior garantia de checagem das interpretações junto aos participantes e fontes escritas. Para Triviños (1987, p. 146), se a entrevista tiver sido gravada, “deve ser imediatamente transcrita e analisada detidamente pelo pesquisador, antes deste realizar outra entrevista”. O mesmo autor ressalta que nas pesquisas sociais, não existe uma separação marcada entre a coleta de informações e a interpretação das mesmas.

Assim, as entrevistas foram acontecendo em consonância com a análise dos dados coletados e ambas foram balizadas nas evidências apontadas pelos entrevistados, bem como à luz das teorias que sustentam esse estudo.

Após análise e interpretação das entrevistas, os dados foram classificados em categorias de análise, seguindo o mesmo encaminhamento da primeira fase da pesquisa de campo. Segundo Lakatos e Marconi (2001), a categorização é fundamental e pode ser realizada antecipadamente, no próprio roteiro da entrevista, ou ainda pode surgir durante a análise das falas. Os mesmos autores ressaltam que o processo de elaboração das categorias de análise deve ser formulado sob a guisa da problemática central da pesquisa, bem como de seus objetivos e questionamentos.

Por acreditarmos na pesquisa de cunho qualitativo, levaremos em consideração o que diz Minayo, “[...] os seres humanos não são apenas objeto de investigação, mas pessoas com as quais agimos em comum: são sujeitos em relação” (2000, p.68). Dessa forma, entendemos que tanto pesquisados (indivíduos ou grupos) como os pesquisadores são dialeticamente autores e frutos de seu tempo histórico.

Buscando vislumbrar tal situação, durante as próximas seções serão apresentados os dados empíricos com a descrição densa do cotidiano do parque Barigui, em especial as práticas corporais realizadas nesse ambiente. As categorias de análise formuladas estarão em **negrito** no texto e merecem destaque pois foram elaboradas com o intuito de responder as questões propostas neste estudo.

CAPITULO V

5 MAPEANDO OS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS, AS PRÁTICAS CORPORAIS E O PERFIL DOS USUÁRIOS DO PARQUE BARIGUI

Durante os três primeiros meses de observação das práticas corporais vivenciadas no parque, as visitas periódicas nos demonstraram uma multiplicidade de (re) significações e apropriações, assim como a grande diferença que existe nas formas de apropriação a partir de sábado à tarde estendendo-se para o domingo. O parque Barigui durante os finais de semana (principalmente no domingo) fica completamente lotado tornando-se como Rechia (2005, p.60) comentou a “praia dos curitibanos”. Para essa autora, nos fins de semana ocorrem verdadeiras festas no parque, revelando significativas redes de sociabilidade. Esse fato nos levou a delimitar os dias da semana para nossas observações, pois seria difícil mapear e classificar, nesta pesquisa, toda essa multiplicidade de vivências e seus significados (RECHIA, 2003). Portanto, observamos o movimento do parque somente de segunda a sexta-feira nos horários já descritos e sábado pela manhã.

Percebemos o esvaziamento de alguns espaços na maior parte dos dias de semana, como é o caso das churrasqueiras, algumas quadras de futebol e vôlei de areia ou ainda a pista de patins. Pudemos observar também que algumas práticas corporais são delimitadas pelos espaços pré-estabelecidos dos equipamentos, como é o caso da divisão de duas pistas “desenhadas” por placas ao longo dos 3.750 metros, sendo uma destinada para Cooper¹⁶ e caminhada e outra para ciclistas, patinadores, skatistas e afins.

Por outro lado, percebemos a apropriação, de certa forma mais criativa em alguns espaços livres, como grandes espaços com grama ou “gramadões”, os quais servem de ponto de encontro para as mais variadas práticas corporais. Ressaltamos que as formas de apropriação transformam-se de acordo com o horário, dia da semana, perfil dos usuários. Nesse sentido, muitas vezes práticas diversificadas ocorrem em um mesmo local em diferentes períodos do dia ou dias da semana, confirmando o que Rechia (2005) salienta, ou seja, os espaços são (re)significados a todo instante pelos usuários.

¹⁶ Existem, ao longo da pista, várias placas indicando que os usuários respeitem os locais apropriados para cada prática. A prática da corrida denomina COOPER foi criada pelo doutor Cooper em meados de 1960 e adquiriu status de conhecimento público.

As observações foram realizadas tendo em conta o conceito mais amplo das práticas corporais, com possibilidades diversas de manifestações corporais. Dessa maneira, nas próximas seções descreveremos com mais detalhes como se efetivam as práticas corporais nesses espaços.

Equipamentos de ginástica: Existem dois espaços com equipamentos para exercícios ginásticos no parque. Tais equipamentos são utilizados para alongamentos e fortalecimentos musculares. Um deles fica próximo ao parque de diversões (terceirizado e desativado), com dimensões menores e pouco freqüentado. O outro fica próximo ao bistrô e ao “marco zero” da pista, ou seja, o ponto que demarca o início e término da metragem marcada a cada 100 metros na pista.

Este é, sem dúvida, um lugar muito freqüentado do parque. É um local de passagem rápida dos usuários (cerca de 5 minutos) e serve como local de encontro das pessoas que se exercitam juntas. Até mesmo as pessoas que vêm para suas práticas sozinhas parecem ter este local como “obrigatório” antes de iniciar as atividades na pista. Os alongamentos são os exercícios mais comuns observados nesse local, no entanto podemos notar algumas poucas pessoas, na grande maioria homens jovens com bom porte atlético, muitas vezes sem camisa e que utilizam as barras fixas para realizarem seus exercícios de flexões de tronco ou de braço.

Contudo, alguns realizam suas práticas de alongamento, fortalecimento e exercícios localizados semelhantes no “gramadão” que fica ao lado desse espaço e se estende até o leito do rio, ignorando os equipamentos próprios para tais exercícios. Nesse grupo não foi possível identificar características físicas como faixa etária ou gênero predominantes ou ainda uma roupa ou porte físico que fosse comum. Geralmente voltadas para o rio e a mata, em práticas suaves que muito se assemelham as artes orientais com a beleza dos ásanas¹⁷ do yoga ou ainda a leveza e suavidade dos movimentos do tai-chi-chuam.

É nesse mesmo gramadão que aos sábados pela manhã é colocado no local uma faixa convidando as pessoas à experimentar o yoga, sendo ministrada uma espécie de aula de yoga ao ar livre. Coincidência, ou não, criou-se uma cultura de apropriação dessa natureza no local.

¹⁷ Os ásanas são posições corporais praticadas pelo yoga.

Ao lado deste local, há alguns bancos de madeira e um pouco mais distante uma rampa de grama. O espaço é muito utilizado por pessoas geralmente em duplas ou grupos pequenos que conversarem entre si, em alguns momentos com ingestão de bebidas alcoólicas e observam as pessoas em suas práticas corporais. O que nos chamou a atenção, são as ações desse grupo, pois destoam dos praticantes de exercício físico observados nos equipamentos de alongamento, tanto na vestimenta como nas práticas corporais que em nada lembram a prática de exercícios físicos metódicas.

No entanto, conforme vai se aproximando o final da tarde as relações que ocorrem neste local, também se transformam. Tanto a área coberta com grama quanto os aparelhos de ginástica e os bancos próximos passam a ser ponto de encontro de jovens que se apropriam deste local para alguns encontros sociais. O grupo está menos comprometido com a prática de exercícios e com o tempo de permanência no local. Rapazes reúnem-se em grupos, batem papo, trocam olhares com moças (em menores grupos) que se encontram no local e alguns praticam uma espécie de competição ou demonstração de força realizando alguns exercícios nas barras fixas.

Nossas observações mostram que os freqüentadores do parque Barigui adotaram esse espaço como sendo o centro do parque, pois é ponto de encontro para alguns e passagem obrigatória para muitos durante as diversas possibilidades de práticas corporais materializadas no local. Jacobs (1996) relata que os parques onde há aceitação e apropriação dos moradores do entorno, têm um lugar conhecido por todos como sendo o centro do parque, onde ocorre grande parte dos encontros.

Gramadão: Toda a extensão do parque possui uma ampla área com grama (conhecida como gramadão), onde foi possível observarmos as mais variadas formas de apropriação: além das já citadas podem ser encontrados trabalhadores uniformizados ou pessoas com roupas pouco comuns para exercícios físicos, algumas procuram as sombras das árvores, tiram seus sapatos e algumas vezes as meias, deitam e apenas relaxam, outros ainda parecem mesmo “tirar um cochilo”, há àqueles que carregam livros e iniciam suas leituras, mas também é comum a presença de casais em momentos de romantismos e até mesmo em piquenique,

Vale ressaltar, que em todos os horários de observação é ordinário encontrarmos pessoas realizando práticas corporais em vários lugares do parque, no entanto alguns lugares chamaram a atenção e serão alvo de nosso relato.

Toda a pista de caminhada e afins que existe no parque é margeada por grama. Esse espaço é utilizado por um grande número de praticantes da corrida e devido a isso já se formou ao lado da pista uma trilha de terra, onde não há tempo da grama nascer. Alguns usuários assumiram, em entrevista, que tal prática ocorre devido ao menor impacto articular que ocorre ao se correr em um piso menos duro que o asfalto da pista.

Há uma grande área próxima à pista de patinação que no período da tarde quase sempre é apropriada por um time de futebol profissional da capital que possui sua sede bem próxima ao parque e que escolhe este local para treinar seus atletas. No entanto, quando ele não está no lugar, adolescentes ou pais com seus filhos utilizam o espaço para as mesmas práticas de futebol. Novamente observamos que um mesmo local ficou delimitado a práticas corporais semelhantes em diferentes horários e dias da semana. No entanto, devido à dimensão do local, também é comum os encontros entre casais amorosos que são realizados mais retirados, embaixo das árvores.

Outro lugar que aguçou nossa curiosidade é um pequeno espaço à margem da pista, próximo ao local denominado pela organização do parque por “espaço estar mamãe bebê” pois também vai ao encontro das (re) significações do gramadão do parque. Ali naquele local, jovens com idade entre 18 e 25 anos, meninos e meninas reúnem-se para a prática do frescobol. O interessante é que há um rodízio entre eles: enquanto alguns estão a demonstrar suas habilidades em rebater a bolinha (sempre em duplas), um grupo de espectadores está sentado (ou em pé), numa espécie de rampa, atento às rebatidas, dialogando entre si e aguardando à sua vez de jogar. Parece haver um código silencioso para a ocupação do espaço, o que com certeza o transforma em um lugar singular no parque.

O gramadão nos mostra uma riqueza de apropriações que talvez sejam difíceis de serem descritas. De forma geral, este parece ser um espaço de fuga para alguns usuários do parque dos equipamentos e até mesmo das práticas convencionais.

Espaço estar mamãe bebê: Esse é um equipamento construído no parque próximo à pista de corrida/caminhada à cerca de 50 metros da barraquinha que há

20 anos vende água de coco no mesmo local. À construção arquitetônica mistura-se a preservação da natureza, uma vez que ao redor das árvores foram construídas mesas com bancos. No total são três círculos formados em calçamento no chão, bem próximos um do outro como se cada um fosse o vértice de um triângulo. Cada um desses espaços possui sua peculiaridade variando entre bancos médios e grandes, árvores, desenhos de amarelinha no chão, enfim, o lugar é um bom sombreiro formado pelas árvores chamadas “chorões”, que dão nome popular ao lugar.

Nesse espaço observamos interessantes práticas corporais, que vão desde as práticas lúdicas de crianças até o descanso de algumas pessoas que estavam na pista ou que decidiram tomar uma água de coco. No entanto, a relação que se estabelece, com maior freqüência, no “chorão”, ocorre entre as crianças que freqüentam o local, trazidas por seus pais. Há crianças de várias idades, desde dentro dos carinhos de bebê ou colo das mães até maiores com aproximadamente 10 a 12 anos de idade. Elas vivenciam sua ludicidade nas brincadeiras de amarelinha, mas também usam da criatividade para “recriar” o lugar. O lugar é bem usado também para a prática das bicicletas e tico-ticos das crianças menores, acompanhadas de perto pelos adultos que muitas vezes estão em prática junto com elas mas que em outras acomodam-se em um dos bancos e passam a observá-las ou ainda, muito freqüente, estabelecem diálogos com outros adultos.

Embora se estabeleça no local diferentes formas de apropriação, o chorão caiu na graça das crianças e principalmente dos adultos que acompanham as crianças e que as levam a este local regularmente. Embora o chorão ofereça alguns equipamentos que delimitam as ações das brincadeiras, pudemos perceber que esse é um espaço onde as crianças têm uma certa liberdade para brincarem e quando têm liberdade para se movimentarem a vontade, as crianças desfrutam de muita criatividade para re-significar os espaços e equipamentos do local.

Pista: Conforme já comentamos anteriormente, existem duas pistas que tentam pré-determinar o tipo de prática que deve ser realizada em cada uma. A grande maioria dos freqüentadores parece respeitar as recomendações; no entanto, não é nada incomum pessoas correndo ou caminhando na pista destinada para as bicicletas, corrida e caminhada. Em contrapartida, existe um local do parque de grande extensão (aproximadamente mil metros) onde as pistas tornam-se uma só. É justamente este trajeto que tentaremos descrever mais detalhadamente à seguir:

A **corrida** é uma atividade mais individualizada, praticada por homens e mulheres das mais variadas idades; entretanto, em sua maioria, os praticantes desta modalidade podem ser reconhecidos pela aparente juventude (em média entre 18 a 30 anos), bom porte atlético, pelo uso de roupas (calção, tênis, camiseta, regata, top, boné, óculos) como se constituíssem uma espécie de identidade física. Dificilmente observa-se mais de uma pessoa para essa prática, mas quando ocorre são duas e raramente três pessoas lado a lado sem, no entanto, aparentar maiores relacionamentos (ao menos durante a prática), o que indica a dedicação necessária para prática da corrida.

Este mesmo local é também dividido com os **caminhantes**, estes em sua maioria acompanhados de pelo menos mais uma pessoa. Interessante observarmos como um mesmo local separa formas bem diferenciadas de práticas. Nessa há tempo para as pessoas conversarem (geralmente em duplas, mas não é raro surgirem maiores grupos a caminhar e bater papo), percebemos que não há aquela mesma concentração exigida durante a prática da corrida. Os praticantes da caminhada não demonstram uma faixa etária muito definida nem tão pouco um gênero específico. Outro fato interessante é a roupa, que para esse grupo não foi possível observar uma “tendência” tão definida quanto naqueles. No entanto, o mais comum foi encontrarmos mulheres de calça (laicra) e os homens de bermuda, entretanto, não é estranho observarmos um vestuário diferenciado como sandálias, camisas pólo ou até mesmo calça (jeans ou social), camisa e sapato. Muitas pessoas trazem cachorros, para o que parece ser um passeio. Essa caminhada é diferente das demais pois segue rumos diferenciados pelos gramados e árvores, o que nos faz pensar sobre quem nessa parceria está no comando das ações.

Os **ciclistas** surgem muitas vezes ao lado de um corredor, como acompanhantes e outras vezes com vários praticantes juntos dando a impressão de um mutirão da bike. Nessa prática é mais comum observarmos a presença de crianças, porém sempre acompanhadas de adultos que muitas vezes também estão a pedalar e outras as acompanham a pé. Na prática do ciclismo pudemos perceber uma menor preocupação quanto à intensidade do exercício, uma vez que as expressões de fadiga são maiores nos corredores e também em alguns caminhantes. A impressão que se tem é de uma suavidade, uma harmonia, mas, apesar de ser em menor número, alguns aventuram-se em fortes pedaladas desviando de tudo e todos que aparecem em sua frente, percorrendo muitas voltas

em torno do parque. A maioria dos ciclistas desfila com suas bicicletas equipadas e em boas condições, utilizando equipamentos como capacetes, camisetas e bermudas próprias para a modalidade e sempre com a caramanhola atrelada ao quadro do veículo.

Duas práticas de menor frequência em relação às outras, mas com uma certa incidência, são os usos do **patins in-line** e o **skate**. São dois grupos bem distintos, os skatistas são um grupo mais formalizado, surgem sempre em pequenos grupos e, geralmente, com skates grandes, próprios para andar nas ruas adquirindo grandes velocidades, mas sendo impróprios para a realização de manobras convenientes dos skates menores. De maneira geral, são jovens com idade entre 18 a 25 anos, que andam sem camisa e de causa jeans e às vezes estão acompanhados com meninas de mesma idade. Já os praticantes do Patins in-line estão sempre acelerados, em duplas, trios ou individualmente. Observa-se que todos se apresentam com material de segurança, como capacete, joelheira, cotoveleira. Há também os praticantes em fase de iniciação desta modalidade que por não apresentarem muito equilíbrio com o patins não adquirem muita velocidade.

Ao redor da pista, existem bancos de madeira posicionados como se fossem **arquibancadas**. Poucos são utilizados e geralmente quando existe alguma apropriação não é pelas pessoas que estavam envolvidas em exercícios e sim pelas que estão a passeio seja namorando, com a família em um apetitoso desfrute de sorvete ou apenas para o descanso.

Percebemos em várias situações que a pista é utilizada também como passagem dos **moradores e trabalhadores do entorno**. Adolescentes uniformizados e segurando pastas caminham em ida ou vinda da escola. Algumas senhoras com sacolas em uma caminhada um tanto apressada, assim como alguns senhores em cima de bicicletas não tão equipadas quanto outras, passam também carregando bolsas e trajando uniformes ou roupas que não condizem com as mais comumente observadas para exercitar-se.

Podemos relatar que, de fato, o fenômeno mais observado nesse local é a caminhada. Todavia, esta prática, em sua maioria, é realizada de forma vigorosa, intensa, o que dá a impressão de ser uma preliminar da corrida para aqueles que ainda não estão aptos a praticá-la. Independente da atividade, em número sempre maior é possível observar os homens, entretanto não é pequeno o número de

mulheres das mais variadas idades. Tanto homens quanto mulheres, quando acompanhados, é comum observarmos comunicação através de conversas.

Como pudemos perceber, o parque Barigui possibilita a materialização de variadas expressões culturais ou práticas corporais, como optamos em classificá-las neste estudo. A multiplicidade de motivos que as pessoas têm para freqüentar o parque Barigui pode ser um dos seus principais motivos de seu sucesso. Para Jacobs (1996), como um dos principais motivos para o 'sucesso' de um determinado lugar é a sua diversidade de usos. Para esta autora, durante o processo de planejamento dos parques urbanos deve ser contemplada uma maior diversidade de espaços e equipamentos, possibilitando distintas formas de apropriação. Sendo assim, as pessoas podem freqüentar o parque por motivos diversos e em horários diferentes, como nas palavras da autora:

...às vezes para descansar, às vezes para jogar, às vezes para ver jogar ou assistir a um jogo, às vezes para ler ou trabalhar, às vezes para se mostrar, às vezes para se apaixonar, às vezes para atender a um compromisso, às vezes para apreciar a agitação da cidade num lugar sossegado, às vezes na esperança de encontrar conhecidos, às vezes para ter um pouquinho de contato com a natureza, às vezes para manter a criança ocupada, às vezes para ver o que eles tem de bom e quase sempre para se entreter com a presença de outras pessoas. (JACOBS, 1996, p. xx).

Para essa autora, a complexidade de um parque exige um planejamento capaz de perceber a importância de tal fenômeno. No entanto, a complexidade que nos relata Jacobs (1996) pode estar presente nas mudanças sutis, principalmente no visual do parque, como, por exemplo, possibilitando diferentes espaços com diferentes pisos de grama, areia, terra, asfalto, em diferentes níveis, com várias árvores em vários agrupamentos. Em suma, abrindo possibilidades variadas para atrair as mais diferentes perspectivas de apropriação.

Através das nossas observações, pudemos identificar algumas formas de apropriação vivenciadas no parque Barigui, que mostram a diversidade de experiências e relações potencializadas a partir desse lugar. Dessa forma, buscamos cumprir com alguns de nossos objetivos, mapeando quais são as principais práticas corporais realizadas no parque Barigui, bem como quais são as características de seus usuários. No entanto, para tentarmos nos aproximar dos significados que estão atrelados às práticas corporais realizadas em meio à natureza, mais especificamente ao parque Barigui, tentaremos, no próximo item,

descrever as entrevistas realizadas com dois grupos identificados durante as observações: os corredores e os caminhantes.

5.1 AS PRÁTICAS CORPORAIS NO PARQUE BARIGUI SEGUNDO SEUS FREQUENTADORES

Em meio a tantas possibilidades de práticas corporais vivenciadas no parque, tivemos que estabelecer critérios para a seleção dos sujeitos a serem entrevistados. A opção inicial foi entrevistar homens e mulheres, com idade superior a 18 anos, caminhantes e corredores, primeiro por serem maioria, segundo por enquadrarem-se na categoria de praticantes de exercícios físicos. A partir dos achados nas transcrições das entrevistas semi-estruturadas elaboramos as seguintes categorias de análises:

Motivos que levam ao parque

Dentre os principais motivos apontados pelos entrevistados a proximidade foi a mais freqüente. Tal compreensão pode ser averiguada em seus discursos, uma vez que questões como tempo de deslocamento e proximidade do parque ao local onde mora ou trabalha foram repetidamente citadas. Além disso, todos os freqüentadores entrevistados quando vão de carro ao parque levam no máximo 15 minutos para lá chegar, como podemos confirmar nos depoimentos a seguir:

Brena (corredora): Porque eu moro aqui do lado, moro a duas quadras daqui.

Ivete (corredora): “Primeiro porque é o mais próximo da minha casa, segundo porque eu gosto do parque, mas eu diria que é mais pela proximidade mesmo, porque outros parques também são bonitos mas como já é muito longe, daí você despense de muito mais tempo para chegar e ali já facilita, você já tá ali e você não perde muito tempo. Eu gosto do parque, eu acho amplo e bem bonito”

Embora reconheçamos a relação direta dos usuários do parque com a sua localização privilegiada, não podemos deixar de comentar os relatos que enfatizaram a infra-estrutura e a beleza do local como importantes fatores para a apropriação desse espaço. Esse fato se confirma nos depoimentos de alguns freqüentadores. Vejamos a seguir o que responderam ao serem indagados sobre os motivos que os levam a freqüentar o parque:

Gilberto (corredor): Pela estrutura do parque e pelo posicionamento dele que fica perto do meu serviço.

Manoel (caminhante): Porque é próximo da minha casa, pela facilidade de acesso e as condições que ele oferece para o lazer e para as atividades. É um parque completo muito bem cuidado pela prefeitura. Eu acho que tudo isso faz com que a gente venha aqui.

Maria (caminhante): Porque eu moro aqui perto. Primeira coisa por causa disso. Mas também tem uma familiaridade. Faz muito tempo que eu venho aqui, foi um dos primeiros parques e então eu acho que tem uma coisa de se acostumar, o curitibano é meio assim. Mas eu vou a outro parque às vezes também, que é próximo a minha casa. Então eu não venho só aqui.

A análise sobre fala de Maria, praticante de caminhadas, no seguinte trecho: *“faz muito tempo que eu venho aqui, foi um dos primeiros parques e então eu acho que tem uma coisa de se acostumar, o curitibano é meio assim...”*, nos leva a refletir sobre o que nos diz Rechia (2003) sobre a relação dos curitibanos com os parques de Curitiba. Segundo esta autora, criou-se na cidade uma marca identitária pela qual os moradores foram conduzidos por intermédio de estratégias de city marketing a identificarem-se com os parques da cidade. No caso do Parque Barigui, como comentado *pela usuária, além de estar localizado na região central da cidade, é um dos primeiros parques públicos de Curitiba tornando-se uma escolha comum entre os moradores da Cidade. Além disso, podemos perceber que os entrevistados dão importância à diversidade de opções que o parque oferece, confirmando o argumento apresentado por Jacobs (1996), quando diz que um ponto importante para o “sucesso” de um parque público é a multiplicidade de motivos que as pessoas têm para freqüentá-lo.*

Relação Corpo/Natureza

Alguns usuários, em geral os que já freqüentam o parque há mais de dois anos, demonstraram afinidade com o lugar em uma estreita relação entre corpo e natureza destacando a sua importância como componente de seus cotidianos, inclusive durante suas práticas corporais no Parque Barigui. A sensação de liberdade foi uma das principais virtudes apreciadas pelos praticantes que freqüentam ou já freqüentaram outros ambientes, que não os parques públicos para realizarem exercícios físicos, como pode ser confirmado nos discursos a seguir:

Manoel (caminhante): “Aqui você desestressa olhando o verde, a natureza, as árvores, esse rio que aqui passa e que vai cortando o parque, a vegetação exuberante bonita, isso tudo torna-se agradável e tão diferente...”

Brena (corredora): “Eu acho que o parque dá uma liberdade visual, você não se sente tão fechada dentro do ambiente, então você vê o céu, você vê longe. É uma sensação agradável, você não se sente confinado. Essa liberdade seria o oposto do confinado...”

Ivete (corredora): Eu me sinto bem, eu gosto, eu gosto dessa sensação de ter liberdade, de sentir, eu gosto muito do sol, assim eu não vivo sem o sol, mesmo aqui em Curitiba que é muito frio, assim eu ponho um agasalho, não tem problema nenhum, o único problema é quando chove demais. Mas você ter o contato com a natureza mesmo dali que é bonito... e o sol, o sol é vida.

Portanto, tais relatos podem servir de exemplo que para alguns usuários de ambas as práticas, o parque aparece como um cenário que possibilita o sentido de liberdade, permitindo novas sensibilidades e subjetividades proporcionadas no contato com o ambiente natural. O destaque dado por Ivete sobre importância da presença do sol para a vida, é levantado também por Jacobs (1996), em sua obra. Para essa autora, o sol faz parte do cenário para as pessoas, mesmo que sob um sombreiro de verão, e deve ser contemplado no projeto arquitetônico do parque, evitando que prédios ou grandes construções obstruam a passagem dos raios solares.

Para Mafessoli (1999), esse reencontro com a natureza parece ser algo do mundo contemporâneo, onde o homem busca o equilíbrio da vida como um todo através da reaproximação com o ambiente outrora destruído por ele mesmo e que por se tornar escasso passa a ser alvo de preservação até mesmo pela sobrevivência da espécie humana. Mas o autor destaca as possibilidades de novos relacionamentos proporcionados a partir desse espaço:

esse ambiente, é todo feito, ao mesmo tempo, do corpo que se desnuda, do corpo que chama o prazer, e do corpo que naturalmente oferece e se oferece aos prazeres espirituais. Em ambos os casos, trata-se mesmo de uma mística, isto é, de um laço sólido unindo pessoas entre si e, coletivamente, à natureza que lhes serve de suporte (MAFFESOLI, 1999, p. 236)

Desta forma, a natureza não seria um objeto inerte, estático, o qual o sujeito pode utilizar a seu bel prazer, pois ela possui uma força intrínseca capaz de despertar emoções, sentimentos e, como consequência, um encontro pessoal, social, uma harmonia e uma possível reconciliação do natural com o cultural. Neste sentido, o trabalho de Bruhns (2007, p. 06) ressalta a importância das práticas corporais, como a caminhada em ambientes naturais para potencializar e ampliar a

reflexão sobre a vida e conseqüente desenvolvimento da capacidade poética e lúdica, recuperando a imaginação, aguçando os sentidos e estimulando “uma relação sensual com os fenômenos a nossa volta”, além de possibilitar “um diálogo estabelecido entre o caminhante consigo próprio, e com os outros, provocando uma reflexão sobre o espaço social”.

A caminhada pode ser considerada uma das muitas práticas corporais realizadas em meio à natureza e que nos grandes espaços urbanos podem manifestar-se através da busca por parques, bosques e similares para tais práticas. No caso das grandes metrópoles, podemos perceber com facilidade a coexistência entre os meios urbanos e naturais, bem como a procura exacerbada por este que, segundo Brunhs (2007), acontece não somente pela crise ecológica, colocada anteriormente, mas também pelo sentimento de perda que ocorre nas cidades, onde o cimento prevaleceu juntamente com os problemas de trânsito, a poluição sonora, visual e do ar, entre outros.

Para alguns freqüentadores o parque possui um cenário que possibilita o sentido de liberdade, sensibilidades e subjetividades. No entanto, para outros o parque não passa de um mero “pano de fundo”. Para esses, o Parque Barigui torna-se palco para o desenvolvimento de atividades no âmbito do alto rendimento e profissionalismo. Discutiremos essa questão na próxima categoria de análise.

O parque apenas como cenário neutro

Observemos o depoimento de Camila, uma atleta de triathlon, justificando por que freqüenta o parque e outro de uma atleta amadora que treina para participar das corridas de rua, quando questionada sobre a diferença dos treinos realizados no parque e na academia:

Patrícia (corredora): No parque é bem mais difícil pra mim, principalmente porque a corrida de rua pra mim é muito difícil, eu tenho como uma superação... porque meu treino exige isso, esse contado de **corrida de rua** mesmo pra eu melhorar... é muito bom correr na rua porque sem esta prática de rua você não consegue melhorar o seu tempo e a sua corrida.

Camila (corredora): pelo percurso que tem lá que é um pouco mais longo, tem a volta de 3 km e de 5 km, pro meu caso que são treinos mais longos é melhor, pois são menos voltas.

Como pudemos averiguar, para Patrícia seus treinamentos efetuados no parque Barigui são importantes para que ela tenha um contato com a corrida de rua, uma vez que a academia não pode proporcionar tal situação. Ainda em seu

depoimento ela diz que o parque é ótimo em função de ser plano e bem grande, o que segundo ela facilita a prática. Entendemos que para a entrevistada a relação com o parque é direta com a pista, inclusive comparando o parque com uma rua plana e grande, demonstrando uma preocupação maior com seus objetivos para o treinamento e menor sensibilidade com a natureza ali presente, o que nos leva a pensar sobre a relação corpo-treinamento.

De forma geral, tal relação é uma realidade mais presente dentre os corredores. A preocupação com o treinamento e com os resultados foi constante para esse grupo. Tal fenômeno está relacionado com o fato de muitos deles estarem envolvidos em competições amadoras ou não amadoras. Nesse sentido, para Bruhns (1998), o treinamento de alto nível parece não ser compatível com os “ideais” do lazer a respeito da formação, liberdade, descanso, ludicidade, dentre outros, além de que as manifestações esportivas podem proporcionar uma percepção limitada do ambiente natural, reduzindo a natureza a um cenário para suas práticas

Compreendemos que a falta de sensibilidade com as questões ambientais foi constante entre alguns praticantes de esportes, nesse caso considerando apenas as respostas de quem participa de competições de triatlon, maratonas ou das corridas de rua como pudemos comprovar nas falas de Camila e Patrícia, descritas anteriormente. Na visão de Bruhns (2001, p.94), neste caso, podemos perceber a “redução da natureza a um pano de fundo, um cenário teatral no qual os protagonistas se utilizam para as suas atividades...”.

No entanto, independente dos interesses que levem as pessoas a freqüentarem o parque Barigui, um dos fatos que nos chamou atenção, foi que mais da metade dos usuários entrevistados ressalta o contato com as pessoas do parque, ou seja, a sociabilidade como principal aspecto positivo do lugar. Vejamos essa questão na próxima categoria.

Contato com as pessoas

Muitos usuários do parque que foram entrevistados relataram a importância do relacionamento interpessoal para a concretização de suas práticas. A companhia de familiares, amigos ou colegas foi uma dinâmica comum entre os freqüentadores do parque, bem como a formação de pequenos grupos unidos em perspectivas ou gostos semelhantes, abrindo possibilidades de encontros sociais. Várias são as

possibilidades geradas a partir dessas convivências, em alguns momentos as práticas corporais podem potencializar a sociabilização de velhos amigos, casais ou familiares; em outros, novos encontros, novos colegas ou novas amizades, como podemos visualizar no discurso de alguns usuários.

Ivete (corredora): ... as próprias pessoas mesmo que andam ali, sempre tem alguém que você não conhece, não sabe o teu nome, mas dá um Bom dia! Eu acho isso bacana, esse relacionamento "... tem pessoas que costumam te ver e dizer: - pôxa eu vi você lá um dia, outras você nunca conversou com a pessoa e mesmo assim fala bom dia e tal... e normalmente tem uma coisa interessante que você se reconhece também, a pessoa que pratica esporte também ela tem uma certa facilidade de reconhecer o outro que também pratica..

Manoel (caminhante): Uma convivência extra parque é eventual e muito difícil. A gente tem alguns relacionamentos com pessoas que você acaba conversando sobre negócios e depois acaba trocando informações as vezes fora, mas normalmente limita-se a esse espaço aqui... Mas aqui eu caminho normalmente com pessoas, porque a caminhada acompanhado você passa o tempo e não percebe quando vê você já deu duas ou três voltas. Você desenvolve, faz um bom relacionamento e aprende muito, tem muita gente inteligente e a gente sempre tá aprendendo com as pessoas inteligentes e 95% dos relacionamentos são construídos aqui, são pessoas que a gente acaba conhecendo.

Marcos (corredor): "Já, considero eles como meus companheiros, vários parceiros de corrida de conversa. Além dos professores os colegas de corrida. Algumas vezes a gente se encontra, não é tão freqüente assim mas a gente já teve alguns encontros fora assim organizados pelo grupo.

Discorrendo sobre tal fenômeno onde as práticas corporais realizadas no parque Barigui têm a capacidade de mediação entre corpo e meio ambiente, mas também de aproximação entre o corpo e os demais corpos, percebe-se que, de fato, para algumas pessoas as práticas corporais realizadas no parque excedem as perspectivas e benefícios de cunho biológicos e nesse sentido tais práticas estão relacionadas a importantes encontros sociais e familiares, potencializando vínculos de amizades capazes de estender os relacionamentos para além do uso do parque em outras possibilidades no tempo/espço de Lazer. No entanto, os signos atrelados às práticas corporais realizadas nesse local surgem com uma maior amplitude e complexidade, que buscaremos relatar nas seções seguintes.

Significados para as práticas corporais

Quanto aos significados atribuídos às práticas corporais, dentre os entrevistados é de senso comum a relação direta dessas com a saúde. Alguns dos usuários entrevistados enfatizaram que iniciaram suas práticas no parque por

recomendação médica, pois já se encontravam com processos patológicos instaurados ou para manter-se saudável em uma tentativa de cultivar a autonomia “motora” em seus cotidianos. Nesse sentido, expressões como bem-estar, qualidade de vida, longevidade, saúde mental e corporal estão diretamente relacionadas como signos das práticas corporais, bem como as questões morfológicas e estéticas do corpo, como seguem nas falas abaixo sobre os significados das práticas corporais:

Ivete (corredora): Primeiro porque eu gosto, segundo porque me faz bem, nesse momento minha pressão está um pouquinho alta, então o exercício físico para mim é fundamental, e até pra manter uma certa qualidade de vida. Eu acho isso importante porque não adianta só você trabalhar... é tudo muito gostoso, mas se você não tiver, uma alimentação saudável, praticar um exercício, as coisas não funcionam muito bem e eu, eu particularmente eu posso até dizer, posso ser egoísta o quanto quiser, eu gosto de me manter bem fisicamente e é por isso que pratico.

Maria (caminhante): porque a gente sabe que se não fizer tudo fica pior assim de saúde, você vai envelhecendo, tua saúde piora, tuas articulações, tua coluna enfim é uma coisa meio que o corpo pede, senão as consequências de não fazer você sente rápido vamos dizer assim.

Patrícia (corredora): Primeira finalidade é a saúde eu tenho um objetivo a longo prazo de levar isso pro resto da vida, então esse é o objetivo maior. Segundo o bem estar que você tem diariamente, no seu trabalho, no seu estudo, a atividade física tem influência direta nesses aspectos do cotidiano.

Marcos (corredor): Saúde, primeiro saúde do corpo, saúde da mente eu acho que são dois fatores. É uma atividade que me dá prazer assim competir, tenho alguns objetivos assim de superação, mas acho que a saúde é um dos principais.

Manoel (caminhante): Eu pratico exatamente pra isso pra poder alongar a vida e com boa qualidade de vida por que eu percebo que você fica mais ágil, mais lépido, com mais desenvoltura em todos os sentidos, mentalmente e corporalmente então isso aqui te dá uma condição melhor de vida de atividade e sem falar na possibilidade de sempre um alongamento de vida.

Gilberto (corredor):... principalmente pela longevidade que isso pode me proporcionar e por gostar, a questão das adrenalinas e endorfinas acho que isso daí é um vício que justificaria além de saber que faz bem pra saúde, pra cabeça, pra tudo.

Os efeitos biológicos/fisiológicos das práticas corporais sistematizadas sob forma de exercícios físicos foram os mais comuns sentidos e significados atribuídos à prática corporal. Podemos refletir sobre tal fenômeno quando percebemos que as pessoas discursam com propriedade sobre a liberação hormonal produzida pelo corpo durante a execução dessas, bem como sua importância para a funcionalidade do corpo, suas articulações e movimentações. Segundo Carvalho (2005), parece haver um consenso de que as práticas corporais estão diretamente relacionadas

com uma vida saudável sendo tal relação construída em um processo histórico e influenciado por instituições hegemônicas, com interesses únicos. Para essa autora, quando pensamos a relação atividade física como saúde, devemos considerar toda a plenitude do conceito de saúde. Por outro lado, se considerarmos o sujeito apenas em seus contornos biológicos a relação atividade física e saúde torna-se um “mito”, restringindo uma vida saudável a ausência de doenças.

“Contudo, se até pouco tempo atrás a tônica do discurso enfatizava a atividade física como produtora da saúde, hoje, paralelamente a esse discurso, convive-se com a disseminação de outro que, ganhando cada vez mais espaço, vincula a atividade física, por si só, ao poder de remediar a doença.” (CARVALHO, 2004, P. 87).

Em estudo semelhante ao nosso, Fraga (2007) buscou identificar até que ponto os significados da atividade física estavam atrelados ao de saúde no imaginário social de caminhantes do parque Mascarenhas de Moraes em Porto Alegre. De um modo geral, a pesquisa mostrou que a associação entre atividade física e saúde é tomada como inquestionável, uma verdade já enraizada no imaginário daquela população. Para o autor, tal descoberta está baseada naquilo que vem sendo associado como os verdadeiros benefícios da atividade física e saúde, principalmente por programas de promoção do estilo de vida ativo populacional. Fraga (2007 p. 121) ainda ressalta que, em uma análise mais genérica, para a população “a atividade física funciona como uma espécie de ‘panacéia’, um remédio para todos os males”.

Entendemos que, guardadas as proporções e dificuldades de generalizações em pesquisas qualitativas, os estudos de Fraga (2007) refletem sobre o nosso, uma vez que também para os freqüentadores do parque Barigui há um consenso de que a prática de atividade física proporciona saúde. Para corroborar com essa reflexão, concordamos com o pensamento da professora Yara Maria de Carvalho, quando afirma ser importante a lógica de preservação da saúde e os princípios da medicina preventiva, mas que é preciso ficar claro que isto é um movimento amplo, que perpassa por questões básicas de melhoria da saúde, educação, habitação, trabalho e lazer visando gerar situações mínimas de dignidade à sociedade, bem como a potencialização do significado cultural das práticas corporais no cuidado à saúde.

No entanto, para alguns usuários do parque Barigui, os efeitos da prática regular de atividade física podem ser percebidos para além dos movimentos

biomecânicos, relacionando-os também a dimensões mais afetivas, humanísticas e emocionais como, por exemplo, o gostar ou o prazer ou a satisfação em praticá-las, como podemos visualizar nos relatos a seguir:

Ivete (corredora): Olha, é você se sentir bem com você mesmo, é você sentir que você está passando os anos e continuar mantendo uma certa forma, isso faz bem pra você, não adianta dizer que não, tá então se você pratica esportes, você se alimenta bem, você continua tendo um mesmo padrão de vida que você tinha, então o tempo passa mas você continua, a tendência é com o passar do tempo algumas coisas vão, vamos dizer assim, acabando as pessoas vão, não sei como dizer pra você, mas você acaba praticando menos esporte ou comendo indevidamente e tal, dando uma relaxada, então se você se mantém e não relaxa, a tendência é você ficar bem sempre ou pelo menos um período maior da sua vida.... O que você faz para ter um corpo saudável? Eu procuro me alimentar muito bem e isso quer dizer assim, não é quantidade é qualidade e eu pratico esporte sempre então independente se eu quiser fazer musculação ou se eu quiser fazer natação ou corrida eu não vou deixar de fazer alguma coisa, eu gosto. Gosto de estar praticando e não tenho preguiça, sou extremamente policiada com isso, no sentido de eu faço. Se tiver chovendo, aha! hoje eu não vou porque tá chovendo, não. Eu sou extremamente policiada nesse sentido, eu faço mesmo. Isso é uma coisa minha.

Brena (corredora): Uma boa alimentação, um bom sono, um bom ritmo de vida... O que você faz para ter um corpo saudável? O que eu faço? Eu me alimento corretamente, eu tenho uma nutricionista que faz meu cardápio, eu tento dormir o suficiente pra repousar o organismo, tento manter as práticas em dia, tento fazer o treino certinho, também quando eu estou muito cansada eu falto o treino porque eu acho que daí teu corpo precisa mais do descanso do que do treino e eu não bebo não fumo, essas coisas de atleta.

Gilberto (corredor): Assim na idade que a gente se encontra é conseguir se levantar com facilidade, se abaixar com facilidade, correr né, não sentir aquele cansaço do homem moderno do ser humano que está numa vida agitada, com as distensões que a idade permite, e a questão de ver a vida com muito mais longevidade. Praticar esporte é a vara mestre da minha vida pós trabalho ou quando eu tiver com mais idade... O que você faz para ter um corpo saudável? Alimentação, sono, leitura, acho que é uma alegria de cada dia viver o dia e tentar cada vez melhorar, isso é uma das minhas metas, uma superação constante, acho que eu sou competitivo de mais até, então essa coisa de querer melhorar a cada dia, melhorar meu jeito de ser, meu jeito de aceitar as coisas, então a atividade física dá muito isso na gente.

Patrícia (corredora): É você não se privar de fazer o que você gosta nem de comer o que você gosta e saber que a prática é fundamental que é onde você encontra esse equilíbrio... O que você faz para ter um corpo saudável? Eu pratico atividade física regularmente e também participei de uma reeducação alimentar há um tempo atrás há quase uns quatro anos com uma nutricionista e desde então eu venho aplicando isso na minha rotina.

No entanto, ambos os significados atribuídos pela população estudada parece mesmo sugerir uma finalidade higienista para as práticas corporais, pois até mesmo quando o questionamento era sobre o que é ter um corpo saudável e o que deve ser

feito para se ter uma vida saudável, surgiram novamente as práticas corporais quase como absolutas para uma vida com saúde. Além disso, os discursos acima descritos deixam evidente que, para algumas pessoas, o conceito de uma vida saudável resume-se apenas à ausência de enfermidades. Tal fato já havia sido relatado por Palma (2000). Para esse autor, embora a conceituação da OMS seja a mais divulgada em nossa sociedade e apresente uma percepção da saúde mais holística, considerando como fundamental o bem estar geral dos indivíduos, parece que no imaginário da população em geral ainda permanece a dicotomia saúde/doença.

Buscando compreender melhor como as ações através dos programas de políticas públicas municipais, já enunciadas neste trabalho, podem de alguma forma interferir nas diversas manifestações corporais, bem como nos significados atribuídos as práticas corporais realizadas no Parque Barigui. Portanto perguntamos aos entrevistados se conheciam alguns programa de incentivo para as práticas corporais da Prefeitura Municipal de Curitiba e apresentaremos as respostas em nova categoria de análise.

Programa Municipal de Incentivo à Prática de Atividade Física

Sobre a influência dos programas de políticas públicas no incentivo da população de Curitiba para a realização de atividades físicas nenhum entrevistado fez qualquer menção ao programa Curitibatiba. Por outro lado, muitos freqüentadores do parque assumiram participarem do circuito de corridas de rua organizado pela SMEL, como nas palavras dos próprios usuários:

Patrícia (corredora): Sim tem as corridas da prefeitura que eu participo. Acho fundamental isso aqui em Curitiba, excelente, nota mil. Aqui na cidade é bastante forte as corridas de rua, se você quiser tem corrida todo domingo, muito bom.

Brena (corredora): Eu conheço só as corridas da SMEL pois são as que eu participo.

Rejane (corredora): Os projetos de corrida de rua que eu participo.

Jacir (caminhante): Eu sei que a prefeitura têm muitos grupos comunitários, incentiva bastante, organiza as corridas de rua, esportes, mas eu nunca participei.

Portanto, entendemos que as ações do programa Curitibatiba não estão sendo reconhecidas pelos freqüentadores do Parque Barigui, devendo o programa ser avaliado e se preciso for reformulado para tentar cumprir com seus

objetivos de promover o aumento do nível de atividade física da população de Curitiba. Por outro lado, a organização do circuito de corridas de rua promovido pela SMEL tem gerado uma cultura diferente nos curitibanos e nesse sentido o Parque Barigui tornou-se um verdadeiro encontro de pessoas que treinam nesse local para participarem das provas de corrida de rua tanto as organizadas pelo governo municipal como as tantas outras estabelecidas ao longo do ano por outras instituições.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer desta investigação buscamos analisar, descrever e interpretar as formas de apropriação do Parque Barigui, compreendendo essas manifestações como produções culturais. Para Geertz (1989), os comportamentos humanos são atos simbólicos ou conjunto de atos simbólicos que se expressam em ações de várias maneiras no cotidiano das pessoas. Segundo o mesmo autor, os símbolos são pré-requisitos da existência biológica, psicológica e social que armazenam seus significados culturais e não podem ser compreendidos apenas como simples expressões, instrumentalidades ou correlatos pois armazenam seus significados. Geertz (1989) ressalta que estes significados não são intrínsecos aos objetos, atos, acontecimentos, qualidades ou relações que os possuem, mas sim lhes são impostos pelos homens que vivem em sociedade.

Por conseguinte, a interpretação das manifestações culturais que se estabeleceram no referido parque em um determinado contexto histórico, apresentado neste estudo, de alguma forma demonstraram as existências em dimensões biológicas, psicológicas e sociais dos grupos estudados, mas que essas manifestações possuem influência dos objetos, atos, acontecimentos, enfim relações com o meio e poderes hegemônicos que lhes são impostos pelos homens que vivem em sociedade.

Tal fenômeno pôde ser observado conforme nos aproximamos da realidade em torno de nossos questionamentos iniciais e nos deparamos com dimensões muitas vezes contraditórias e conflituosas com relações de forças e hegemonias envolvendo as políticas públicas na organização da cidade, dos parques e também dos programas públicos de incentivo às práticas corporais. No que se refere as questões enunciadas no início deste trabalho e outras tantas que surgiram ao longo do percurso, muito ainda está por ser desvelado e as considerações apresentadas nesse momento buscam concluir temporariamente esta pesquisa, sobretudo tendo em vista a importância da ampliação dos debates sobre práticas corporais, promoção da saúde e os espaços e experiências de lazer nos grandes centros urbanos.

Para tentar responder quais os significados atuais das práticas corporais atribuídos pelos usuários do Parque Barigui iniciamos o nosso estudo com as discussões sobre o planejamento urbano da cidade e a concepção de parques

adotada por Curitiba. Tal levantamento nos fez perceber que “a implementação de um grande número de espaços dessa natureza em Curitiba deu origem a marca identitária: ‘Curitiba, cidade dos parques’” (RECHIA, 2003, p.173). No entanto a autora aponta para algumas contradições nesse processo e relata que esses espaços foram vinculados a características de diferentes etnias e a projetos culturais adicionais, os quais, segundo a autora, tinham como objetivo criar uma identidade e conferir vitalidade a esses lugares, transformando-os em pontos de encontros dos curitibanos. Para Rechia (2003) as discussões teóricas que apontam a busca por marcas identitárias surgem como um pressuposto para atrair público e investimentos.

Toda via, mesmo considerando os conflitos e as contradições desse modelo de planejamento urbano, nosso trabalho vem a ressaltar a pesquisa de Rechia (2003), pois se torna indispensável reconhecer que a criação desses ambientes, além de ter preservado grandes áreas verdes no interior da cidade, evitou a habitação nos fundos de vale, preservou as matas ciliares e, através de seus lagos artificiais, regulou a vazão dos rios que cortam a cidade em períodos de enchentes. Tais espaços oportunizaram ainda muitas experiências no âmbito do lazer e da cultura, passando a se constituir em territórios privilegiados da cidade, o que de certa forma lhes confere uma identidade peculiar com aspectos positivos para a comunidade local e um avanço no planejamento urbanístico de Curitiba (RECHIA, 2003).

Em relatório publicado pela Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, em que foram apresentados os dados da pesquisa VIGITEL com relação a existência de um local para a prática de esporte ou exercício físico próximo da casa, cerca de 77% dos entrevistados responderam que tais espaços existem e entre esses, as praças, ruas e parques foram citados em cerca de 80% dos casos. A pesquisa reforça como os curitibanos adotaram os parques públicos da cidade como uma referência das vivências no tempo/espaço de Lazer e como nos relata Rechia (2003, p. 60), os parques são como se fossem “as praias” dos moradores da cidade e região metropolitana.

Além disso, em nossos estudos pudemos perceber também a forte relação existente entre os curitibanos e o Parque Barigui. Além de ser um dos mais antigos parques da Cidade, o Barigui é um dos mais freqüentados e por isso apresenta uma diversidade nas formas de apropriações e também das pessoas que o visitam. Este

aspecto ficou bastante evidente neste trabalho, quando em nossas observações descrevemos as pessoas que freqüentam o parque e a imensidade de possibilidades de vivências que lá ocorrem. Toda essa variedade é capaz de promover encontros sociais importantes, fato que também foi comprovado nas falas dos nossos entrevistados, quando estes apontaram para o Parque Barigui como um local que os possibilitou vivenciarem suas práticas corporais ou atividades físicas, mas também oportunizou novas relações sociais, novas maneiras de desfrutarem as dinâmicas no tempo/espaço de Lazer.

Durante as nossas observações constatamos que, dentre os usuários do parque que o freqüentam regularmente para as suas atividades físicas/práticas corporais, durante os dias de semana e no sábado pela manhã, há uma predominância de mulheres e a prática mais observada é sem dúvida a caminhada, mas grande parte dos caminhantes executa suas atividades com tamanha intensidade que parecem estar prestes a transitar para uma corrida. Tal constatação ficou mais evidente nos homens que também frequentam o parque em grande número e a principal manifestação corporal destes é a corrida.

No entanto, através do mapeamento pudemos verificar que, embora os projetos arquitetônicos do parque contemplassem alguns equipamentos de esporte como as quadras e canchas de areia, esses locais permanecem grande parte do tempo desocupados. Por outro lado alguns espaços com pouco investimento arquitetônico, como é o caso dos “gramadões”, aparecem como importantes para boa parte dos usuários do parque. Nesse sentido, Rechia (2003) já havia apontado para algumas formas de (re) significações dos espaços e equipamentos de esporte e lazer da cidade de Curitiba.

Para essa autora, embora os projetos arquitetônicos para os parques públicos urbanos da cidade tenham sido criados com um certo “pragmatismo técnico”, ao longo destes anos a comunidade apropriou-se desses espaços “transformando-os em ‘cenários de encontros’, por meio de uma diversidade de práticas culturais que associam lazer e natureza no meio urbano” (RECHIA, 2003 p. 172).

Toda via, não podemos deixar de relatar sobre a existência de alguns espaços construídos para determinadas práticas e que são respeitados pelos usuários do parque como é o caso da pista de Cooper e caminhada e a de bicicleta e afins. Embora não seja total a adesão, é difícil percebermos alguém transgredindo o código que está estabelecido no parque e que divide a pista em dois tipos de

práticas, sendo uma para a prática do Cooper e caminhada e a outra para os usuários com equipamentos de rodas.

Para além das normas explícitas pudemos observar também que existem alguns códigos silenciosos que são estabelecidos no parque. Existem grupos de praticantes que aparentemente são desconhecidos, mas que por realizarem práticas corporais parecidas passam a adotar as mesmas condutas. Nesse sentido, podemos destacar os praticantes de corrida que antes de suas atividades têm como parada obrigatória os equipamentos de ginástica localizados no interior do parque, para realizarem seus alongamentos iniciais, ou ainda o uso das roupas específicas que mais parecem um “uniforme” deste grupo.

A fim de buscar tirar “grandes conclusões a partir de pequenos fatos, mas densamente entrelaçados e capazes de apoiar as afirmativas sobre o papel da cultura na construção coletiva” (GEERTZ, 1989, p25), buscamos observar melhor o grupo que utiliza os equipamentos do parque para as práticas da corrida e caminhada.

Os corredores e caminhantes do Parque Barigui entrevistados são em sua maioria moradores do entorno ou trabalham próximo ao local. A localização central do parque pode ser considerada como um aspecto positivo nesse sentido uma vez que foi percebida como um dos principais motivos do uso frequente. Toda via, pudemos observar que a centralidade do mesmo auxiliou no processo de seleção dos usuários pesquisados, que em sua maioria possuem formação em nível superior.

Para Jacobs (1996) se o parque for bem localizado pode tirar proveito de seus trunfos facilitando o acesso de pessoas nos mais diferentes horários do dia e em variados dias da semana, como é o caso do Parque Barigui, que recebe a visita de pessoas de distintas partes da cidade todos os dias e em horários diferenciados, o que o torna um parque muito apropriado durante praticamente o dia inteiro.

Além da proximidade do parque outra variável muito apontada por grande parte dos entrevistados foi a importância do contato com a natureza durante a realização de suas práticas. A beleza natural do local foi apontada por muitas pessoas como fundamental e a relação corpo/natureza foi percebida como uma sensação de liberdade e de bem-estar para os frequentadores do parque. Nesse sentido, o parque possibilitou também a oportunidade de novas formas de se

relacionar com a natureza onde estar sob a presença do sol, das árvores, do rio, dos animais foi tido como importante para uma grande parcela de freqüentadores.

Para Maffesoli (1996, p.234), com a recente “ecologização do mundo social”, está a se presenciarem o ressurgir de valores notáveis e significativos, considerados arcaicos, das características do natural na vida social, como por exemplo, a paisagem. Percebe-se uma espécie de simpatia, colocada pelo autor como um sentimento de participar de um cosmo comum, uma forma de harmonia entre os diversos elementos desse universo, uma lógica realmente comum, onde a natureza permite-se tocar na paisagem, lembrando “que a vida social repousa sobre a taticidade”.

Segundo Bruhns (2007), o simples caminhar em ambientes naturais, pode ampliar a reflexão sobre a vida, estimulando o desenvolvimento da capacidade poética e lúdica, recuperando a imaginação e aguçando os sentidos. A autora defende a idéia de co-existência entre os meios urbano e natural, onde esse (re) encontro do homem contemporâneo com a natureza é potencializado pelo sentimento de abstenção gerado à partir do “crescimento indiscriminado dos centros urbanos gerando uma série de problemas estressantes como congestionamentos, barulho, poluição do ar, infra-estrutura escassa de abastecimentos, dentre outros” (BRUHNS, 2007, p. 09).

Embora alguns usuários do parque tenham demonstrado essa sensível relação de co-existência entre corpo/natureza durante suas práticas corporais, para outros o ambiente natural pode ser percebido apenas como paisagem. Nesse sentido, Maffesoli (1996) gera a reflexão sobre a criação de uma tendência que integra e evidencia a naturalidade das coisas como um pensamento corrente que demonstra, em muitas situações do cotidiano, uma ausência de consciência ou mesmo de fundo ideológico. Na visão de Bruhns (2001, p.94), neste caso, podemos perceber a “redução da natureza a um pano de fundo, um cenário teatral no qual os protagonistas se utilizam para as suas atividades”. Sendo assim, o conhecimento do meio ambiente ou a proteção ambiental correm o risco de tornarem-se banais, retomando a idéia de dominação da natureza em busca do prazer.

Pudemos perceber que o parque é freqüentado, consideravelmente, por pessoas que o utilizam para realizarem atividade física sob a forma de exercícios físicos com finalidades desportivas. Para os atletas, amadores ou não, de corrida de rua ou triátlon que treinam no local o parque é percebido apenas como um cenário

para as suas práticas. Para esse grupo, além da menor sensibilidade como o meio, há uma maior preocupação com as manifestações fisiológicas do exercício físico e a busca da promoção da saúde através de uma melhor aptidão física.

Tal constatação nos ficou evidente ao observarmos as expressões do grupo, ou seja, a padronização das atividades físicas realizadas, as formas de se vestir e principalmente nas falas e argumentos defendidos pelos entrevistados. As tendências biologicistas do século XX parecem ter sido incorporadas por alguns indivíduos e a busca pelo desempenho e pela melhora da aptidão física são evidentes para esse grupo. Os praticantes de atividade física identificados neste estudo são adultos e, portanto, fazem parte de todo um contexto localizado por nós durante o levantamento teórico do trabalho e identificado pelo caráter biologicista histórico do século XX, onde a saúde aparece apenas como oposição à doença e a aptidão física primordial para uma vida saudável.

Nesse sentido, embora alguns assumam sentir dor ou cansaço durante suas práticas, os mesmos entendem que “tudo isso é necessário para obter melhores resultados” como se fosse uma reprodução do processo de esportivização das práticas corporais denunciada por nós como hegemônicas neste país principalmente no século passado.

Outra constatação interessante é anunciada por Matiello Junior (2001), quando o autor nos remete ao fato de que os conhecimentos científicos a respeito dos benefícios biológicos do exercício tornaram-se de senso comum. As pessoas investigadas atribuem facilmente a prática de exercícios físicos à liberação de hormônios como a endorfina, ou ainda a importância dessas práticas para o controle lipídico, de colesterol ou da pressão sanguínea.

Tal situação parece refletir o processo reducionista, apontado por nós como fruto de muitas ações de políticas públicas que tinham como fundamento as ideologias biologicistas do século XIX e XX. Embora essa conceituação já esteja sendo superada no meio acadêmico e no plano teórico de alguns programas contemporâneos de promoção à saúde, ela ainda possui grandes influências nas pessoas que tiveram sua formação sob aquele paradigma hegemônico das ciências bio-médicas. A relação entre a prática de atividade física e a promoção de saúde parece ser imediata e óbvia para seus praticantes. A esse respeito Carvalho (2005) já havia apontado para o “mito” da atividade física e saúde, onde a prática indistinta de atividade física é capaz por si só de promover saúde a seus praticantes.

Além disso, os discursos proferidos pelos entrevistados nos mostram que as ações relatadas pelo programa Curitibatiba parecem não ter atingido os usuários do Parque Barigui. No que tange as ações do governo municipal, a população estudada não reconhece quais são os programas da prefeitura para promoção do estilo de vida ativo populacional, pois o único programa municipal citado pelos entrevistados foi o circuito de corridas de rua.

Por outro lado, salientamos a organização do circuito de corridas de rua promovido pela SMEL como um dos principais responsáveis pelo aumento da cultura da corrida que é notória no Parque Barigui. Pudemos perceber que é comum algumas pessoas freqüentarem o parque, pois fazem parte de grupos organizados que prescrevem seus treinos nesse parque. Ao que nos parece, o Parque Barigui tornou-se um verdadeiro encontro de pessoas que treinam nesse local para participarem das provas de corrida de rua da cidade de Curitiba.

A prefeitura Municipal de Curitiba através da Secretaria de Esporte e Lazer (SMEL), organiza o circuito de corridas de rua de Curitiba. As provas ocorrem em seis etapas distribuídas ao longo do ano¹⁸. No entanto, a SMEL apóia uma série de outras provas e eventos de corrida de rua que, somados a outros tantos organizados por diversas instituições, tornam o calendário anual desse esporte bastante amplo na cidade.

Não cabe neste momento julgarmos as políticas públicas de incentivo ao esporte populacional e a separação social que elas podem causar. Por mais que compreendamos as possibilidades de atrair novos adeptos de um estilo de vida ativo motivados pelo desempenho durante as etapas do circuito, pensamos que os programas da SMEL, como o Curitibatiba, devem ser mais bem avaliados e, se preciso for, reformulados na tentativa de ajustá-los para que cumpram com os objetivos anunciados, os quais visam promover o aumento no nível de atividade física da população de Curitiba, oferecendo reais condições a todos participarem.

Embora reconheçamos que Curitiba possui um diferencial em áreas públicas para as vivências de Lazer de seus moradores, as ações de políticas públicas têm se mostrado insuficientes para promover as práticas corporais de sua população. Os dados do relatório publicado pela Secretaria Municipal da Saúde (VIGITEL 2006 – 2007) mostram que cerca da metade dos entrevistados relataram ter praticado

¹⁸ As informações sobre o circuito de corridas de rua de Curitiba e as outras provas apoiadas pela SMEL estão acessíveis no sítio da Prefeitura: www.curitiba.pr.gov.br, em novembro de 2008.

algum tipo de exercício físico ou esporte nos últimos três meses, sendo que esta prevalência foi maior entre os homens 51,3% do que entre as mulheres 49,8%. O relatório traz ainda a prevalência dos que praticam atividade física no tempo liberado do trabalho, sendo que os números são muito menores, atingindo apenas 19,2% entre os homens e 11,2 entre as mulheres.

Ainda que possamos considerar algumas falhas metodológicas nesse tipo de pesquisa, como as reais condições para o lazer das pessoas entrevistadas, só para ficarmos por aqui, esses são dados que devem ser considerados. O programa do Governo Municipal não está atingindo grande parte da população que além de não reconhecê-lo, não está conseguindo aderir a um estilo de vida ativo, uma vez que o número de pessoas que não faz nenhum tipo de atividade física regularmente é grande e as práticas corporais vivenciadas no tempo/espço de lazer estão se tornando escassas.

Contudo, torna-se evidente a necessidade de reformulação dos processos de promoção à saúde populacional por meio da atividade física na cidade de Curitiba. Embora os programas contemporâneos do Ministério da Saúde demonstrem certo avanço no que tange a promoção da saúde coletiva, prevendo a importância da atividade física/práticas corporais bem como da intersectorização para que estes programas possam atingir a população mais necessitada com o intuito de dar condições reais para que os sujeitos possam desfrutar de uma vida com qualidade, na prática isso parece não acontecer. O referido programa da prefeitura municipal segue uma tendência nacional e mundial do século XX e faltam ainda esforços para que os diferentes setores governamentais e sociais possam dialogar a respeito das reais necessidades de se implementar esse tipo de programa.

A cultura corporal neste país ainda sofre com o movimento hegemônico da educação física voltada à promoção da saúde apenas sob perspectivas mecanicistas, visando promover o hábito do exercício físico para promoção da aptidão física, orientando a população sobre a importância da prática regular de exercícios, bem como alertando para as atitudes positivas e adoção de estilos de vida saudáveis.

Fica portanto a expectativa de que o fenômeno da culpabilização do indivíduo anunciada neste trabalho como fruto de um paradigma e estampado na interpretação da cultura corporal que encontramos em nossa investigação possa de fato ser superado na prática. Acreditamos em uma perspectiva mais crítica que situe

os problemas de saúde no âmbito social e ambiental e que suas estratégias de promoção procurem facilitar a mudança social e comunitária. Nesse contexto as atividade física/práticas corporais e suas relações com a saúde são compreendidas como parte de questões sociais mais amplas, como os problemas condicionantes econômicos, culturais, étnicos e políticos que impedem a tomada de decisões mais saudáveis.

Por fim acreditamos que os programas fundamentados em ocupar do tempo/espço de lazer da população, leve em consideração a conquista histórica dos trabalhadores pelo seu tempo disponível e sejam respeitados o caráter de liberdade do lazer, sendo considerado como um lugar de organização da cultura, pois é nesse tempo/espço que o sujeito tem a oportunidade de vivenciar elementos da cultura ou até mesmo dar outros significados a essas vivências. Oportunizar às pessoas a possibilidade dessas vivenciarem a cultural corporal do movimento humano, seja através dos jogos, esportes, danças, lutas ou ginásticas mas que permita uma reflexão sobre o corpo, os valores sociais e morais como a solidariedade, entre outros, mas sobretudo enfatizando a liberdade na expressão de movimentos e a emancipação.

Desta forma, através de políticas públicas efetivas, as quais promovam práticas corporais conscientes, acreditamos ser possível reconhecer e/ou negar as submissões que nos são impostas, assim como adquirir a capacidade de compreender as diferentes formas sociais que atuam em uma contínua opressão. Sendo assim, mesmo ante as dificuldades e injustiças do dia-a-dia, as pessoas devem ter o direito de vivenciar o lúdico, produzir cultura e construir a sua própria história.

REFERÊNCIAS

ACMS – Americam College of Sports Medicine. **Manual para teste de esforço e prescrição de exercício**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2000.

BAGRICHEVSKY, M., ESTEVÃO, A., Sedentarismo, nós e o mundo (im)possível no contexto da ciência. **Rev. de Saúde Pública**; 41(5):862-64, 2007.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. **Agita Brasil: Programa Nacional de Promoção da Atividade Física / Coordenação de Promoção da Saúde**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRUHNS, HTB. Esporte e Natureza: A Experiência Sensível. **Revista Motriz**, v.7,n.1, p.s93-s98, 2001.

BRUHNS, HTB. Lazer e Meio ambiente: Reflexões Sobre Turismo na Natureza. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** 21 (1), Setembro/1999.

BRUHNS, HTB., Ecoturismo e Caminhada: Na Trilha Das Idéias., disponível em: **www.unibero.edu.br**, acessado em nov/2007.

CAGNATO, EV. **Praça Afonso Botelho: O Foco das Observações no Âmbito do Esporte e Lazer**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná, 2007.

CARVALHO, YM de. **O “Mito” da Atividade Física e Saúde**. 3ª ed - São Paulo: Hucitec. 2004.

CARVALHO, YM. Práticas Corporais e Comunidade: um projeto de educação física no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa. IN: FRAGA, A.B; WACHS, F. **Educação Física e Saúde Coletiva: Políticas de Formação Perspectivas de Intervenção**, UFRGS Editora, 2007.

CASTIEL, LD, Sedentarismo, nós e o mundo (im)possível no contexto da ciência. **Rev. de Saúde Pública**; 41(5):862-64, 2007.

CELAFISCS. **Programa Agita São Paulo**. Celafiscs, São Paulo. 1998. disponível em **www.celafiscs.com.br**, acessado em dez/2007.

COUTO, IC. Olhares da cidade: Curitiba e suas representações. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, n. 28, FCHLA 04, p. 225-247, Curitiba, mar. 2002.

CURITIBA, Site oficial da Prefeitura Municipal de Curitiba, disponível pelo endereço **www.curitiba.org.br**, acessado em março de 2008.

DARREN E.R. Warburton, Crystal Whitney Nicol, Shannon S.D. Bredin. Health benefits of physical activity: the evidence. **Canadian medical Association Journal CMAJ** - March 14, 2006.

DIAS, CAG . Esporte na Natureza e Materialidade Urbana. Disponível em: www.tempopresente.org _PDF_POWERED _PDF_GENERATED 12 June, 2007.

DIAS, CAG. **Lazer e esportes na natureza face à educação ambiental: entre o possível e o necessário.** in Seminário o lazer em debate, v. coletânea do v seminário o lazer em debate. anais.. (CD-ROM p.187 - 193). Rio de Janeiro: UFRJ/LAZMIN, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979. 249 p. 1979.

FERREIRA, MS; NAJAR, AL. - Programas e Campanhas de Promoção da Atividade Física. **Ciência & Saúde Coletiva**, 10 (sup): 207-219, 2005.

FRANÇA, R. de. **Diálogos Entre Oferta e Demanda: Uma Análise da Relação Entre o Poder Público e os Grupos de Ativismos Sociais Referentes aos Parques da Cidade de Curitiba.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Paraná, 2007.

GANZ, S., AGUDELO PERALTA, LP., CHEROBIN, P. Curitiba, a Capital Ecológica, Sob o Olhar da Biologia. disponível em: http://www.ppgte.cefetpr.br/semanatecnologia/comunicacoes/curitiba_a_capital.pdf. 2003.

GEERTZ. C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro. LTC – Livros técnicos e científicos Editora S. A ., 1989.

GUEDES, DP.; GUEDES, JERP. **Exercício físico na promoção da saúde.** Londrina: Midiograf, 1995.

GORDIA, AP., **Associação da atividade física, consumo de álcool e índice de massa corporal com a qualidade de vida de adolescentes.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná, 2008.

HILDEBRAND, E., GRAÇA, LR., MILANO, MS. Distância de Deslocamento dos Visitantes dos Parques Urbanos em Curitiba-Pr. **Floresta e Ambiente**, V. 8, n.1, p.76 -83, jan./dez. 2001.

IPPUC. Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Bosques e Parques de Lazer e Preservação em Curitiba - 2008** – Departamento de parques e praças – Curitiba, Pr – 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: M. Fontes, 2000. 1996.

KRUCHELSKI S., RAUCHBACH R., (ORGS). **Curitibativa gestão nas cidades voltada à promoção da atividade física, esporte, saúde e lazer: Avaliação,**

prescrição e orientação de atividades físicas e recreativas, na promoção de saúde e hábitos saudáveis da população curitibana / – Curitiba: 2005.

LADISLAU, CR. O “Meio” Humano e o Ser Ambiente: Esporte/Lazer e Intervenção Ambiental – Primeiras Aproximações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** 21 (1), Setembro/1999.

LAKATOS, EM; MARCONI, M de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

LUZ, MT. **Educação física e saúde coletiva**: papel estratégico da área e possibilidades quanto ao ensino na graduação e integração na rede de serviços públicos de saúde. IN: FRAGA, A.B; WACHS, F. **Educação Física e Saúde Coletiva**: Políticas de Formação Perspectivas de Intervenção, UFRGS Editora, 2007.

MALTA, DC. e cols. A Política Nacional de Promoção da Saúde e a agenda da atividade física no contexto do SUS. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 18(1):79-86, jan-mar 2009.

MARCELLINO, NC. **Introdução às ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1987.

MASCARENHAS, F. MARCASSA, L. – Lazer. IN: GONZÁLEZ, F.J. FENSTERSEIFER, P.E. - **Dicionário crítico de Educação Física**, 2005.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARINHO, A. O Lúdico e a Natureza, disponível em: www.anppas.org.br, acessado em nov/2007.

MATIELLO JUNIOR, E.; GONÇALVES, A. Entre a bricolagem e o personal training ou...a relação atividade física e saúde nos limites da ética. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, 12., 2001, Campinas. Anais... Campinas: UNICAMP, 2001. CD-ROM.

MATIELLO JUNIOR, E; e cols. Superando riscos na atividade física relacionada à saúde. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 39-61, janeiro/abril de 2008.

MATSUDO, SM. et. al., Nível de atividade física da população do Estado de São Paulo: análise de acordo com o gênero, idade, nível socioeconômico, distribuição geográfica e de conhecimento, **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília v. 10 n. 4 p. 41-50 outubro 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MINAYO, MC. HARTZ, Z.M.A. BUSS, P.M. Qualidade de vida e saúde: um debate

necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, 5(1):7-18, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Programa Nacional de Promoção da Atividade Física "Agita Brasil": Atividade física e sua contribuição para a qualidade de vida. **Revista de Saúde Pública**; 36(2):254-6, 2002.

NAHAS, MV. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina: Madiograf, 2000.

OLIVEIRA, MA. Trajetória do Discurso Ambiental em Curitiba (1960-2000). **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 16, p. 97-106, jun. 2001.

OURIQUES, JC. **Análise de documentos internacionais de promoção da Saúde**: possíveis contribuições para a educação física brasileira. 2006. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, 2006.

PADILHA, V. **Dialética do Lazer**. São Paulo, Cortez – 2006.

PALMA, A. Atividade física, processo saúde-doença e condições sócio-econômicas: uma revisão da literatura. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, 14(1):97-106, jan./jun. 2000.

PALMA, A. BAGRICHEVSKY, M. - Estilo de Vida. IN: GONZÁLEZ, F.J. FENSTERSEIFER, P.E. - **Dicionário crítico de Educação Física**, 2005.

PARDINI R. et al. Validação do questionário internacional de nível de atividade física (IPAQ - versão 6): estudo piloto em adultos jovens brasileiros. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília v. 9 n. 3 p. julho 2001.

RECHIA, S. Espaço e planejamento urbano na sociedade contemporânea: políticas públicas e a busca por uma marca identitária de Curitiba. **Revista Movimento, Porto Alegre**, v.11,n.3,p.49-66, set/dez, 2005.

RECHIA, S. **Parques Públicos de Curitiba**: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer. UNICAMP: Campinas, 2003. Tese de Doutorado.

REGO, RA., et al. Fatores de Risco para Doenças Crônicas Não-Transmissíveis: Inquérito Domiciliar no Município de São Paulo, Sp (Brasil). Metodologia e Resultados Preliminares. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, 24(4), 1990.

REIS, RS.; PETROSKI, EL. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Educação Física. **Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba**: uma abordagem sócio-ecológica da percepção dos usuários. 2001. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

ROCHA, VM., CENTURIÃO, C.H. Profissionais da saúde: formação, competência e responsabilidade social. IN: FRAGA, A.B; WACHS, F. **Educação Física e Saúde Coletiva: Políticas de Formação Perspectivas de Intervenção**, UFRGS Editora, 2007.

SEIDL, EMF. ZANNON, CMLC. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20(2):580-588, mar- a b r, 2004.

SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE/MS, **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Ministério da Saúde, Brasília-DF, 2006.

SOUZA, NR. Planejamento Urbano em Curitiba: Saber Técnico, Classificação dos Cidadãos, e Partilha da Cidade. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 16, p. 107 – 122, jun/2001.

SUASSUNA, D., JÔNATAS BARROS, J., AZEVEDO, A., SAMPAIO, J A Relação Corpo–Natureza na Modernidade. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 13-22, jan./abr. 2005.

TRIVIÑOS, ANS. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação : o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

Entrevista semi-estruturada

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Nome
- Idade
- Gênero
- Nível de instrução
- Profissão
- Lugar que mora. Bairro

• Roteiro de perguntas para estimular o diálogo

- 1) Por que escolheu o Parque Barigui para freqüentar?
- 2) Há quanto tempo você freqüenta o parque?
- 3) Quantas vezes por semana vem ao parque?
 - i. Quais os dias que você freqüenta o parque?
 - ii. Se vem no fim de semana porque?
- 4) Quais as atividades que realiza no parque?
- 5) Como vem ao parque?
- 6) Tempo de deslocamento até o parque para as suas práticas?
- 7) Você costuma vir acompanhado?
 - i. (sim) com quem? São praticantes da mesma modalidade? Onde conheceu? É um grupo? Qual o significado da prática realizada em grupo ou entre amigos? Vocês participam de competições ou viagens juntos? Esse vínculo que existe durante as práticas corporais, em algum momento já foi estendido para vida pessoal, social ou familiar?
 - ii. (não) Por que?
- 8) Você realiza ou já realizou práticas corporais em outro lugar além do parque? Quais?
 - i) Para você qual a diferença entre realizar atividades no parque ou em outro lugar?
- 9) Quais as sensações você tem no corpo quando vem ao parque?
- 10) Durante a infância e adolescência você realizava Práticas corporais regularmente? Quais?

11) Por que realiza práticas corporais?

12) O que é saúde para você?

13) O que é ter um corpo saudável?

14) O que você faz para ter um corpo saudável?

15) **CURITIBATIVA**

- ✓ Você conhece algum projeto da prefeitura para incentivo à prática regular de atividade física? Qual? Participa ou já participou de algum?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (USUÁRIOS)

Pesquisador responsável:

Profª Dra. Simone Rechia,
Prof.º Marcelo Ponestki Oliveira

Fone: (**) 9614-****.

Endereço: R. Raul Pompéia, n.º **** - Bairro: *****. Curitiba-PR

E-mail: marcelo.o@pucpr.br

Este é um convite para você participar voluntariamente do estudo “Práticas Corporais Realizadas em Meio a Natureza”. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar ou não do estudo. Caso haja qualquer dúvida sobre o estudo, pergunte ao pesquisador que lhe entregou este documento.

▪ **OBJETIVOS E BENEFÍCIO DO ESTUDO**

Este estudo se propõe a observar como a comunidade utiliza os espaços destinados às experiências e práticas corporais no tempo/espaço de lazer, identificando como ocorre a utilização, apontando quais são as práticas corporais vivenciadas no dia-a-dia daquela comunidade, o perfil dos sujeitos ou grupos que se apropriam destas práticas, bem como compreender qual o significado dessas práticas corporais .

Em outras palavras, nosso objetivo é saber como a comunidade utiliza os espaços e equipamentos que fazem parte do Parque Barigui, observando quais são as atividades desenvolvidas tanto individualmente quanto em grupos, o perfil dos praticantes e o significado que esses atribuem a tais práticas.

Este estudo pode contribuir para a efetivação de políticas públicas pensadas para o Parque Barigui, trazendo melhorias para a comunidade no que diz respeito à segurança, acessibilidade, manutenção e supervisão do parque.

▪ **PROCEDIMENTOS**

Para efetivarmos o estudo, buscaremos observar como ocorre a utilização dos espaços e equipamentos de esporte e lazer do Parque Barigui e quais são as práticas corporais vivenciadas pela comunidade. Para isso, realizaremos observações e entrevistas semi-estruturadas com as pessoas que utilizam o parque. A entrevista, elaborada pelo pesquisador, poderá ser gravada, respeitando-se completamente o anonimato do entrevistado. Assim que a pesquisa termine, as gravações serão deletadas.

Dessa forma, sua participação na pesquisa acaba sendo fundamental para o avanço do entendimento e esclarecimento da relevância destes espaços para vivências significativas no âmbito do lazer e esporte.

- **PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA**

A sua participação neste estudo é *voluntária*, ou seja, não haverá nenhuma forma de pagamento ou ressarcimento, no entanto você terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete em qualquer prejuízo para você.

- **GARANTIA DE SIGILO E PRIVACIDADE**

As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

- **ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS**

Você pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar do estudo.

Diante do exposto acima eu, _____ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido(a) sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participar de livre e espontânea vontade. Foi-me assegurado o direito de abandonar o estudo a qualquer momento, se eu assim o desejar. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Curitiba, ____ de _____ de 2008.

Sujeito

RG:

Marcelo Ponestki oliveira

Pesquisador

RG: 6.254.***-*

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER

NOME DO ESPAÇO:

PERFIL

Caráter / Responsável: Órgão responsável pelo espaço (prefeitura, estado, privado, etc.).

Localização: Endereço completo.

Número de pessoas que atende: Média de público.

Data de Fundação: Data em que o espaço foi inaugurado.

Histórico: Resumo da história do local, o que tinha antes no lugar, porque se deu sua construção, reformas ocorridas, etc.

ACESSIBILIDADE

Espaço físico (adequação a portadores de necessidades especiais): Possibilidades de acesso a portadores de qualquer tipo de necessidades especiais em todos os espaços e equipamentos.

Meios de transporte: Facilidade ou dificuldade de se chegar ao local, quais os ônibus, vias de acesso, estacionamento, etc.

Valor: Se há cobrança de alguma taxa para a utilização de qualquer espaço ou equipamento e o valor cobrado.

Horário: Horário disponível para a utilização do público.

Tempo: Se o espaço fica disponível para a utilização todos os dias, somente durante a semana, só nos fins de semana ou apenas durante o período de férias.

DESCRIÇÃO

Área total: Quanto mede (m², hectares, alqueires, etc.) a área ocupada pelo espaço.

Equipamentos: Descrição detalhada e quantificação dos equipamentos disponíveis (exemplo: uma quadra poliesportiva de cimento, pintada de verde com linhas brancas, sem rede, em espaço aberto, sem grades ao redor e com 5 bancos de madeira em volta), e outras coisas que forem consideradas relevantes.

Materiais: Se existem materiais (bolas, redes, jogos, corda, etc.) disponíveis, quantidades e condições destes materiais.

Condições: Se o local é limpo, se há segurança, iluminação e manutenção dos equipamentos.

Banheiros: Se há banheiros, qual a quantidade, a localização e manutenção/ limpeza.

APROPRIAÇÃO

Projetos: Se existem e quais são os projetos existentes no espaço (ONG's, projetos sociais, escolinhas, recreação, etc.).

Faixa etária / Sexo: Qual a faixa etária e o sexo que mais utiliza o espaço.

Formas de apropriação: Quais as práticas de lazer observadas no local.

Outras possibilidades de apropriação: Quais outras práticas poderiam ser realizadas no local (a critério do grupo).

USUÁRIOS: (se for o caso)

Idade / Sexo: Qual a idade e o sexo da pessoa entrevistada.

Residência: Qual o bairro em que a pessoa entrevistada mora.

Transporte: Qual meio de transporte é utilizado para chegar neste espaço.

Freqüência: Qual a freqüência com que o usuário utiliza o local.

Formas de apropriação: Quais os equipamentos e como ele utiliza o espaço.

Opinião sobre as condições: O que o usuário acha das condições do espaço/equipamentos.

Pontos positivos, negativos e sugestões: O que o usuário considera bom e ruim no local e quais as sugestões para a melhora do espaço.